

A MORTE DO CHANTAGISTA



COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES

A MORTE DO CHANTAGISTA

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL

PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

A MORTE DO CHANTAGISTA

OS CINCO CAROÇOS DE LARANJA

Quando consulto as minhas notas e recordações sobre Sherlock Holmes entre os anos 82 e 90, encontro tantos casos estranhos e interessantes, que não é fácil saber qual deles escolher para pôr de lado. Alguns alcançaram notoriedade através dos jornais, ao passo que outros não são propícios a salientar aquelas qualidades peculiares que o meu amigo possuía em tão alto grau e cuja demonstração é o objetivo destas páginas. Alguns também, por carência da sua aptidão analítica, seriam narrativas com começo, mas sem fim, enquanto outros têm sido apenas parcialmente esclarecidos com explicações, mas baseando-se mais em hipóteses do que em provas absolutamente lógicas, como era tanto do seu gosto. Contudo, um desses últimos casos apresentou-se tão estranho nos seus pormenores e tão surpreendente nos seus resultados que sou tentado a relatá-lo, apesar de apresentar alguns pontos que nunca foram e, provavelmente, nunca serão esclarecidos.

O ano de 1888 trouxe uma longa série de casos de maior ou menor interesse, dos quais tenho os pormenores. Entre os desse ano, encontro a história da aventura “Paradol Chamber” e da “Sociedade dos Mendicantes Amadores”, que possuía um clube luxuoso no porão de um depósito de móveis; os fatos referentes à perda do barco britânico, “Sophy Anderson”; as aventuras singulares do “Grice Patersons,” na ilha de Uffa e finalmente o caso de envenenamento em Camberwell. Neste último, como devem estar lembrados pelos jornais, Holmes conseguiu, ao dar corda ao relógio do defunto, provar que a corda já havia sido dada umas duas horas antes e que, portanto, o falecido àquela hora foi para a cama — dedução que era da maior importância para o esclarecimento do caso. De todos estes, vou fazer um resumo qualquer dia; porém, nenhum deles apresenta feições tão singulares como a corrente de estranhas circunstâncias que agora resolvo descrever.

Em fins de setembro, as tempestades haviam começado com violência excepcional. O vento zumbia todo o dia e a chuva batia tanto nas janelas que, mesmo aqui, no coração desta grande cidade de Londres, éramos forçados a afastar o pensamento da rotina quotidiana e reconhecer a presença daquelas grandes forças dos elementos da natureza que atemorizam os homens, apesar de toda a sua civilização. À medida que a tarde avançava, a

tempestade aumentava cada vez mais e o vento gemia como uma criança na chaminé. Sherlock Holmes estava sentado melancolicamente num canto da lareira, revendo as suas anotações sobre crimes, enquanto eu, do outro lado, lia com interesse uma das velhas histórias marítimas de Clark Russel, a ponto de a tempestade se confundir com a leitura e o ruído da chuva na janela se assemelhar ao clamor das ondas do mar.

— Escute, Holmes! Acho que ouvi a campainha! Quem virá numa noite destas? Talvez algum amigo seu?

— Exceto você, não tenho nenhum — respondeu. — Não gosto de visitas.

— Um cliente?

— Se for, é um caso sério. Nada faria um homem sair de casa numa noite e a uma hora destas. Acho mais provável que seja algum amigo da propriedade.

Sherlock Holmes enganou-se porque ouvimos passos no corredor e uma pancada na nossa porta. Estendeu o comprido braço para acender o candeeiro e fez incidir a luz sobre a cadeira vazia onde deveria se sentar o recém-chegado.

— Entre — convidou.

O homem que entrou era jovem, de uns 22 anos no máximo, bem vestido e de aspecto distinto. O guarda-chuva molhado que trazia na mão e a capa impermeável atestavam a violência da chuva. Olhou em volta e, devido à luz do candeeiro, pude notar que o rosto estava pálido e tinha os olhos cansados como os de um homem oprimido por grande preocupação.

— Devo pedir desculpas — disse ele, colocando as lunetas de ouro —, espero não vir incomodá-los; receio ter trazido vestígios da tempestade e da chuva para este seu confortável quarto.

— Dê-me a sua capa e o guarda-chuva — sugeriu Holmes. — Podem ficar aqui no bengaleiro para irem secando. Vejo que veio do Sudoeste.

— Sim, de Horsham.

— Essa mistura de barro e gesso que vejo nas pontas dos seus sapatos é muito característica.

— Vim pedir-lhe um conselho.

— É fácil de obter.

— E auxílio.

— Não é tão fácil.

— Já ouvi falar a seu respeito, sr. Holmes. Contou-me o major Prendergast como o salvou do escândalo do Tankerville Clube.

— Lembro-me, sim. Foi acusado injustamente de ter feito trapaça no jogo.

— Disse-me que o senhor podia resolver qualquer problema.

— Ele exagerou.

— E que nunca foi vencido.

— Fui vencido quatro vezes. Três, por homens, e uma, por uma mulher.

— O que é isso em comparação com o número dos seus êxitos?

— Sim, geralmente, tenho sido bem-sucedido...

— Espero que o seja também comigo.

— Peço que puxe a sua cadeira para mais perto da lareira e faça-me o favor de dar alguns pormenores do seu caso.

— Não é um caso comum.

— Nenhum dos casos que vêm me apresentar o são. Sou sempre o último auxílio a que recorrem.

— Em todo o caso duvido que, durante a sua longa experiência, tenha ouvido relatar uma série de fatos mais inexplicáveis do que os que têm ocorrido na minha família.

— Queira relatar os fatos essenciais, desde o princípio, para que depois eu possa perguntar sobre os pormenores que a mim pareçam ser de maior importância.

O jovem puxou a cadeira e estendeu os pés para a lareira.

— Chamo-me John Openshaw, mas a minha vida pouco tem a ver com estes horríveis acontecimentos. É um caso de herança; quero poder lhe dar uma idéia dos fatos que vou narrar desde o início.

É preciso que o senhor saiba que o meu avô tinha dois filhos: meu tio Elias e meu pai, Joseph. Meu pai possuía uma pequena fábrica em Coventry, que progrediu devido à invenção da bicicleta. Tirou a patente do pneu inquebrável “Openshaw” e o seu negócio prosperou tanto, que conseguiu vendê-lo e obter um bom rendimento anual. Meu tio Elias foi para a América, jovem ainda, e tornou-se fazendeiro na Flórida, onde dizem que tem ganho bastante dinheiro. Por ocasião da guerra civil, combateu no exército de Jackson e depois sob o comando de Hood, chegando a coronel. Quando Lee depôs as armas, o meu tio voltou para a fazenda, onde ficou durante três ou quatro anos. Por volta de 1869 ou 1870, voltou para a

Europa e comprou uma pequena propriedade no Sussex, perto de Horsham. Ganhou uma grande fortuna nos Estados Unidos, e a razão de ter saído de lá foram a aversão que sentia pelos negros e o desgosto pela política republicana, ao tornar extensivo aos pretos o direito de voto. Era solteiro, esquisito, bravo e impulsivo, usava uma linguagem de baixa condição, quando estava irado, mas era retraído. Possuía um grande jardim e prados ao redor da casa e ali se movimentava, fazia exercícios, embora às vezes, durante semanas inteiras, nem sequer saísse do quarto. Bebia muito conhaque e fumava demais, não recebia visitas e não queria saber de amigos, nem mesmo do próprio irmão.

Pouco falava comigo, mas gostava de mim, porque quando me viu pela primeira vez eu era um garoto de uns doze anos apenas. Isso foi no ano de 1878, depois de ter estado na Inglaterra, oito ou nove anos. Pediu a meu pai que me deixasse viver com ele e a seu modo foi muito bondoso para mim. Quando não estava embriagado, gostava de jogar gamão comigo. Dava-me os recados para serem transmitidos aos empregados e aos negociantes: portanto, quando eu tinha uns dezesseis anos, era uma espécie de patrão da casa. Todas as chaves me estavam confiadas, podia fazer o que entendesse, contanto que não entrasse nos seus aposentos particulares.

Havia uma única exceção: umas águas-furtadas que estavam sempre trancadas e onde ele nunca permitiu a entrada de ninguém. Com a natural curiosidade de rapaz, eu espiava pelo buraco da fechadura, mas nunca pude ver mais do que uma coleção de baús velhos e embrulhos, como era natural num quarto de arrumação.

Um dia, foi em março de 1883, apareceu uma carta com selo do estrangeiro em cima da mesa, perto do prato do coronel. Ele raras vezes recebia correspondência, porque todas as contas eram pagas diretamente e não tinha amigos que lhe escrevessem.

— Da índia! — comentou, olhando a carta — Carimbo de Pondicherry! Que poderá ser isto?

Abriu e dela caíram para dentro do prato cinco caroços secos de laranja. Comecei a rir, mas parei assim que vi o rosto do meu tio. A boca estava aberta, as olhos esbugalhados, a pele adquiriu a cor da terra e olhou espantado para o sobrescrito que ainda segurava na mão trêmula.

— K. K. K. — gritou e gemeu: — Meu Deus! Meu Deus! Os meus pecados vieram atrás de mim.

— O que está acontecendo, tio? — espantei-me.

— A morte — disse ele, levantando-se da mesa e indo para o quarto, deixando-me perplexo de horror.

Peguei o envelope e vi rabiscada em tinta vermelha, do lado de dentro da dobra e acima da borda, a letra K em maiúsculas, repetida três vezes. Não havia mais nada senão os cinco carcos. Qual seria a razão do terror que tanto o amedrontou? Levantei-me da mesa e, quando subia a escada, encontrei-o descendo com uma velha chave enferrujada que era da água-furtada numa das mãos e, na outra, uma caixinha semelhante a um cofrezinho.

— Podem fazer o que quiserem, mas continuarei resistindo — proferiu, soltando uma praga. — Diga à Mary que hoje quero a lareira do meu quarto acesa e mande chamar Fordham, o advogado de Horsham.

Fiz o que me ordenou e quando o advogado chegou, me convidou a subir ao quarto. O lume estava bem aceso e na lareira havia um monte de cinzas pretas, como se fossem de papel queimado, ao passo que a caixa de bronze se encontrava ao lado aberta. Olhei para a caixa e reparei que tinha impressas na tampa as tríplices letras K, iguais às que pela manhã vi no envelope.

— Desejo que você, John, seja testemunha do meu testamento. Deixo a minha propriedade para meu irmão, teu pai, de quem sem dúvida você herdará, podendo gozá-la em paz! Se não puder, ouça o meu conselho, rapaz: deixa-a ao seu maior inimigo. Sinto que estou lhe dando uma herança muito complicada, mas não sei o que poderá acontecer. Faça o favor de assinar o documento que sr. Fordham lhe apresenta.

Assinei o papel e o advogado foi embora. Este incidente deixou uma profunda impressão no meu cérebro. Pensava e estudava o caso sem descobrir qualquer coisa que o elucidasse. Não conseguia me livrar do pressentimento de que ia acontecer algo horrível. Mas, com o decurso das semanas sem que nada perturbasse a rotina diária, a impressão foi desaparecendo. Porém, notei uma grande mudança no meu tio. Bebia mais ainda e não queria a companhia de ninguém. Passava a maior parte do tempo no quarto, com a porta trancada por dentro; às vezes saía dali, num frenesi de ébrio, e corria para o jardim com um revólver na mão, gritando que não tinha medo de homem algum e que não ia ficar encurralado nem pelos homens, nem pelo demônio. Quando estes ataques de raiva passavam, voltava para seu quarto, fechando a porta e trancando-a como um homem que já não tinha coragem para enfrentar o terror que havia no fundo da alma. Em tais ocasiões, o seu rosto, mesmo num dia frio, brilhava com tanto suor como se o tivesse molhado numa bacia de água.

Bem, sr. Holmes, para não abusar da sua paciência, chegou uma noite em que saiu numa dessas excursões, da qual não mais voltou. Quando fomos procurá-lo, o encontramos de bruços numa lagoa coberta de líquenes,

que ficava ao fundo do jardim. Não havia sinal de violência e a água tinha pouca altura, apenas uns dois pés de profundidade, por isso o júri, levando em conta a sua excentricidade, concluiu se tratar de suicídio. Mas eu, que sabia como ele evitava pensar na morte, tive dificuldade em acreditar que ele tivesse se matado. Entretanto, meu pai tomou posse da propriedade e de umas 14 000 libras que estavam a seu crédito no banco.

— Um instante — interrompeu Holmes. — Indique-me a data de quando seu tio recebeu a carta e a data do seu suposto suicídio.

— A carta chegou a 10 de março de 1883. A morte ocorreu sete semanas depois, na noite de 2 de maio.

— Obrigado. Continue, por favor.

— Quando meu pai tomou posse da propriedade de Horsham, pedi que fizesse um exame minucioso às águas-furtadas, que estavam sempre fechadas. Encontramos a caixa de bronze, embora o conteúdo tivesse sido destruído. Dentro da tampa estava um papelzinho com as iniciais K. K. K. e com as palavras: “Cartas, memorandos, recibos e registros” escritas por baixo. Presumimos que indicavam a natureza dos papéis que haviam sido destruídos pelo coronel Openshaw. O resto que ali se encontrava era de pouco valor, exceto muitos papéis soltos e documentos que tratavam da vida do meu tio quando vivia na América. Alguns eram do tempo da guerra civil e demonstravam que ele havia cumprido o seu dever e possuía reputação de bom soldado. Outros narravam a constituição dos Estados do Sul e falavam a respeito da sua política, dando a impressão de que ele tomou parte ativa, opondo-se aos políticos que tinham sido mandados do Norte.

Desde o início de 84, quando meu pai veio para Horsham, tudo ocorreu bem até janeiro de 85. No dia 4 desse mês, ouvi meu pai soltar um grito de surpresa quando estávamos à mesa, almoçando. Tinha um envelope aberto numa das mãos e cinco carcos de laranja, na palma da outra. Sempre ri da minha história exagerada a respeito do coronel. Mas agora estava intrigado e amedrontado, já que estava acontecendo a mesma coisa.

— O que quer isto dizer, John? — balbuciou.

— É a K. K. K. — respondi.

Olhou para dentro do envelope.

— É mesmo — confirmou. — Aqui estão as mesmas letras, mas o que está aqui escrito por cima delas?

Coloque os papéis sobre o relógio de sol, li, olhando por cima do ombro de meu pai.

— Que papéis? Que relógio de sol?

— O relógio de sol que está no jardim, não há outro! — exclamei. — Porém os papéis devem ser aqueles que foram destruídos.

— Que brincadeira! Estamos num país civilizado e não podemos admitir coisas desta natureza. De onde veio o envelope?

— De Dundee — respondi, olhando para o carimbo.

— Alguma brincadeira de mau gosto. O que eu tenho a ver com o relógio de sol ou com os papéis? Não me incomodo com tais brincadeiras.

— Seria melhor avisar a polícia.

— Para rirem de mim?

— Então, permita que eu o faça.

— Não. Não quero que faça tempestade em copo d'água.

Não adiantou argumentar, porque era um homem teimoso. Mas andava com o coração apertado. No terceiro dia após a chegada da carta, meu pai foi visitar um velho amigo, o major Freebody, que é comandante de umas das fortalezas sobre a colina de Portsdown. Fiquei contente com a sua ida, pois me parecia que assim estaria mais resguardado do perigo, ficando fora de casa. Enganei-me. Dois dias depois da sua ausência, recebi um telegrama do major, implorando-me que partisse imediatamente. Meu pai tinha caído numa das profundas minas de calcário que são numerosas naquela região e estava sem sentidos, com o crânio fraturado. Fui rapidamente ao seu encontro, mas meu pai faleceu sem recuperar os sentidos. Pelo fato de estar viajando de noite, não conhecia o caminho e a mina não estava cercada, o júri não hesitou em dizer que foi “morte por acidente”. Considerei cuidadosamente os fatos em relação à sua morte e não pude descobrir qualquer indício que sugerisse homicídio. Não se viam sinais de violência nem de pegadas no chão e também não foram vistas pessoas estranhas por lá, mas devo confessar que fiquei perturbado, pois tinha quase a certeza de que qualquer plano diabólico havia sido bem preparado para liquidá-lo.

Foi desta maneira sinistra que entrei na posse da minha herança. Poderá me perguntar por que não a vendo e responderei que tenho quase a certeza de que a nossa infelicidade se relacionava com algum incidente na vida de meu tio e que o perigo continuaria, tanto numa casa, como noutra. Foi em janeiro de 85 que meu pai morreu e já se passaram dois anos e oito meses. Durante todo esse tempo vivi feliz em Horsham e tinha esperanças de que essa maldição da família tivesse terminado na última geração. Mas era cedo demais; ontem a ameaça veio para mim da mesma forma que para meu pai.

O jovem tirou do bolso do colete um envelope amarrotado e, virando-se para a mesa, sacudiu sobre ela cinco pequenos caroços de laranjas.

— Este é o envelope — continuou —, e o carimbo é de Londres, divisão Leste. Dentro, encontram-se as mesmas palavras que estavam na mensagem para meu pai: “K. K. K. Ponha os papéis sobre o relógio do sol”.

— Que fez o senhor? — perguntou Holmes.

— Nada.

— Nada?

— Para dizer a verdade, senti-me desamparado como um coelho quando a cobra vai se aproximando. Parece que estou nas garras de uma inexplicável maldição, da qual nada poderá me defender.

— Basta! — exclamou Sherlock Holmes. — Deve reagir como homem ou estará perdido. Nada, a não ser a força moral, pode salvá-lo. Não é altura para se desesperar.

— Já procurei a polícia.

— Ah!

— Ouviram a minha história com um sorriso malicioso. Estou convencido de que o inspetor já formulou a opinião de que as cartas são brincadeiras e que a morte dos meus parentes são verdadeiros acidentes, como o júri concluiu, e nada tinham a ver com os avisos.

Holmes ergueu as mãos, espantado.

— Que imbecilidade!

— Permitiram-me que arranjasse um policial para ficar em casa comigo.

— Veio com você agora?

— Não, as ordens que recebeu são para ficar em casa.

Mais uma vez Holmes se exaltou.

— Por que não veio o senhor falar comigo imediatamente?

— Não sabia. Só hoje, quando contei a minha aflição ao major Prendergast, é que ele me aconselhou a vir falar com o senhor.

— E já se passaram dois dias desde que recebeu a carta! Devíamos ter nos encontrado antes disso. Suponho que não possui mais nada, nenhum pormenor que possa nos ajudar?

— Há uma coisa...

Procurou então no bolso do casaco e, tirando um pedaço de papel azul, desbotado, colocou-o sobre a mesa.

— Tenho uma vaga lembrança de que, no dia em que meu tio queimou os papéis, reparei que os fragmentos que não estavam queimados e que jaziam entre as cinzas eram desta cor. Achei esta única folha no chão do quarto dele e acho que é um dos papéis que talvez se tenha desprendido dos outros, escapando assim à destruição. Além do fato de se referir aos caroços, não sei em que nos possa ajudar. A meu ver, julgo que fazia parte de um diário particular. A grafia é, sem a menor dúvida, de meu tio.

Holmes virou o candeeiro e nos inclinamos sobre a folha de papel que tinha a margem desigual, como se tivesse sido arrancada de algum livro. Tinha a data “Março de 1869” e em baixo lemos as seguintes anotações enigmáticas:

Dia 4 — Hudson veio. Mesmo programa de costume.

Dia 7 — Mandeí as caroços para McCauley, Paramore e John Swain, de St. Augustine.

Dia 9 — McCauley foi-se.

Dia 10 — John Swair foi-se.

Dia 12 — Visitei Paramore. Tudo bem.

— Obrigado — disse Holmes, dobrando o papel e devolvendo-o ao nosso visitante. — Agora não deve perder um só instante. Não perca tempo nem discutindo o que me contou. Vá para casa e mexa-se.

— O que devo fazer?

— Só há uma coisa a fazer, mas precisa ser feita já. Deve colocar este papel que me mostrou dentro da caixa de bronze. Ponha também um bilhete, dizendo que todos os outros papéis foram queimados por seu tio. Só ficando este. Escreva isto com clareza. Coloque a caixa no lugar indicado. Compreendeu?

— Perfeitamente.

— Não pense em se vingar por enquanto. Isso fará a justiça, mas precisamos tecer uma rede, como eles já o fizeram. Em primeiro lugar, é preciso remover o perigo iminente que o ameaça. Em segundo, é necessário desvendar este mistério e punir os culpados.

— Fico muito grato — declarou o jovem, levantando-se e vestindo a capa. — O senhor me deu esperanças. Farei tudo o que me aconselhar.

— Não perca um instante. E, além de tudo, tome cuidado, pois não há dúvida de que está sendo ameaçado por um perigo real e iminente. Como é que vai para lá?

— No comboio de Waterloo.

— Ainda não são 21 horas e as ruas estão cheias de gente. Portanto, espero que possa seguir com segurança. Mesmo assim, tome cuidado.

— Estou armado.

— Bem, amanhã começarei a trabalhar no seu caso.

— Encontro vocês em Horsham?

— Não, o seu segredo está aqui em Londres, e é onde irei procurá-lo.

— Nesse caso, voltarei daqui a um ou dois dias e trarei notícias da caixa e dos papéis. Seguirei os seus conselhos à risca.

Apertou-nos a mão e saiu.

Lá fora, o vento uivava e a chuva batia nas janelas. Aquela estranha história parecia ter vindo até nós por intermédio dos elementos convulsionados e ter sido soprada como um lençol de algas numa tempestade, sendo agora absorvida de novo pelos mesmos elementos.

Durante algum tempo, Sherlock Holmes permaneceu silencioso, com a cabeça pendendo para a frente e os olhos fixos na cadeira, contemplando as voltas azuis da fumaça que subia até o teto.

— Penso, Watson — observou, por fim —, que de todos os nossos casos, nenhum foi mais fantástico do que este.

— Exceto, talvez, o “Signo dos Quatro”.

— É verdade. Foi excepcional. Mas este John Openshaw me parece se arriscar a grandes perigos muito maiores do que os dos Sholtos.

— Já sabe que perigos são esses?

— Não há dúvida quanto à sua natureza — respondeu.

— Quem é esta K. K. K. e por que persegue esta pobre família?

Sherlock Holmes fechou os olhos, colocou os cotovelos sobre os braços da poltrona e juntou as pontas dos dedos.

— O raciocinador ideal — considerou —, depois de observar um simples fato em todos os ângulos, deduz não só a corrente de acontecimentos, como também todos os resultados seqüentes. Assim como Cuvier podia descrever corretamente um animal pela análise de um simples osso, também o observador que compreendeu perfeitamente um elo numa série de

incidentes deve ser capaz de prever todos os outros pontos relativos ao caso, tanto antes, como depois. Ainda não alcançamos os resultados que só com o raciocínio poderão ser atingidos. Problemas que têm embaraçado quem procurava a sua solução por meio dos sentidos, puderam ser resolvidos simplesmente pelo estudo e reflexão. Para praticar a arte de discernir até ao mais alto grau, é necessário que o raciocinador utilize todos os fatos que conhece; isto, em si, implica dever possuir um conhecimento de tudo quanto lhe possa ser útil ao seu trabalho o qual, mesmo nestes dias de educação livre e enciclopédica, é raro. Tenho procurado obter esses conhecimentos; mas, se não me engano, você, nos primeiros dias da nossa amizade, definiu os meus limites de sabedoria de um modo muito preciso ⁽¹⁾.

— Sim — confirmei, rindo —, era um documento singular. Filosofia, Astronomia e política estavam assinaladas com zero. Botânica, variável; Geologia, profunda, quanto às manchas de lama de qualquer região dentro de 50 milhas da cidade. Química, excêntrica; Anatomia, sem um sistema fixo; Literatura à *sensation* e anotações de crimes, sem igual; violinista, pugilista, esgrimista e advogado. Estes foram os principais resultados da minha análise.

Holmes fez uma careta bem-humorada.

— Bem, agora sei, como disse naquela ocasião, que devemos conservar a cérebro em atividade com todo o equipamento de que pode precisar e o resto pode ficar na biblioteca onde irá procurá-lo, quando necessário. Agora, por essa mesma razão e também pela que nos foi apresentada hoje, devemos juntar todos os nossos recursos. Tenha a bondade de tirar da estante a letra K da Enciclopédia Americana, aí perto de você. Obrigado. Agora vamos ver o que deduzimos da situação. Em primeiro lugar, podemos presumir que o coronel Openshaw tinha alguma forte razão para deixar a América. Homens da idade dele não trocariam à toa os seus hábitos de vida e o clima maravilhoso da Flórida por uma cidadezinha provinciana da Inglaterra. O seu excessivo amor pela solidão na Inglaterra sugere a idéia de que estivesse com medo de alguém ou de alguma coisa. Por isso formulamos esta hipótese como a razão de haver deixado a América. Quanto ao que ele temia, só poderemos deduzi-lo, ponderando o caso das iniciais recebidas por ele e pelos seus sucessores.

⁽¹⁾ Em “Um Estudo em Vermelho”, nº 1 desta coleção. (N. do T.)

— Reparou nos carimbos daquelas cartas?

— A primeira veio de Pondicherry, a segunda de Dundee e a terceira de Londres.

— São todos portos de mar, portanto a pessoa que as mandou estava a bordo.

— Excelente, já temos uma indicação. Não pode haver dúvida alguma de que o remetente estivesse a bordo de um navio. Vamos agora ver outro ponto. No caso de Pondicherry, passaram-se sete semanas entre a ameaça e o seu cumprimento; no de Dundee, apenas 3 ou 4 dias. Isto sugere alguma coisa?

— Que havia maior distância a percorrer.

— A carta também tinha maior distância a percorrer.

— É verdade! Então não vejo...

— Podemos presumir que o navio em que o homem ou os homens se encontram é um veleiro. Parece que mandaram o seu aviso antes de iniciarem a viagem para cumprirem a missão. Lembre-se da rapidez com que o ato se seguiu à ameaça quando veio de Dundee. Se tivessem vindo de Pondicherry de barco, teriam chegado quase tão depressa como a carta, mas se passaram sete semanas. Parece-me que estas sete semanas representam a diferença entre o tempo que leva o navio com a mala-postal que trouxe a carta e o navio cargueiro que trouxe o remetente.

— É muito possível.

— Mais do que isso, é provável. E, agora, veja a urgência deste novo aviso: foi por isso que insisti com o jovem Openshaw para que tome cuidado. O golpe tem sido sempre no fim do tempo necessário para os “remetentes” percorrerem o caminho. Porém, esta veio de Londres e não podemos contar com qualquer demora.

— Santo Deus! — exclamei eu. — Qual será a razão desta interminável perseguição?

— Os papéis que Openshaw guardava eram sem dúvida de importância vital para a pessoa ou as pessoas do cargueiro. Parece evidente que há mais de uma pessoa. Um homem sozinho não poderia ter praticado duas mortes enganando um júri. Devem existir vários homens no caso e devem ser pessoas de recursos e de determinação. Resolveram recuperar os seus papéis. Desse modo, K. K. K. não deve ser as iniciais de uma pessoa só, mas o distintivo de uma sociedade.

— Mas que sociedade?

— Nunca ouviu falar na Ku-Klux-Klan?

— Nunca.

Holmes virou as folhas do livro que tinha sobre os joelhos.

— Aqui está — apontou.

Ku-Klux-Klan é o nome derivado da semelhança imaginária com o som produzido ao carregar uma espingarda. Esta terrível sociedade secreta foi organizada por ex-soldados confederados nos Estados do Sul, depois da Guerra Civil, formando rapidamente outros ramos locais em diversas partes do país, principalmente no Tennessee, Louisiana, Carolina, Geórgia e Flórida. Era usada com fins políticos para aterrorizar os eleitores negros com o assassinato ou expulsão do país daqueles que fossem contra os seus métodos. As suas atrocidades eram precedidas geralmente por um aviso ao homem marcado: um ramo de folhas de carvalho, em algumas regiões, semente de melão ou caroços de laranja, em outras. Ao receber isto, a vítima podia renunciar abertamente as antigas idéias ou podia deixar o país. Se se mantivesse firme e se recusasse a considerar o aviso, seria executada e, normalmente, de modo estranho e imprevisível. Tão perfeita era a organização desta sociedade e tão sistemáticos os seus métodos, que não há registro de um caso em que o homem tivesse escapado ou que em qualquer dos casos fossem descobertos os autores do crime. Por muitos anos a sociedade foi forte, apesar dos esforços do governo dos Estados Unidos e das melhores classes da comunidade do Sul para tentar eliminá-la. Finalmente, em 1869, a sociedade desapareceu quase totalmente, embora tenham ocorrido casos esporádicos do mesmo tipo após aquela data.

— Repare — sublinhou Holmes — que o repentino desaparecimento da sociedade coincide com o desaparecimento de Openshaw da América, levando os seus papéis. Podem muito bem ter sido causa e efeito. Não é para admirar que ele e sua família tenham alguns dos mais obstinados adeptos a persegui-los. Você compreende que este registro pode indicar alguns dos homens mais importantes do Sul e existem muitos que não dormirão sossegadamente até que os papéis sejam recuperados.

— E a página que vimos?

— É o que se poderia esperar. Se não me engano, lemos: “Mandei os caroços para A., B. e C.”, isto é, mandou o aviso da sociedade para esses

indivíduos. Depois, há sucessivos apontamentos para mencionar que A. e B. desapareceram ou deixaram o país e finalmente que C. foi visitado e eu tenho um resultado sinistro para C.

Bem, doutor, creio que podemos dar um pouco de luz para esse caso, e acredito que a única chance de salvação do jovem Openshaw será proceder como lhe aconselhei. Nada mais há a fazer e a dizer por hoje. Por isso pegue o meu violino e vamos tentar esquecer durante meia hora este tempo miserável e o procedimento ainda mais miserável dos nossos semelhantes.

No dia seguinte, a manhã estava clara e o sol brilhava suavemente através do transparente véu de nuvens que pairava sobre a grande cidade. Sherlock Holmes estava tomando café quando desci do quarto.

— Desculpe não ter esperado por você — declarou —, mas tenho um dia de grande atividade à minha frente com o caso do jovem Openshaw.

— O que vai fazer?

— Dependerá das minhas primeiras pesquisas. No fim talvez precise ir até Horsham.

— Não vai lá primeiro?

— Não. Começarei aqui na cidade. Toque à campainha e a empregada trará o seu café.

Enquanto esperava, peguei o jornal, abri-o e dei uma olhada. Li um cabeçalho que me fez gelar.

— Holmes! — gritei. — Atrasou-se demais!

— Ah! — exclamou, colocando a chávena sobre a mesa. — Já esperava isso. Como foi?

Falou calmamente, mas vi que estava profundamente emocionado. Vi o nome de Openshaw e o cabeçalho era “Tragédia perto da Waterloo Bridge”. Aqui está a notícia:

Entre as 21 e 22 horas de ontem, o policial Cook da Divisão H, sentinela da Waterloo Bridge, ouviu um grito pedindo socorro e ruído de um mergulho na água. A noite estava muito escura e tempestuosa e apesar do auxílio de diversos transeuntes, foi impossível efetuar o salvamento. Com o auxílio da polícia costeira, o corpo foi por fim encontrado. Ficou provado ser do jovem cujo nome constava num envelope no seu bolso, é John Openshaw. Acredita-se que talvez ele se apressasse para apanhar o último comboio da Waterloo Station e que na pressa e na escuridão tenha perdido o rumo e caído de uma

das pequenas plataformas para as barcas. No corpo não foram encontrados sinais de violência e não pode haver dúvida de que o falecido tenha sido vítima de um trágico acidente, que deve ser realçado para se chamar a atenção das autoridades sobre o estado precário das plataformas de embarque.

Permanecemos em silêncio por alguns minutos. Holmes mostrava-se muito abatido com a notícia.

— Isto me humilha. É um sentimento mesquinho. Não há dúvida, mas fere o meu orgulho. Torna-se agora um assunto pessoal e, se Deus me der saúde, pegarei esses criminosos. Ele veio me pedir auxílio e eu o mandei embora ao encontro da morte!...

Levantou-se e andou pela sala numa agitação incontrolável. O rosto, sempre pálido, corou e ficou fechado e abriu as mãos longas e magras.

— Devem ser demônios astuciosos. Como poderiam tê-lo atraído lá para baixo? A calçada ao lado do rio não é em linha reta para a estação. Com certeza havia muita gente na ponte, mesmo numa noite dessas, para o seu objetivo. Bem, Watson, veremos quem ganhará. Vou sair.

— A polícia?

— Não. Eu próprio vou ser a polícia. Quando tiver tecido a teia, podem levar as moscas, mas antes não.

Todo aquele dia estive ocupado com o meu trabalho profissional e já era tarde quando voltei para Baker Street. Sherlock Holmes ainda não tinha chegado. Eram quase 22 horas quando entrou, pálido e cansado. Foi até a cozinha, partiu um pedaço de pão, devorou-o apressadamente, fazendo-o descer com um grande gole de água.

— Está com fome — observei.

— Nem me lembrei de que não tinha comido nada desde o café.

— Nada?

— Não tive tempo de pensar nisso.

— Foi bem-sucedido?

— Bem.

— Tem alguma pista?

— Tenho-os na palma da mão. O jovem Openshaw não ficará muito tempo sem ser vingado. Olhe, Watson, vamos imprimir neles a própria rubrica diabólica.

— Que quer dizer com isso?

Tirou uma laranja do armário e, abrindo-a, espremeu os caroços em cima da mesa. Escolheu cinco, colocou-os num envelope e, por dentro da dobra, escreveu: “S. H. para J. C.”. Depois fechou-o e endereçou-o ao capitão James Calhoun, de Brigue Lone Star, Savannah, Geórgia.

— Isto estará esperando por ele quando o seu navio chegar ao porto. Tirará seu sono nessa noite e pressentirá um aviso do destino, como aconteceu ao jovem Openshaw.

— E quem é esse capitão Calhoun?

— O chefe do bando de assassinos. Há outros e vou agarrá-los, mas ele será o primeiro.

— Como conseguiu essa pista? — interessei-me.

— Passei o dia inteiro olhando para os registros da Companhia Lloyd, seguindo a lista de cada embarcação que chegou em Pondicherry em janeiro e fevereiro de 83. Havia trinta e seis embarcações de regular tonelagem que foram anotadas ali durante aqueles meses. Dessas, a Lone Star logo me chamou a atenção pois, apesar ter vindo de Londres, o nome é o mesmo dado a um dos Estados da União.

— Texas, creio.

— Não tenho certeza de qual deles; mas sabia que o navio era de origem americana.

— E então?

— Procurei depois nos registros de Dundee e, quando vi que o Lone Star havia estado em janeiro de 85, as minhas suspeitas se tornaram uma certeza. Pedi então informações quanto às embarcações que estão atualmente no porto de Londres.

— Sim?

— O Lone Star chegou na semana passada. Fui até as docas, mas o navio havia descido o rio na maré desta manhã e estava a caminho de casa, para Savannah. Telegrafei para Gravesend e soube que o navio passou por lá poucas horas antes e, como o vento era de Leste, não tenho dúvida de que já passou Goodwins, não muito longe da ilha de Wight.

— O que pretende fazer?

— Tenho-o seguro. Ele e os dois oficiais são os únicos de nascimento americano; os outros são filandeses e alemães. Também fiquei sabendo que, ontem à noite, estiveram os três fora do navio. Soube isto pelo estivador que ajudou no carregamento. Até que o vapor com a mala postal chegue a

Savannah, terá levado esta carta, e o cabograma terá informado a polícia de Savannah de que esses três cavalheiros estão sendo procurados sob a acusação de assassinato.

Porém, pode haver sempre uma falha nos planos por mais bem delineados que sejam. Os assassinos de John Openshaw nunca receberam os carosços que lhes provaria que alguém, tão esperto e decidido como eles, os perseguia. Longas e rigorosas foram as tempestades daquele ano. Esperamos muito tempo até ter notícias do Lone Star, de Savannah, mas não conseguimos saber nada. Ouvimos, após muito tempo, que em determinado lugar no meio do Atlântico, foi visto um mastro quebrado de qualquer embarcação balançando nas ondas, com as letras “L. S.” nele esculpidas. Esse foi o destino do Lone Star.

A PONTE DE THOR

Em algum lugar, nas abóbadas do banco “Cox & Co.”, em Charing Cross, há uma caixa de estanho com vários documentos. Essa caixa, bastante estragada pelas viagens e pelo uso, tem pintado na tampa o meu nome: John H. Watson, Médico do Exército da Índia. Os inúmeros papéis de que estão ali são quase todos relatórios de casos ou problemas curiosos nos quais, em várias ocasiões, Sherlock Holmes andou envolvido. Alguns, por sinal, os menos interessantes, foram autênticos fracassos e quase não merecem ser narrados, porque não oferecem nenhuma explicação final. Um problema sem solução pode interessar ao estudante, mas poderá aborrecer o leitor. Entre esses contos não terminados está o de sr. James Phillimore que, voltando para sua própria casa para buscar um guarda-chuva, nunca mais foi visto. Não menos notável é o do navio Alicia, que numa manhã de Primavera afundou, penetrando num nevoeiro não muito denso e dele nunca mais emergiu, nada mais se ouviu a respeito do navio e da sua tripulação. Um terceiro caso digno de nota é o de Isadora Persano, conhecida jornalista e duelista, que foi encontrada completamente doida tendo diante de si uma caixa de fósforos contendo um verme notável que, segundo diziam, era desconhecido da ciência. Exceto esses casos não resolvidos, há alguns que envolvem segredos de família tão graves, que só a idéia de publicá-los causaria a maior consternação entre os freqüentadores da alta-roda. Resta ainda um considerável número de casos, de maior ou menor interesse, que eu já podia ter publicado se não fosse o receio de afetar a reputação de Holmes. Em alguns, estive diretamente envolvido e

posso falar como testemunha ocular, enquanto noutros, ou não estive presente ou desempenhei papel tão insignificante que só podem ser narrados como por uma terceira pessoa. A história que se segue é extraída da minha própria experiência.

Era uma manhã de muito vento de outubro e, enquanto me vestia, reparei como as últimas folhas secas caíam rodopiando do solitário plátano no fundo da nossa casa. Desci para o café preparado para encontrar o meu companheiro um tanto abatido, pois, como todos os grandes artistas, deixava-se facilmente impressionar pelo meio ambiente. Pelo contrário, ele estava quase terminando o café e percebi que estava em excelente disposição, além daquela alegria um pouco sinistra que era característica de seus momentos de despreocupação.

— Vejo que tem um caso para resolver, Holmes — observei.

— A faculdade de dedução é certamente contagiosa, Watson — respondeu. — Essa faculdade habilitou-o a sondar o meu segredo. Sim, tenho um caso. Depois de um mês de banalidades e estagnação, as rodas começam mais uma vez a entrar em movimento.

— Posso tomar parte?

— Não há muito que contar, mas podemos discuti-lo depois de comer os dois ovos cozidos com que a nossa nova cozinheira nos brindou. Pode ser que o estado desses ovos tenha qualquer relação com o número do *Family Herald* de ontem. Até mesmo uma coisa tão trivial como cozer um ovo exige uma atenção à passagem do tempo e que é incompatível com o romance de amor que se publica naquele excelente periódico.

Quinze minutos mais tarde, a mesa estava limpa e já estávamos um em frente do outro. Ele tirou uma carta do bolso.

— Já ouviu falar em Neil Gibson, o Rei do Ouro? — perguntou.

— Refere-se ao senador americano?

— De fato, já foi senador por um Estado qualquer do Oeste, mas é mais conhecido como o maior magnata de minério de ouro do mundo.

— Sim, conheço-o de nome. Reside na Inglaterra já há algum tempo. O nome é bastante familiar.

— É verdade. Adquiriu uma imensa propriedade no Hampshire há uns cinco anos. Já ouviu falar no fim trágico da mulher dele?

— Agora me lembro. É por isso que o nome dele é conhecido. Mas ignoro os pormenores.

Holmes fez um gesto vago na direção de uns jornais que se achavam em cima de uma cadeira.

— Não fazia a mínima idéia de que esse caso me viesse parar às mãos. Do contrário, já teria os meus recortes e as minhas notas. O problema, apesar de tremendamente sensacional, não parecia apresentar dificuldades. A interessante personalidade da acusada não obscurece a clareza da prova. Foi esta a opinião do júri encarregado do caso, e o ponto de vista do tribunal de polícia não divergiu. O caso está agora no tribunal comum de Winchester. Receio que seja uma tarefa ingrata. Posso descobrir fatos, Watson, mas não posso alterá-los.

A menos que surja qualquer outro inteiramente novo e inesperado, não vejo como o meu cliente possa nutrir qualquer esperança.

— O seu cliente?

— Ah! Esqueci que não tinha lhe dito. Já estou com o hábito de contar uma história começando pelo fim. Era melhor você ler isto primeiro.

A carta que me entregou, escrita numa letra rasgada e firme, dizia o seguinte:

CLARIDGE'S HOTEL, 3 de Outubro.

Prezado sr. Sherlock Holmes

O meu coração não suporta ver condenar à morte a melhor mulher que Deus pôs neste mundo sem fazer tudo quanto for possível para salvá-la. Não consigo explicar os fatos, mas não tenho a menor dúvida quanto à inocência de srta. Dunbar. O senhor sabe, com certeza, o que aconteceu. Não há ninguém que não saiba. Também não há quem não comente. E não se ergue uma só voz para defendê-la! É a clamorosa injustiça que me põe fora de mim. Uma mulher com um coração tão sensível, incapaz de fazer mal a uma mosca! Pretendo aparecer aí, amanhã, às onze horas, para ver se o senhor consegue lançar um raio de luz sobre tanta treva. E talvez eu disponha de algum indício, sem o saber. Seja como for, tudo que sei e tudo o que tenho está ao seu dispor, contanto que o senhor a salve. Suplico-lhe que aplique todos os seus poderes no presente caso.

Com elevado apreço,

J. Neil Gibson.

— Aí tem — disse Sherlock Holmes, batendo na borda da mesa com o cachimbo que acabava de fumar e reatacando lentamente. — É esse o cavalheiro cuja visita aguardo. Quanto à história, você não terá agora tempo de ler todos esses jornais; por isso vou resumir. Esse homem é a maior potência financeira do mundo e é indivíduo, segundo estou informado, de caráter violento e formidável. Casou-se com uma mulher, a vítima desta tragédia, a respeito de quem nada sei a não ser que já passou da flor da idade, circunstância que ainda mais se agravou, quando uma aia muito atraente veio superintender a educação das duas crianças. São estes os três protagonistas, e a cena é um velho solar, centro de uma propriedade histórica inglesa. Agora vamos à tragédia. A esposa foi encontrada no terreno da propriedade, a pouco menos de um quilômetro da casa, a hora avançada da noite, elegantemente vestida com um xale sobre os ombros e o crânio perfurado por uma bala de revólver. Não foi encontrada nenhuma arma perto da morta, nem havia qualquer indício relativo ao assassinato no local. Nenhuma arma perto da morta, Watson, note bem! O crime parece ter sido cometido no começo da noite e o corpo foi descoberto por um empregado mais ou menos às onze horas, sendo nessa ocasião examinado pela polícia e por um médico antes de ser transportado para casa. Está resumido demais ou você percebe bem o fio?

— Está tudo muito claro. Mas por que suspeitar da aia?

— É que em primeiro lugar existe uma prova direta contra ela. No seu guarda-roupa foi encontrado um revólver e faltava um cartucho de calibre que se ajustava ao projétil.

E Holmes repetiu, destacando as palavras: “No-guarda-roupa-dela”.

— Sim, Watson, foi aí encontrado. Não é condenatório? Foi o que pensaram os dois júris. Depois, a morta tinha um bilhete assinado pela aia em que era marcado um encontro naquele mesmo lugar. Que tal? Finalmente, há o motivo. O Senador Gibson é um homem atraente. Morrendo a mulher, quem provavelmente seria sua sucessora senão a jovem dama que, afinal de contas, já recebeu as maiores atenções do seu patrão? Amor, fortuna, poder, tudo na dependência de uma existência já a caminho do declínio. Feio. Watson, muito feio!

— Sim, realmente! — concordei.

— E nenhum álibi. Pelo contrário, teve de confessar que se encontrava perto da Ponte de Thor... o teatro da tragédia... mais ou menos àquela hora. Não o pode negar porque um aldeão que passou a viu ali.

— Isso parece definitivo.

— E, no entanto, Watson, no entanto! Essa ponte... uma larga construção de pedra com balaústres aos lados... passa por cima da parte mais estreita de um longo lençol de água, profundo, cercado de juncos. O seu nome é Lagoa de Thor. Na entrada da ponte jazia o corpo da morta. São estes os principais fatos... Mas aqui está, se não me engano, o nosso cliente se antecipando consideravelmente à hora marcada.

Billy tinha aberto a porta, mas o nome que anunciou não era o esperado. Sr. Marlow Bates era um desconhecido para nós dois. Era um homem magro e nervoso, de olhos espantados, com uns modos hesitantes e um tanto brusco, um homem no qual o meu olho clínico entreviu um candidato próximo de um completo esgotamento nervoso.

— O senhor parece agitado, sr. Bates — observou Holmes. — Sente-se. Receio só lhe poder conceder muito pouco tempo porque tenho uma entrevista marcada para as onze horas.

— Eu sei — respondeu o visitante, sem fôlego. — Sr. Gibson vem aí. Ele é o chefe. Eu sou o administrador da propriedade. Sr. Holmes, ele é um patife, um tremendo patife!

— Linguagem rude, sr. Bates!

— Tenho de ser rápido, sr. Holmes, porque o tempo é pouco. Por nada no mundo desejaria que ele me visse aqui. Deve estar chegando. Mas não foi possível vir mais cedo. O secretário dele, sr. Ferguson, só hoje de manhã me falou da entrevista com o senhor.

— E o senhor é o seu administrador?

— Dentro de duas semanas deverei largar o emprego. É um homem ruim para todos quantos o cercam. A caridade pública que exhibe não passa de um biombo para esconder as vilanias privadas. Mas a sua principal vítima foi a esposa. Ele era brutal com ela! Não sei quem a matou, mas estou certo de que transformou a vida dela num suplício. Ela era natural dos trópicos, brasileira de nascimento, como o senhor deve saber.

— Não. Isso me escapou.

— Tropical por nascimento e por índole. Uma filha do sol e da paixão. Amara-o como só essas mulheres sabem amar. Mas quando os seus encantos físicos acabaram (ouvi dizer que foi muito bela noutros tempos), nada mais o deteve. Todos nós gostávamos dela, tínhamos pena da vida que levava e o odiávamos devido à forma como a tratava. Não confie nas aparências. Por detrás há mais coisas. Agora vou embora. Ele está quase chegando.

Lançando um olhar assustado ao relógio, o nosso estranho visitante correu para a porta e desapareceu.

— Muito bem! — disse Holmes, após um intervalo de silêncio. — Parece que sr. Gibson tem uma pessoa muito fiel! Mas a advertência tem a sua utilidade. Agora só nos resta aguardar que o homem apareça.

Às onze horas em ponto ouvimos passos pesados na escada e o famoso milionário foi introduzido na sala. Assim que olhei para ele compreendi não só a versão do seu administrador, mas também as pragas que tantos rivais nos negócios lhe têm rogado. Se eu fosse escultor e desejasse idealizar o homem de ação, de nervos de ferro e de consciência impenetrável, escolheria sr. Neil Gibson para modelo. A figura alta, atlética, angulosa, dava-lhe um ar ganancioso: um Abraão Lincoln que tivesse sido talhado para o mal em vez de sê-lo para atos elevados. O rosto podia ser esculpido em granito, tão duros eram os traços como que indiferente ao remorso, com sulcos profundos, indício de muitas crises. Dois olhos cinzentos e frios, sob umas sobrancelhas grossas, nos examinaram astutamente.

Quando Holmes mencionou o meu nome, logo puxou uma cadeira para perto do meu companheiro e sentou-se, quase tocando-o com os seus joelhos ossudos.

— Desde já lhe digo, sr. Holmes — prefaciou —, que, neste caso, o dinheiro é o que menos me preocupa. O senhor pode queimá-lo se a chama lhe servir para descobrir a verdade. Aquela mulher está inocente e tem de ser absolvida. Cabe ao senhor fazer com que ela o seja. Diga quanto quer!

— Os meus honorários profissionais obedecem a uma escala fixa — replicou Holmes com frieza. — Não me afasto dela, a não ser quando os dispenso inteiramente.

— Bem. Se o dólar não o tenta, pense na sua reputação. Se desvendar essa trama, não haverá jornal aqui e na América que não exalte o seu nome. Será falado nos dois continentes.

— Obrigado, sr. Gibson. Não creio que necessite de tanta publicidade. Talvez o surpreenda saber que prefiro trabalhar anonimamente e que o que mais me atrai é o problema em si. Mas estamos perdendo tempo. Vamos ao assunto.

— Os fatos principais já vieram nas notícias da imprensa. Não sei se poderei acrescentar qualquer coisa que o ajude. Contudo, se deseja algum esclarecimento, aqui estou.

— Pois bem, há apenas um ponto.

— Qual é?

— Quais eram exatamente as suas relações com srta. Dunbar?

O Rei do Ouro estremeceu e se ergueu da cadeira. Mas logo se acalmou.

— Suponho que está no seu direito, e talvez dever, de me fazer essa pergunta, sr. Holmes.

— Digamos que sim — disse Holmes.

— Posso lhe garantir que as nossas relações foram sempre e exclusivamente as de um patrão para com uma empregada, com a qual ele nunca conversou e com quem nunca se encontrou... a não ser quando ela estava em companhia de seus filhos.

Holmes levantou-se da cadeira.

— Sou um homem bastante ocupado, sr. Gibson — declarou —, e não tenho tempo para conversar sem rumo certo. Passe muito bem.

O nosso visitante também se levantou e a sua figura imensa dominava a de Holmes. Sob as sobrancelha havia um brilho de cólera.

— Que diabo significa isso, sr. Holmes? O senhor abandona o meu caso?

— Pelo menos abandono o senhor, sr. Gibson. Pensei que as minhas palavras eram claras.

— Claras eram mas... que se esconde atrás delas? O senhor quer valorizar excessivamente o seu serviço, ou tem medo de se encarregar do caso? Tenho direito a uma resposta também clara.

— Sim, talvez — concedeu Holmes. — E vou lhe dar. Esse caso já é em si bastante complicado e não preciso que o tornem mais complexo com uma informação falsa.

— Quer dizer que minto.

— Bem. Procurei exprimir isso o mais delicadamente possível, mas se o senhor insiste sobre o termo, não irei contradizê-lo.

Levantei-me num pulo, porque a expressão que vi no semblante do milionário era maldosa e ele já erguia o punho. Holmes sorriu e estendeu a mão para pegar o cachimbo.

— Nada de violência, sr. Gibson. Acho que, depois de uma refeição, ainda que ligeira, qualquer discussão é prejudicial. Penso que um passeio ao ar livre e um pouco de reflexão poderão lhe fazer bem.

Com um esforço, o Rei do Ouro dominou a fúria. Não pude deixar de admirar como conseguiu passar, num minuto, da ira à indiferença.

— Bem. O senhor lá sabe como dirigir os seus negócios. Não posso obrigá-lo a se encarregar do caso. Cometeu hoje um erro, sr. Holmes, porque já amansei homens mais fortes. Ninguém lucrou alguma coisa em se opor aos meus intentos.

— Não é a primeira pessoa que me diz o mesmo e, no entanto, aqui estou — replicou Holmes, sorrindo. — Bem, adeus sr. Gibson. O senhor ainda tem muito que aprender.

O nosso visitante saiu furioso. Holmes, imperturbável, fumava em silêncio com os olhos sonhadores fixos no teto.

— A sua opinião, Watson? — indagou.

— Olhe, Holmes, devo confessar que considero este homem capaz de tirar qualquer obstáculo do seu caminho e, admitindo que a mulher podia ter sido um obstáculo e era alvo da sua aversão, conforme esse tal Bates nos revelou. Francamente, parece-me...

— Exatamente. A mim também me parece.

— Mas quais eram as relações dele com a ama, e como foi que você descobriu?

— Ora, Watson, quis simplesmente ver a reação de Gibson. Quando considere o tom apaixonado da sua carta, comparei esse tom com a sua atitude e ficou evidente que a emoção de Gibson estava mais na acusada do que na vítima. Cumpre-nos compreender as relações exatas dessas três pessoas se quisermos alcançar a verdade. Viu o ataque direto que lhe dirigi e com que imperturbabilidade ele o recebeu. Em seguida, o iludi dando-lhe a impressão de que estava absolutamente certo, quando na realidade tinha apenas suspeitas.

— Quem sabe se ele ainda volta?

— Tenho a certeza de que volta. Ele não pode deixar o caso no ponto em que está. Escute! Não é um toque de campainha?

— Sim, ouço passos.

O Rei do Ouro entrava na sala com disposições mais brandas do que quando dela saiu. O orgulho ferido ainda transparecia nos olhos de um fulgor sinistro, mas o senso comum lhe mostrou que devia ceder para poder atingir os seus fins.

— Bem, sr. Gibson, eu acabava de dizer ao dr. Watson que o senhor voltaria aqui.

— Refleti melhor, sr. Holmes, e concluí ter sido precipitado ao levar a mal as suas observações. Justifica-se o seu desejo de querer aprofundar os fatos, sejam eles quais forem e isso fez com que o senhor subisse no meu conceito. Posso, entretanto, garantir que as relações entre mim e srta. Dunbar nada têm que ver com este caso.

— Isto cabe a mim decidir, não acha?

— Sim, creio que sim. O senhor é como o cirurgião que quer saber de todos os sintomas antes de fazer o diagnóstico.

— É um símile perfeito. E só um doente que tencionasse enganar o médico dissimularia os fatos do seu caso.

— Sim, mas o senhor há de convir, sr. Holmes, que muitos homens se retraíam por acanhamento quando lhe perguntassem, à queima-roupa, quais são as suas relações com uma mulher... se há realmente no caso algum sentimento sério. Pois bem. Que deseja saber?

— A verdade.

O Rei do Ouro parou por um instante, como quem põe as idéias em ordem. A sua fisionomia severa, cheia de sulcos, tinha se tornado ainda mais triste.

— Posso contar em breves palavras, sr. Holmes — disse por fim. — Há certas coisas que são penosas e difíceis de dizer, de modo que não aprofundarei mais que o necessário. Conheci minha mulher quando andava pelo Brasil em busca de ouro. Maria Pinto era filha de um funcionário público em Manaus e muito formosa. Naquele tempo eu era jovem e fogoso, mas mesmo agora, olhando para o passado com espírito crítico, vejo que ela era de uma beleza rara e maravilhosa. Era dotada também de uma natureza profundamente apaixonada, tropical, sem grande equilíbrio, muito diferente das mulheres americanas que eu tinha conhecido. Para encurtar: amei-a e nos casamos. Somente quando a loucura passou... e durou anos... percebi que não tínhamos absolutamente nada em comum. O meu amor acabou. Se ela pudesse dizer o mesmo, tudo seria mais fácil. Mas o senhor sabe como são as mulheres! Por mais que eu fizesse, não havia maneira de afastá-la de mim. Se fui rude com ela, como alguns disseram, foi porque sabia que se conseguisse extinguir o amor que me dedicava, ou se o convertesse em ódio, tudo seria mais fácil para ambos. Nada porém a modificou. Ela me adorava, naqueles bosques ingleses, como me havia adorado vinte anos antes, nas margens do Amazonas. Fizesse eu o que fizesse, era devotada como sempre.

Então veio para nossa casa a srta. Grace Dunbar, que respondeu a um anúncio e se tornou ama dos nossos dois filhos. É possível que o senhor tenha visto o retrato nos jornais. Todos são unânimes em proclamá-la uma mulher formosa. Ora, eu não tenho a pretensão de ser mais puritano do que os meus semelhantes e confesso que não me foi possível viver debaixo do mesmo teto e em contato diário com tal mulher, sem sentir por ela qualquer coisa que não fosse o simples respeito: Censura-me, por isso, sr. Holmes?

— Não o censuro por sentir o que sentiu. Censuraria se o senhor materializasse esse sentimento pois, evidentemente, essa moça estava sob a sua proteção.

— É possível — admitiu o milionário, e por um momento a reprovação deu-lhe aos olhos uma chama sinistra. — Não quero passar por melhor do que sou. Creio que, em toda a minha vida, fui um homem que teve tudo quanto quis e nunca desejei mais fortemente uma coisa do que o amor e a posse dessa mulher. Confessei-lhe.

— Ousou fazê-lo?

Holmes, quando estimulado, era capaz de assumir um ar temível.

— Disse-lhe que, se eu pudesse desposá-la, não hesitaria, mas que tal coisa me não era possível. Acrescentei que o dinheiro não constituía obstáculo e que tudo o que eu pudesse fazer para torná-la feliz seria feito.

— Muito generoso! — observou Holmes, irônico.

— Escute uma coisa, sr. Holmes. Vim aqui para tratar de uma questão de provas e não de uma questão de moral. Não solicitei as suas críticas.

— É apenas em atenção à jovem que me ocupo do senhor — retorquiu Holmes gravemente. — Não sei se alguma coisa do que a acusam é pior do que aquilo que o senhor próprio confessou, isto é, que tentou destruir uma jovem indefesa que estava debaixo do seu teto. Alguns ricos precisam saber que há muita gente neste mundo que sabe resistir ao suborno e que não perdoa as ofensas de que são alvo.

Admirei-me de ver o Rei do Ouro suportar a censura com imparcialidade.

— É essa igualmente a opinião que agora tenho do assunto. Dou graças a Deus por meus planos não terem resultado como eu os arquitetei. Ela não só repeliu a minha proposta, como quis deixar a casa no mesmo instante.

— Por que não o fez?

— Em primeiro lugar, havia outros que dependiam dela e não seria fácil sacrificá-los de um momento para o outro. Quando eu jurei, como realmente fiz, que nunca mais seria molestada, consentiu em ficar. Havia, porém, outra razão. Ela sabia que tinha uma enorme influência sobre mim. Sabia disso e quis usá-la para o bem.

— De que maneira?

— Estava a par de alguns dos meus negócios. São grandes, sr. Holmes. Tão grandes que o homem comum nem faz idéia do que sejam. Posso construir ou destruir o que me apraz e geralmente destruo. Não eram apenas indivíduos. Eram comunidades, cidades, até mesmo nações. Os negócios

não são brincadeiras e os traços sucumbem. Eu tratava os negócios como negócios, a sério. Por mim, nunca protestei e pouco ligava que os outros protestassem. Ela, porém, via os fatos por um prisma diferente e creio que tinha razão. Acreditava e dizia que a fortuna de um só homem, imensa, maior do que é razoável, não devia ser construída sobre a ruína de dez mil que ficavam reduzidos à miséria. Era essa a sua opinião. srta. Dunbar verificou que eu dava ouvidos ao que dizia e julgou estar sendo útil à humanidade ao influir nos meus atos. Por isso permaneceu conosco e, de repente, acontece o que é do domínio público.

— O senhor pode prestar alguns esclarecimentos sobre o caso debatido?

O Rei do Ouro calou-se durante um minuto, com a cabeça entre as mãos.

— As provas são todas contra ela. As mulheres levam uma vida muito íntima e são capazes de praticar atos que escapam à apreciação de um homem. A princípio fiquei tão surpreso, tão abalado, que cheguei a pensar que ela se deixou levar por um impulso contrário à sua índole. Ocorreu-me uma explicação. sr. Holmes, não há dúvida de que minha mulher era extremamente ciumenta. Percebeu perfeitamente que essa jovem inglesa exercia sobre o meu espírito e os meus atos uma influência que ela nunca teve. Era uma influência benéfica, mas isso nada adiantava. Estava louca de ódio e o ardor do Amazonas não lhe saía do sangue. Não é impossível que tivesse planejado matar srta. Dunbar ou tivesse ameaçado com uma arma para intimidá-la, obrigando-a a sair da nossa casa. Pode ter havido uma luta entre ambas; a arma teria disparado e atingido a mulher que a segurava.

— Já me tinha ocorrido tal possibilidade — admitiu Holmes. — E é esta, com efeito, a única alternativa evidente, capaz de substituir a de um assassinato deliberado.

— Porém, srta. Dunbar nega essa hipótese.

— Isso só não basta, não é verdade? Uma mulher colocada numa posição tão horrorosa bem podia voltar apressadamente para casa, segurando ainda o revólver, invadida como estava por extrema perplexidade. Poderia colocá-lo no meio das roupas, mas sabendo o que fazia e quando fosse encontrado, para se livrar do embaraço, tentaria mentir, negando tudo. O que há contra tal hipótese?

— A própria srta. Dunbar.

— Pode ser.

Holmes consultou o relógio.

— Não tenho dúvidas de que hoje de manhã obteremos a licença necessária e chegaremos a Winchester no comboio da noite. Depois de conversar com essa jovem, talvez eu possa lhe ser útil, embora não prometa que as minhas conclusões sejam forçosamente as que deseja.

Houve uma demora na expedição do passe oficial e em vez de chegarmos a Winchester naquele dia, fomos a Thor, a propriedade que sr. Neil Gibson possuía no Hampshire. Não nos acompanhou pessoalmente, mas nos apresentou ao sargento Coventry, da polícia local, que foi quem primeiro examinou o caso. Coventry era um homem alto, magro, de uma palidez doentia, com uns modos misteriosos que davam a idéia de que suspeitava muito mais do que ousava dizer. Tinha também o hábito de baixar a voz de repente, reduzindo-a a um murmúrio, como se fosse tratar de assunto da mais alta importância, embora geralmente apenas transmitisse uma informação trivial. Mas exceto essas ligeiras excentricidades, logo se revelou um sujeito honesto, que não tinha medo de confessar que se achava no fundo de um buraco e que agradeceria a quem lhe desse a mão.

— Assim, antes lidar com o senhor do que com a Scotland Yard, sr. Holmes. Se a Yard é chamada para examinar um caso, a polícia local perde todo o crédito ou pode ainda ser censurada pelo fracasso. O senhor, segundo ouço dizer, faz jogo limpo.

— Não necessito aparecer neste assunto — tranqüilizou Holmes para evidente satisfação do sargento. — Se conseguir desvendar isso, não pedirei que mencionem o meu nome.

— Isso só o honra, sr. Holmes! E sei que também podemos confiar no seu amigo, dr. Watson. Agora, enquanto vamos para o lugar, desejaria fazer uma pergunta...

Olhou em redor, como se faltasse coragem para dizer o que queria.

— Não acha que seria possível um processo contra o próprio sr. Neil Gibson?

— Tenho pensado nisso.

— O senhor ainda não viu srta. Dunbar. É uma mulher maravilhosa em todos os sentidos. É bem possível que ele quisesse afastar a esposa do caminho. E esses americanos são rápidos ao usar uma arma. Como o senhor sabe, a arma era dele.

— Isso ficou realmente comprovado?

— Sim, senhor. Era uma de um par que lhe pertence.

— Uma de um par? E a outra, onde está?

— Sr. Gibson possui uma grande quantidade de armas de fogo dos mais variados tipos. O estojo foi feito para duas.

— Se a arma fazia parte de um par, o senhor devia ter encontrado a outra.

— Estão ambas lá em casa. Se quiser, poderá examiná-las.

— Mais tarde, talvez. Agora, convém irmos ao lugar da tragédia.

Essa conversa aconteceu na saleta, em frente ao modesto chalé do sargento Coventry, que servia de delegacia da polícia local. Uma caminhada de uns cinco metros através de uma charneca, varrida pelos ventos, toda dourada e cor de bronze nos levou a um portão lateral que dava acesso aos terrenos da propriedade Thor. Uma vereda nos conduziu a uma clareira, onde vimos o casarão em estilo meio tudor e meio georgiano, sobre a crista da colina. Ao nosso lado havia uma comprida lagoa coberta de caniços, estrangulada no centro, onde a estrada passava sobre uma ponte de pedra, mas que se estendia de um lado e de outro, formando pequenos lagos. O nosso guia parou na entrada da ponte e apontou para o chão.

— Aqui foi encontrado o corpo de sra. Gibson. Marquei-o com esta pedra.

— Ouvi dizer que o senhor esteve aqui antes de o corpo ter sido removido, não foi verdade?

— Sim, senhor. Mandaram me chamar imediatamente.

— Quem o mandou chamar?

— O próprio sr. Gibson. No momento em que foi dado o alarme, ele correu com outras pessoas e fez questão de que não se tocasse em coisa alguma, até a chegada da polícia.

— Foi uma medida inteligente. Pela leitura dos jornais, o tiro foi dado à queima-roupa?

— Sim, senhor, é exato.

— Muito próximo da têtpora direita?

— Logo atrás da têtpora.

— Em que posição foi encontrado o cadáver?

— Deitado de costas. Não havia vestígios de luta. Nenhuma marca. Nenhuma arma. O bilhete de srta. Dunbar estava bem seguro, na mão esquerda da morta.

— Bem seguro, diz o senhor?

— Tal e qual. Foi com dificuldade que conseguimos abrir os dedos.

— Isso é de grande importância. Exclui a idéia de que alguém tenha colocado ali o bilhete depois da morte a fim de apresentar um indício falso. Se bem me lembro, o bilhete dizia apenas o seguinte: “Estarei na Ponte de Thor às nove horas. — G. Dunbar.” Não é assim?

— Exatamente.

— Srta. Dunbar confessa tê-lo escrito?

— Sim, senhor.

— Que explicação deu?

— A sua defesa ficou reservada para o tribunal. Nada nos quis dizer.

— O problema é interessante. O pormenor do bilhete é muito obscuro, não acha?

— Oh, sr. Holmes! Esse pormenor me pareceu o único realmente claro em todo o assunto!

Holmes abanou a cabeça.

— Partindo do princípio que o bilhete seja autêntico e que tenha realmente sido escrito, foi recebido algum tempo antes, digamos uma ou duas horas antes. Por que motivo sra. Gibson ainda o segurava fortemente na mão esquerda? Ela não tinha necessidade de se referir na entrevista. Não parece plausível?

— Com essa explicação, talvez pareça.

— Creio que gostaria de ficar sozinho por alguns minutos, para refletir um pouco.

Sentou-se na balaustrada da ponte e eu vi os olhos cinzentos à procura de qualquer coisa. De súbito, levantou-se e correu ao parapeito oposto. Tirou a lente do bolso e pôs-se a examinar a obra de alvenaria.

— Isto é curioso — observou.

— Também notei esse rebordo de pedra, lascado. É provável que tenha sido algum transeunte.

A alvenaria era cinzenta, mas naquele ponto estava branca por um espaço não maior que uma moeda de tamanho médio. A um exame mais atento, via-se que a superfície fora lascada por um golpe violento.

— Foi preciso força para fazer isto — considerou Holmes pensativo. Bateu várias vezes com a bengala no rebordo sem deixar marca. — Sim, foi uma pancada forte e vibrada de maneira curiosa. Não foi de cima, mas de baixo, pois está na borda inferior do parapeito.

— Mas está pelo menos a uns quatro metros e meio do lugar onde encontraram o cadáver.

— Sim. É um pormenor digno de nota. Não havia vestígios, não foi o que o senhor disse?

— O terreno estava duro como pedra, sr. Holmes. Não havia rasto algum.

— Então podemos ir, primeiro, a sua casa examinar as armas a que o senhor se referiu. Depois iremos a Winchester, pois desejava conversar com srta. Dunbar, antes de prosseguirmos.

Sr. Neil Gibson ainda não voltara da cidade, mas encontramos em casa o neurótico sr. Bates, que nos havia visitado pela manhã. Mostrou o formidável arsenal de armas de fogo de vários formatos e tamanhos que o seu patrão tinha amontoado no decurso da sua aventureira existência.

— Sr. Gibson tem os seus inimigos como era de esperar, sabendo-se quem é e quais os seus métodos — sibilou sra. Bates. — Dorme com um revólver carregado na gaveta da mesinha de cabeceira. É um homem violento, sr. Holmes, e todos temos medo dele. Estou certo de que a pobre senhora ficava muitas vezes horrorizada com o marido.

— Alguma vez o senhor presenciou violência física em relação a ela?

— Não, mas ouvi palavras que feriam como pedras: palavras de desprezo, mesmo na presença das criadas.

— O nosso milionário não parece ter uma vida doméstica das mais invejáveis — observou Holmes, enquanto íamos para a estação. — Bem, Watson, já estamos cientes de um bom número de fatos e, contudo, parece-me que estou longe da conclusão. A respeito da antipatia de sr. Bates pelo seu patrão, soube por ele que, quando foi dado o alarme, sr. Gibson estava no seu gabinete de trabalho. O jantar terminava às oito e meia e, até essa hora, tudo correu normalmente. Verdade é que o alarme foi dado já um pouco tarde, mas a tragédia certamente ocorreu mais ou menos à hora especificada no bilhete. Não há nenhuma prova de que o sr. Gibson esteve fora desde o seu regresso da cidade, que se verificou às cinco horas. Por outro lado, srta. Dunbar, conforme me foi dito, confessa ter combinado o encontro com sra. Gibson, na ponte. A não ser isso, nada mais quis dizer, visto que o seu advogado a aconselhou a adiar a defesa. Temos várias perguntas importantes para fazer a essa jovem e, enquanto eu não ouvi-la, não me darei por satisfeito. Devo confessar que o caso se mostra muito desfavorável para ela, se não fosse uma circunstância...

— Qual?

— A pistola encontrada no guarda-roupa.

— Diabos, Holmes! — exclamei. — Esse parece o pior dos pormenores contra a srta. Dunbar.

— Não é tanto assim, Watson. Esse pormenor me causou uma impressão estranha, logo após uma atenta leitura dos jornais e, agora que estou tratando diretamente do caso, é a minha única âncora de esperança. Devemos procurar uma coerência nos fatos. Se verificarmos que ela falta, temos de desconfiar de alguma irregularidade.

— Não compreendo, Holmes.

— Meu caro Watson! Vamos supor, por um momento, que você representa o papel de uma mulher. Essa mulher, com frieza e premeditação, está prestes a se livrar de uma rival. Você planejou o golpe. Foi escrito um bilhete. A vítima chegou. Você está de posse da arma. O crime é praticado. Foi um crime perfeitamente executado e completo. Você agora vem me dizer que, depois de cometer um assassinato tão hábil, iria se prejudicar, esquecendo de atirar a arma de cima daquela ponte que para sempre a esconderia e, em vez disso, ia levá-la para casa e enfiaria no guarda-roupa, justamente no lugar em que primeiro fariam uma busca? Os seus melhores amigos, Watson, não poderiam elogiar a astúcia!

— No nervosismo do momento...

— Não, não, Watson! Não admito essa possibilidade. Quando um crime é friamente premeditado, são também premeditados os meios de encobri-lo. Creio, portanto, que deparamos com um mal-entendido.

— Mas há tanta coisa que explicar!

— Pois então, vamos começar a explicar alguma coisa. Uma vez modificado um ponto de vista, a própria circunstância que parecia mais grave nos leva ao caminho que conduz à verdade. É, por exemplo, o caso do revólver. Srta. Dunbar nega ter conhecimento desse pormenor. De acordo com a nossa teoria, ao afirmar isso, ela diz a verdade. Portanto, a arma foi colocada no seu guarda-roupa. Quem a colocou ali? Alguém que desejava acusá-la. Não seria essa pessoa o verdadeiro criminoso? Vê como chegamos a uma série de indagações vantajosas?

Fomos forçados a passar a noite em Winchester, uma vez que ainda não tinham sido feitas as formalidades legais, mas na manhã seguinte, em companhia de sr. Joice Cummings, o advogado a quem estava confiada a defesa, fomos autorizados a visitar a jovem na sua cela.

Pelo que ouvi dizer, esperava ver uma beldade, mas nunca me esquecerei do efeito que me causou a srta. Dunbar. Não era de admirar que o arrogante

milionário tivesse descoberto nela alguma coisa mais poderosa do que ele próprio, capaz de dominá-lo. Sentia-se também, quando se olhava para aquele semblante revelador de uma alta sensibilidade, que mesmo que ela se deixasse arrastar à prática de um ato menos moral, a sua nobreza de caráter decerto a reconduziria à prática do bem.

Era morena, alta, com uma figura nobre e uma aparência imponente, mas notava-se nos seus olhos negros a expressão de súplica do animal que se vê cercado de redes, sem ter como se livrar delas. Agora, ao perceber a intenção do meu famoso amigo, um lampejo de esperança começou a brilhar no olhar que nos dirigiu.

— Sr. Neil Gibson contou alguma coisa do que se passou entre nós? — indagou em voz baixa e agitada.

— Sim — respondeu Holmes. — Não precisa se afligir com isso. Estou inclinado a aceitar a declaração de sr. Gibson, tanto relativamente à influência que a senhora teve sobre ele, como quanto à inocência das suas relações. Mas por que não pôr tudo em pratos limpos perante as autoridades?

— Achava impossível que uma acusação dessas pudesse ser levada a sério. Pensei que se aguardássemos um pouco tudo se esclareceria sem sermos forçados a entrar em penosos pormenores da vida íntima da família. Mas, pelo que me disseram, a situação está longe de se resolver e cada vez mais se complica.

— Minha estimada senhora — exclamou Holmes com voz firme —, peço que não tenha ilusões. Aqui, o seu advogado é testemunha de que tudo está contra nós. Temos de lutar se queremos sair vitoriosos. Seria cruel virmos lhe dizer que não corre um grande risco. Dê-me, pois, todo auxílio que puder para chegarmos à verdade.

— Nada ocultarei.

— Fale-nos, então, sobre as suas verdadeiras relações com sra. Gibson.

— Ela me odiava, sr. Holmes. Odiava-me com todo o ardor da sua natureza tropical. Sra. Gibson era uma mulher determinada! O seu amor pelo marido era igual ao ódio que me votava. É provável que tivesse interpretado mal as nossas relações. Não é meu desejo ser injusta com a morta, mas ela amava sr. Gibson de uma maneira tão intensa, num sentido tão físico, que era incapaz de entender o laço mental e até mesmo espiritual que existia entre mim e o marido, ou de imaginar que a única coisa que me conservava sob o seu teto era o meu desejo de dirigir o poder dele no sentido do bem. Agora, reconheço que andei mal. Nada podia justificar a

minha permanência num lugar onde eu era causa de infelicidade... Mas a infelicidade continuaria mesmo que eu saísse da casa.

— Agora, srta. Dunbar — disse Holmes —, peço que nos conte com exatidão o que aconteceu naquela noite.

— Posso dizer a verdade, sr. Holmes, até o ponto em que a conheço, mas não estou em condições de provar nada e existem pontos que não consigo explicar. Se o senhor descobrir os fatos, talvez outros possam encontrar explicação.

Quanto à minha presença na Ponte de Thor, naquela noite, devo dizer que de manhã recebi um bilhete de sra. Gibson. Esse bilhete estava em cima da mesa da sala de aula e talvez ela própria o tivesse deixado lá. Implorava-me que a procurasse depois do jantar, alegando ter uma coisa importante para me dizer e pedia que deixasse uma resposta sobre o relógio de sol no jardim, porque desejava que estivéssemos a sós no nosso encontro. Eu não via razão para tanto segredo, mas fiz o que pediu, aceitando a entrevista. Pediu-me ainda que destruísse o seu bilhete. Queimei-o na lareira da sala de aula. Ela tinha medo do marido, que a tratava com rudeza. Frequentemente o censurei e apenas me ocorreu que sra. Gibson procedia desta maneira porque não queria que ele soubesse do nosso encontro.

— E no entanto ela conservou cuidadosamente a sua resposta.

— Sim. Fiquei surpreendida ao saber que a tinha na mão, quando morreu.

— Então o que aconteceu?

— Fui ao lugar marcado, conforme prometi. Quando cheguei à ponte, ela estava à minha espera. Até aquele momento, não sabia até que ponto a pobre criatura me detestava. Parecia louca. Na verdade, penso que era louca, com o imenso poder de enganar que só os loucos podem ter. Só assim consigo explicar a calma com que, todos os dias, se encontrava comigo, ocultando intimamente um ódio feroz. Não vou repetir aqui o que me disse. Explodiu a sua imensa fúria por palavras horríveis. Nem sequer respondi; não pude fazê-lo. Tapei os ouvidos com as mãos e fugi. Quando a deixei, ainda ela praguejava à entrada da ponte.

— No mesmo lugar em que, depois, foi encontrada?

— A poucos metros.

— Presumindo que ela tenha morrido pouco depois, não ouviu nenhum tiro?

— Não ouvi nada. Mas, sr. Holmes, a verdade é que eu fiquei tão nervosa e horrorizada com aquela súbita explosão de ódio que me refugiei no meu quarto.

— Diz que voltou para o seu quarto. Acaso tornou a sair, antes do dia seguinte?

— Sim. Quando chegou a notícia de que a sra. Gibson tinha morrido, saí com os outros.

— Viu o sr. Gibson?

— Vi. Vinha da ponte. Tinha mandado chamar o médico e a polícia.

— Pareceu-lhe muito perturbado?

— Sr. Gibson é um homem muito calmo. Nunca deixa transparecer as suas emoções. Mas percebi que estava seriamente preocupado.

— Chegamos agora ao ponto mais importante: a pistola que foi encontrada no seu quarto. Já tinha visto essa arma, antes disso?

— Nunca, juro.

— Quando é que foi encontrada?

— Na manhã seguinte, quando a polícia fez uma busca.

— Entre as suas roupas?

— Sim. No fundo do meu guarda-roupa, debaixo dos meus vestidos.

— Não faz idéia de há quanto tempo a arma estaria ali?

— Não estava lá na manhã do dia anterior.

— Como sabe isso?

— Porque eu tinha arrumado o guarda-roupa.

— Isso é decisivo. Alguém entrou no seu quarto e colocou lá a pistola para comprometê-la.

— Deve ter sido assim.

— Quando?

— Só pode ter sido na hora da refeição ou então nas horas em que eu estava na sala de aula com as crianças.

— Tal como a senhora estava quando recebeu o bilhete?

— Sim. Dessa hora em diante, durante a manhã inteira.

— Muito obrigado, srta. Dunbar. Há mais algum ponto em que possa me ajudar na investigação?

— Que eu saiba, não.

— Há um sinal de violência no parapeito da ponte: uma lasca de pedra, coisa recente, bem em frente ao corpo. Seria capaz de sugerir uma explicação para o fato?

— Deve ser mera coincidência.

— Coisa curiosa, srta. Dunbar! Por que haveria de aparecer isso, justamente na altura da tragédia e por que iria aparecer exatamente naquele lugar?

— Não sei.

Era tão evidente a crise que se formava no espírito de Holmes, que nenhum de nós ousou falar e ficamos sentados, o advogado, a prisioneira e eu a observá-lo em concentrado silêncio. Subitamente pulou da cadeira, vibrando de energia nervosa e estimulado pela necessidade de agir.

— Venha, Watson! — gritou.

— O que foi, sr. Holmes?

— Não se preocupe, minha senhora. O senhor terá notícias minhas, sr. Cummings. Com o auxílio de Deus e da Justiça darei ao senhor um caso que terá a maior repercussão na Inglaterra. Amanhã, a senhora será informada, srta. Dunbar, e por ora só lhe afirmo que as nuvens estão desaparecendo.

Não era longo o trajeto de Winchester à casa de Thor, mas me pareceu longo devido à impaciência, enquanto para Holmes era evidente que a jornada parecia interminável. Na agitação nervosa que o dominava, não conseguia ficar quieto; passeava pelo vagão ou tamborilava com os longos dedos sensíveis nas almofadas a seu lado.

Quando nos aproximamos do nosso destino, sentou-se diante de mim (tínhamos um compartimento de primeira classe reservado para nós) e, pondo uma mão sobre cada um dos meu joelhos, olhou-me com um ar particularmente divertido que lhe era característico, quando se sentia eufórico.

— Watson, tenho uma vaga lembrança de que costuma andar armado, quando me acompanha nestas excursões.

E bem fazia eu em andar armado, porque ele pouco cuidava da sua segurança pessoal quando tinha o espírito absorvido por um problema, de modo que, mais de uma vez, o meu revólver nos prestou bons serviços. Chamei sua atenção para o fato.

— Sim, sim, sou um pouco distraído nesses assuntos. Mas você tem aí o seu revólver?

Tirei-o do bolso traseiro e lhe dei. Era uma arma pequena, mas útil. Holmes descarregou os cartuchos e examinou-a cuidadosamente.

— É pesada, bastante pesada — comentou.

— Sim, é uma peça sólida.

— Sabe, Watson? Parece-me que o seu revólver vai ter uma relação íntima com o mistério que estamos investigando.

— Está brincando?

— Não, Watson, falo sério. Estamos diante de um teste. Se esse teste der resultado, tudo ficará claro. E esse teste depende do comportamento desta pequena ama. Um cartucho fica de fora. Agora vamos repor os outros cinco e ajustar de novo o fecho de segurança. Pronto! Assim aumenta-se o peso e se torna mais perfeita a reprodução.

Eu não fazia idéia do que estava planejando e ele não me deu nenhuma explicação, mas ficou mergulhado nas suas reflexões até o comboio parar na pequena estação do Hampshire. Alugamos uma velha carruagem e, em quinze minutos, estávamos na casa do sargento Coventry.

— Um indício, sr. Holmes? Qual é?

— Tudo depende do comportamento do revólver do dr. Watson — disse o meu amigo. — Agora, é capaz de me arranjar dez metros de corda?

Na loja da aldeia arranjamos um novelo de fio forte.

— Creio que apenas vamos precisar desta corda — anunciou Holmes.

O sol começava a desaparecer e convertia a ondulante charneca do Hampshire num maravilhoso panorama outonal. O sargento, com olhadelas incrédulas reveladoras da sua dúvida quanto à sanidade mental do meu companheiro, caminhava contrafeito ao nosso lado. À medida que nos aproximamos do local do crime, percebi que o meu amigo, apesar da sua calma habitual, estava na verdade profundamente agitado.

— Sim — disse ele, em resposta a uma observação minha —, você já me viu errar o alvo, Watson. Tenho uma espécie de instinto mas, às vezes, falha. A coisa pareceu muito simples quando primeiro me passou pela idéia, na cela de Winchester. Bem, Watson, o que nos resta fazer é experimentar.

Enquanto andava, tinha atado com firmeza uma ponta da corda ao cabo do revólver. Chegamos ao local da tragédia.

Com cuidado marcou o ponto exato onde o corpo caiu. Procurou então por entre os arbustos até que achou uma pedra bastante grande. Amarrou esta pedra à outra ponta da corda e pendurou-a por cima do parapeito da ponte, de modo que ela balançava livremente sobre a água. Em seguida tomou posição, ereto sobre o lugar fatal, a certa distância da beira da ponte, com o meu revólver na mão, estando a corda bem esticada entre a arma e a pesada pedra do lado oposto.

— Agora! — gritou.

Ergueu a pistola à altura da cabeça e logo a largou. A arma foi arrebatada pelo peso da pedra, bateu violentamente contra o parapeito e sumiu do outro lado, dentro da água. Holmes ajoelhou-se ao lado da alvenaria de pedra e com um alegre grito anunciou que encontrou o que esperava.

— Já alguma vez houve uma demonstração mais exata? Veja, Watson, o seu revólver resolveu o problema!

Enquanto dizia estas palavras, indicou uma segunda lasca do mesmo tamanho e forma da primeira, que tinha aparecido sobre o rebordo inferior da balaustrada de pedra.

— Esta noite ficaremos na estalagem — prosseguiu dirigindo-se ao atônito sargento. — O senhor pode arranjar um gancho apropriado e, com facilidade, retirará da água o revólver do meu amigo. Ao lado dessa arma encontrará a outra e, também, a corda e o peso com que essa mulher vingativa tentou disfarçar o seu próprio crime e elaborar uma acusação de assassinato sobre uma vítima inocente. Pode dizer a sr. Gibson que irei procurá-lo, pela manhã, a fim de se tomarem providências para a defesa de srta. Dunbar.

Já muito tarde, enquanto fumávamos os nossos cachimbos, na estalagem da aldeia, Holmes recapitulou brevemente os principais lances daquele caso.

— Receio, Watson, que você não melhore a reputação que eu possa ter adquirido, acrescentando aos seus anais o Misterioso Caso da Ponte de Thor. Mostrei-me lento de intelecto e falho desse amálgama de imaginação e realidade que constitui a base da minha arte. Confesso que a lasca na alvenaria era um indício suficiente para sugerir a verdadeira solução, e que me censuro por não a ter desvendado mais cedo.

Temos de admitir que a trama traçada pela inteligência dessa infeliz mulher era muito sutil, de modo que se tornou difícil esclarecer o problema. Creio que nunca nas nossas aventuras encontramos um exemplo mais estranho daquilo que o amor pervertido é capaz de produzir. Que srta. Dunbar fosse sua rival num sentido puramente mental, parece ter sido igualmente imperdoável a seus olhos. Sem dúvida ela atribuía à inocente jovem todos os modos rudes e as palavras duras com que seu marido procurava repelir o seu afeto demasiado exuberante. A sua primeira resolução foi dar fim à própria vida. A segunda foi fazê-lo de tal maneira que envolvesse a sua vítima num destino muito pior que qualquer morte.

A infeliz senhora arrancou muito habilmente de srta. Dunbar um bilhete que daria a entender que a ama escolheu o local do crime. Desejando ansiosamente que descobrissem o bilhete, excedeu-se um pouco,

conservando-o na mão até ao fim. Isto, só por si, devia ter despertado as minhas suspeitas desde o início.

Em seguida tirou um dos revólveres do marido (havia, como você viu, um verdadeiro arsenal na casa) e guardou-o para seu uso. Naquela manhã, escondeu no guarda-roupa de srta. Dunbar um revólver semelhante, depois de descarregar uma bala do tambor, o que lhe seria fácil fazer sem chamar a atenção. Dirigiu-se depois para a ponte onde idealizou aquele método engenhoso para se desembaraçar da arma. Quando srta. Dunbar chegou, utilizou as últimas forças extravasando o seu fel e, depois, quando já ninguém a ouvia, executou o seu terrível propósito. Cada elo agora está no seu lugar e a cadeia está completa. Os jornais poderão perguntar por que motivo a lagoa não foi dragada, mas é fácil adivinhar uma coisa, depois de alguém tê-la explicado e, seja como for, não é fácil dragar toda a extensão de uma lagoa coberta de caniço, a não ser que se tenha uma idéia clara daquilo que se procura e do lugar onde deve estar. Pois bem, Watson, ajudamos uma mulher notável e também um homem não menos notável. Se eles, no futuro, juntarem as suas forças, o que não parece impossível, o mundo das finanças verificará que sr. Neil Gibson aprendeu alguma coisa na escola da dor, que é uma grande mestra neste mundo.

OS SEIS NAPOLEÕES

Sr. Lestrade, da Scotland Yard, vinha com freqüência conversar conosco de noite e isso sempre agradava a Sherlock Holmes, porque lhe permitia ficar sabendo de todas as novidades recolhidas pela polícia.

O meu amigo prestava especial atenção a cada pormenor dos inquéritos de Lestrade e, de vez em quando, dava-lhe conselhos que a sua longa experiência de investigação dos homens e das coisas justificava.

Nessa noite, Lestrade falou do tempo e dos jornais: depois, a conversa cessou e ficou em silêncio, fumando o seu cachimbo.

— Nada de interessante? — sondou Sherlock Holmes.

— Não... Nada de novo...

Riu e acrescentou:

— Bem... Para que guardar segredo?... Sim, há um caso que me preocupa. Embora comum, tem o seu quê de curioso. Bem sei que o senhor tem um gosto acentuado por tudo quanto se afasta da banalidade. No entanto, desta vez, o caso parece dizer mais respeito ao dr. Watson, do que ao senhor.

— Doença?

— Loucura... de uma natureza bastante estranha. Acredita, sr. Holmes, que nos nossos dias ainda alguém possa nutrir um tal ódio a Napoleão, que se empenhe em quebrar impiedosamente todas as estátuas que encontra?

Holmes afundou-se na poltrona, resmungando:

— Isso não me diz respeito.

— É o que eu lhe estava dizendo. Mas o louco de quem falo tem assaltado várias residências para quebrar essas estatuetas, por isso o caso deixa de ser do âmbito do dr. Watson para passar ao domínio da polícia.

Holmes endireitou-se na poltrona, já ligeiramente interessado.

— Bem, tratando-se de assaltos, a questão já muda de figura. Conte-me os pormenores desse caso.

Lestrade pegou um bloco de anotações, que consultou.

— O primeiro incidente foi na casa de sr. Moisés Hudson, dono de uma loja de objetos artísticos, na Kennington Road. O homem teve de ausentar-se da loja por alguns momentos e subitamente ouviu um estranho ruído. Foi ver o que era e encontrou um busto de gesso, representando Napoleão, em mil pedaços.

Correu à rua, mas nada pôde descobrir, apesar de várias pessoas lhe afirmarem que tinham visto um indivíduo sair da loja correndo. Sr. Hudson pensa que se tratou de um caso de vandalismo como tantos outros que têm ocorrido de tempos em tempos. Foi o que declarou à polícia, mas como o busto não custava mais do que alguns xelins, não merecia que se fizesse um inquérito.

Porém, na noite passada, houve um caso idêntico... mas mais estranho e mais grave. Na mesma Kennington Road, não longe da loja de Moisés Hudson, mora um médico muito conhecido, o dr. Barnicot, que tem farta clientela na margem esquerda do Tâmis. A residência e consultório situam-se na Kennington Road, mas exerce clínica na Lower Brixton Road, a cerca de dois quilômetros de casa.

O médico é um grande admirador de Napoleão e tem a casa cheia de livros, quadros e relíquias relacionados com o Imperador. Tinha comprado, precisamente na loja de Moisés Hudson, duas reproduções em gesso do busto de Napoleão, da autoria do escultor francês Devine. Colocou uma delas na entrada da sua casa, na Kennington Road, e a outra sobre a lareira do consultório, na Lower Brixton.

Esta manhã, quando desceu do quarto, verificou que a casa tinha sido assaltada durante a noite, mas que nada tinha sido roubado. Só o busto de gesso no átrio foi atirado violentamente contra o muro do jardim e, dessa maneira, completamente despedaçado.

— Esse caso não é tão banal como possa parecer à primeira vista — comentou Holmes, esfregando as mãos, interessado.

— Sim, supus que lhe interessasse... Mas ainda não acabei... Ao meio-dia, o dr. Barnicot foi para a clínica e ficou espantado ao descobrir que uma janela tinha sido aberta, durante a noite, e que os fragmentos do seu segundo busto de Napoleão estavam espalhados pelo chão da sala.

Até agora, não conseguimos descobrir o mínimo indício que nos conduzissem ao louco que pratica tão estranhos assaltos.

— São realmente estranhos, para não dizer ridículos — considerou Holmes. — Agora, Lestrade, diga-me uma coisa: os dois bustos que foram quebrados nas casas do dr. Barnicot eram reproduções exatamente iguais à que também foi destruída na loja de Moisés Hudson?

— Sim. Todas provieram do mesmo molde.

— Só por si essa circunstância contraria a hipótese de que o homem tenha agido por ódio a Napoleão. Se considerarmos a numerosíssima quantidade de estátuas e bustos do Imperador existentes em Londres, é impossível supor que, por mera coincidência, esse homem parta em pedaços três exemplares do mesmo busto.

— Concordo plenamente — animou-se Lestrade. — Além do mais, Moisés Hudson é o único comerciante desse gênero de objetos no seu bairro e aqueles três bustos foram os únicos que teve à venda, nestes últimos anos.

Ainda que existam em Londres centenas de bustos similares, o homem só se interessou pelos desse bairro. Portanto, é natural que se trate de um fanático que more naquela área e tenha começado por eles. O que pensa a este respeito, dr. Watson?

— Dizem os psicólogos franceses que a “idéia fixa” tem o efeito de anular o raciocínio sobre uma determinada coisa, embora se mantenha equilibrada sobre as restantes.

Um indivíduo que tivesse estudado a vida de Napoleão intensamente e que, durante uma batalha como a de Maiwand⁽²⁾, por exemplo, tivesse

⁽²⁾ *Batalha de Maiwand, da 2ª Guerra do Afeganistão, em 1879, onde as tropas britânicas sofreram pesadas baixas e na qual o Dr. Watson fora ferido. (N. do T.)*

sofrido um grave ferimento, esse traumatismo poderia causar uma idéia fixa que o levasse a praticar verdadeiros atos de loucura.

Holmes abanou a cabeça.

— Isso está certo, Watson, mas nenhuma “idéia fixa” de destruição seria suficiente para fazer com que ele descobrisse onde se encontram os bustos. O raciocínio desse indivíduo fornece-lhe o necessário equilíbrio para atuar com método... e não movido por um trauma. Repare que, por exemplo, na entrada da casa do dr. Barnicot, onde um forte ruído poderia despertá-lo, o homem teve o cuidado de levar o busto para o exterior, onde pudesse parti-lo sem que o médico ouvisse. Contudo, no consultório, que se achava vazio e onde não corria o risco de ser surpreendido, não hesitou em quebrá-lo no próprio local.

Apesar deste caso se apresentar com pouca importância, não devemos minimizá-lo, pois muitos enigmas mais complexos que solucionamos começaram com idêntica insignificância aparente. Lembra-se, Watson, como resolvi aquele terrível drama da família Abermetty? Comecei por notar que a salsa fora colocada dentro da mantegueira, em vez de rodeá-la pela borda do prato.

A sua história, Lestrade, não merece sarcasmo, e ficarei grato se me informar da repetição de incidentes similares.

Efetivamente estes vieram a ocorrer após um curto período e de uma maneira mais trágica do que poderíamos esperar. Na manhã seguinte, estava me vestindo no meu quarto, quando bateram à porta. Holmes entrou com um telegrama de Lestrade:

“Venha urgentemente: 131 Pitt Street,
Kennington Lestrade.”

— O que aconteceu?

— Não sei... Talvez não tenha importância, mas pressinto que se trata da continuação da história dos bustos. Provavelmente, o homem recomeçou as suas operações noutro bairro de Londres. Beba o seu café sem demora, pois temos um coche à porta, à nossa espera.

Meia hora depois, entrávamos na Pitt Street, pequena rua muito tranqüila, num dos mais movimentados bairros de Londres.

O n° 131 correspondia a uma moradia semelhante a quase todas as restantes da mesma rua, sem decorações especiais. Junto à grade que antecipava a portaria encontrava-se uma multidão de curiosos.

— Diabos! — exclamou Holmes. — Desta vez, deve ter ocorrido um homicídio! Só quando se verifica um acontecimento desta natureza é que os comissários da *Scotland Yard* se dignam incomodar-se.

A multidão apinhada indica se tratar de um assassinato, pois é sempre necrófila... ou, pelo menos, um ato de invulgar violência. Repare, Watson! Os degraus superiores da escada foram lavados recentemente e os outros estão enxutos! Devem ter removido dali um corpo ensangüentado. Olhe! Lestrade já nos viu. Vamos saber o que houve.

Com um ar grave, o detetive nos conduziu a um quarto onde se encontrava um homem de meia idade cuja excitação se evidenciava pelo desarranjo da sua roupa. Usava um roupão de flanela e Lestrade apresentou-o como sendo o dono da casa:

— Sr. Horace Harker, membro do Sindicato da Imprensa... Uma vez mais o caso dos bustos de Napoleão. Ontem à noite, sr. Holmes, o senhor se mostrou interessado... e eis que a situação se tornou séria. Pensei que gostaria de seguir a pista...

— Que pista?

— Do assassino... porque, agora, há um homicídio... Queira sr. Harker, fazer o favor de repetir o que aconteceu...

Profundamente abatido, o homem disse:

— É inacreditável! Tenho passado a vida registrando casos alheios e agora que ocorre um drama na minha própria casa sinto-me tão agitado que nem sei como começar... Se eu tivesse vindo aqui como jornalista, poderia me entrevistar e reuniria matéria para encher duas colunas do jornal... Mas, neste momento, conto a história a toda a gente, mas me reconheço incapaz de desempenhar a minha profissão.

Tenho ouvido falar a seu respeito, sr. Holmes, e se o senhor conseguir desvendar este enigma, poderei considerar-me bem pago do incômodo que tenho em descrevê-lo.

Holmes sentou-se e Harker prosseguiu:

— Tudo isto parece girar em torno deste busto de Napoleão que adquiri, há quatro meses. Comprei-o barato, perto da High Street Station.

Trabalho freqüentemente toda a noite escrevendo até amanhecer. Foi o que fiz esta noite. Estava sentado à minha secretária, no andar de cima, quando por volta das três da manhã ouvi um ruído aqui embaixo. Fiquei escutando mas, como o ruído não se repetiu, achei que tivesse vindo da rua.

Cerca de cinco minutos depois, ouvi um grito pavoroso. Nunca ouvi um berro tão angustiado. Peguei o atiçador do fogão de sala e desci. Ao entrar aqui, verifiquei que a janela estava escancarada, de par em par, e que o busto desaparecera.

Confesso que não compreendo por que motivo um ladrão se empenhou em assaltar uma casa para apenas se apoderar dessa estatueta de gesso, sem valor algum!

Como vêem, seria fácil passar da janela para a escada exterior. Pensando nisso, abri a porta e logo tropecei num cadáver. Corri para pegar uma lanterna e deparei com a vítima, um desgraçado com a garganta meio degolada por um golpe horrível de que brotava sangue aos borbotões. Estava deitado de costas, com as pernas dobradas e a boca aberta. Receio que me reapareça em pesadelo... Fiquei apavorado. Acho que desmaiei, pois não me lembro de mais nada... Nem sequer chamei a polícia... Quando recuperei os sentidos, eu estava aqui com um guarda a meu lado.

— Sabe quem é o morto? — indagou Holmes.

Lestrade interveio, elucidando:

— Ainda ignoramos a sua identidade, pois não descobrimos nenhum indício relevante. Poderá ver o cadáver no necrotério, sr. Holmes, mas posso desde já dizer que se trata de um indivíduo de grande estatura e pele bronzeada, que pela musculatura aparenta ter possuído uma forma incomum. Devia ter cerca de trinta anos.

Embora vestido modestamente, não era um vagabundo. Na poça de sangue, a seu lado, encontramos uma faca de cabo de chifre. Não sabemos se essa arma lhe pertencia ou se seria aquela de que o assassino utilizou. Nada tinha nos bolsos que pudesse identificá-lo, a não ser uma maçã, uma corda, um mapa de Londres e... esta fotografia... que aqui tem, sr. Holmes.

Era uma foto tirada com uma máquina portátil, como as Kodak que agora se tornaram de uso corrente. Mostrava um homem de aspecto enérgico, com traços muito acentuados, quase simiescos, de sobrancelhas espessas e um maxilar inferior tão proeminente como o de um macaco.

Após examinar atentamente a fotografia, Holmes inquiriu:

— Que sucedeu ao busto de Napoleão?

Lestrade esclareceu:

— Soubemos isso no momento em que os senhores chegaram. Encontraram-no no jardim de uma casa desocupada, na Campden House Road. Está completamente estilhaçado... Vou lá agora... Quer vir comigo, sr. Holmes?

— Claro... mas... gostaria de dar olhada aqui, se não se importa...

O meu amigo examinou o tapete e a janela, após o que comentou:

— Esse sujeito deve ter umas pernas invulgarmente compridas... ou é um homem muito esperto. Este rés-do-chão é muito alto, tornando-se difícil para um assaltante atingir a janela e abri-la. Porém, a descida já não apresentaria dificuldade...

Quer vir comigo, sr. Harker, para contemplar o que resta do busto?

O jornalista, sentado à secretária, fez uma careta desconsolada.

— Tenho de escrever a reportagem de tudo isto... apesar de outros jornais, desta tarde, já terem publicado os pormenores. Isso só me sucedeu uma vez... Lembram-se do acidente em que as tribunas do hipódromo de Doncaster ruíram inesperadamente? Pois bem... embora eu fosse o único repórter que presenciou o desastre, fiquei tão emocionado que o meu jornal foi o único a não publicar a notícia. Senti-me incapaz de escrever... E, desta vez, também serei a último a rematar os pormenores de um crime que ocorreu à minha porta!

Quando saímos da sala, a pena do jornalista já deslizava velozmente sobre o papel.

O local onde os fragmentos do busto foram encontrados ficava a poucos metros da casa de Harker. Pela primeira vez, Holmes e eu pudemos ver o que restava da pequena estatueta do Imperador, agora espalhada sobre a relva. Que justificação poderia haver para que alguém o odiasse com tanta veemência?

Holmes colheu do chão alguns pedaços de gesso e examinou-os com cuidado. Pela sua atitude, deduzi que descobriu qualquer pista.

— Então? — sondou Lestrade.

Holmes encolheu os ombros.

— Só agora começamos... Em todo o caso, já temos um ponto de partida. Para o criminoso, a posse deste busto sem valor era mais importante do que a vida de um homem. Portanto, podemos concluir que a verdadeira finalidade do assassino não seria se limitar a quebrá-lo já que desta vez não o fez na própria casa onde o roubou, nem perto dela.

— Talvez assustado por ter matado um homem, não soubesse bem o que fazia — sugeriu Lestrade.

— É uma sugestão admissível, mas chama a sua atenção a localização desta casa?

— Está desocupada. O homem sabia que ninguém viria incomodá-lo neste jardim.

— Mas havia outra casa nas mesmas condições antes de chegar aqui. Por que não a escolheu?

— Talvez receasse ser apanhado com o busto nas mãos... Já não compreendo coisa alguma — confessou Lestrade.

— Veja este candeeiro acima das nossas cabeças. Aqui, podia ver o que estava fazendo; na outra casa, não teria luz. Está compreendendo o motivo?

— Bem... Lembro-me de que o busto pertencente ao dr. Barnicot também foi quebrado junto da lanterna...

— Pois bem, Lestrade, convém fixar este pormenor... Que providências tenciona tomar?

— Vou tentar identificar o cadáver. Quando soubermos quais os seus hábitos e relações, não será difícil descobrirmos o que fazia na noite passada na Pitt Street, onde o mataram.

— O seu otimismo não basta para caçar o criminoso.

— Que faria no meu lugar, sr. Holmes?

— Bem... não quero influenciá-lo. Siga a sua idéia, que eu seguirei a minha. Depois, poderemos comparar os resultados.

E quando voltar à Pitt Street, diga ao sr. Horace Harker que estou certo de que o autor do crime é simplesmente um louco dominado por um obcecado ódio a Napoleão. Isso será útil para o artigo que está escrevendo.

— Está falando sério? — espantou-se Lestrade.

Holmes sorriu e respondeu:

— Pelo menos, essa informação contém um maior interesse para o sr. Harker e para os leitores do jornal. E agora, Lestrade, vamos ao trabalho. Espero encontrá-lo esta tarde, às seis horas, na Baker Street.

Deixe-me ficar com a fotografia achada no bolso da vítima. Talvez seja útil na investigação que me proponho fazer. Até logo. Boa sorte.

Sherlock e eu fomos a pé à High Street e entramos na loja “Harding & Brothers”, onde o busto tinha sido comprado.

Um jovem atendente nos informou de que sr. Harding estava ausente e só voltaria mais tarde. Não podia prestar mais informações, pois era novo no emprego.

Desapontado, Holmes comentou:

— Nem sempre podemos contar com tudo quanto desejamos. Voltaremos à tarde para falar com sr. Harding. Entretanto, vamos interrogar sr. Moisés Hudson, na Kennington Road.

Meia hora depois, chegamos à casa de objetos de arte e deparamos com um homem baixo, muito, gordo, de rosto corado e gestos vivos.

Mal Holmes se apresentou, começou logo a protestar:

— Afinal de contas, para que diabo pagamos impostos? Deixam que um patife qualquer entre nas lojas e parta a mercadoria! Fui eu que vendi aqueles dois bustos ao dr. Barnicot... É vergonhoso! Só um anarquista se lembraria de fazer uma coisa destas!...

O senhor está interessado em saber onde comprei os bustos? Não vejo em que isso possa interessar a investigação do crime... Pois bem, comprei-os na casa “Gelder & Co.”, na Stepeny Street, de Church... uma firma idônea... com mais de vinte anos...

Quantos comprei, nessa altura?... Três. Dois foram logo vendidos ao dr. Barnicot... O terceiro apareceu partido sobre o balcão, não se sabe bem como...

Se conheço essa fotografia?... Não sei quem é... Mas espere! Parece Beppo!... Um italiano que trabalhou aqui na loja. Sabia emoldurar e ajeitava-se noutros arranjos... Deixou de trabalhar na semana passada e nunca mais apareceu... Não sei de onde veio, nem para onde foi. Abandonou a casa dois dias antes de o busto aparecer quebrado sobre o balcão... Não. Nunca tive queixa dele...

Quando saímos da loja do sr. Moisés Hudson, Holmes resumiu:

— Ficamos sabendo que esse Beppo foi empregado na Kennington; talvez também o tivesse sido, na Kensington. Essa caminhada será bem empregada, mas por enquanto temos de ir à “Gelder & Co.”, da Stepeny, de onde provieram as estatuetas.

Atravessamos a Londres elegante, a zona dos hotéis, o bairro dos teatros e o dos comerciantes e, finalmente, chegamos à zona dos marítimos que, na margem do rio, forma uma espécie de vila cosmopolita onde se apinham centenas de milhares de criaturas.

Numa rua larga, antes habitada pelos mais ricos mercadores da capital, descobrimos o estabelecimento que procurávamos. No pátio da entrada viam-se várias pedras para obras de talha e, no interior, cerca de cinquenta operários a fazerem esculturas e moldagens em gesso.

O gerente, um alemão loiro, recebeu-nos delicadamente e satisfez todas as perguntas de Holmes.

Após consultar os registros de vendas, informou terem sido feitas centenas de reproduções do busto de Napoleão imitando mármore, segundo o modelo concebido por Devine. Um ou dois anos atrás, de uma fornada de seis exemplares, três tinham sido encomendados por Moisés Hudson; as outras três, pela firma “Harding & Brothers”.

O gerente considerava as estatuetas absolutamente idênticas e não compreendia por que motivo alguém se empenharia em destruí-las.

O preço de fábrica era de seis xelins por unidade, mas o revendedor poderia vendê-la por doze. O busto era feito com dois moldes, um de cada lado: dois perfis justapostos, importados de Paris. Geralmente esse gênero de trabalho era executado por artífices italianos. Quando os bustos de gesso eram retirados dos moldes, seguiam para um corredor de secagem; finalmente, eram levados para a oficina para operações de acabamento e retoque.

Holmes mostrou a fotografia que Lestrade lhe emprestou e o alemão ficou furioso.

— Esse patife! — exclamou, corado, com a testa franzida sobre os olhos azuis. — Conheço-o perfeitamente! Foi por causa dele que a polícia veio até aqui, ainda não faz um ano. Esfaqueou em plena rua um seu conterrâneo. Acabou por ser preso nesta casa, imagine! Nesta firma da maior idoneidade!

— Como se chama esse sujeito?

— Beppo! Nunca soubemos o seu sobrenome. Essa história me ensinou a não mais empregar operários sem referências. Mas, indiscutivelmente, foi um dos melhores artífices que tivemos na fábrica.

— Quanto tempo esteve preso?

— Apenas um ano porque a vítima conseguiu se salvar.

— Tornou a aparecer por aqui depois de ter cumprido a pena?

— Não teve coragem para isso.

— Sabe qual era o seu endereço? — perguntou Holmes, sem grande esperança.

— Não, mas temos aqui um primo, na oficina de acabamentos. Talvez conheça o seu paradeiro.

— Não se incomode com isso. Convém que o primo nada saiba do nosso inquérito. O caso é realmente muito grave. Reparei, no seu livro de registros, que as vendas ocorreram em 13 de junho do ano passado. Pode me informar da data em que Beppo foi preso?

— Só verificando no livro de caixa... Ora deixe-me ver... — disse o gerente, amavelmente. — A última vez que Beppo recebeu o salário foi a 20 de maio.

Holmes agradeceu e recomendou-lhe a máxima descrição.

Já era muito tarde quando fomos almoçar. Na entrada do restaurante, um jornal noticiava o crime da Kensington, classificando-o como um assassinato cometido por um louco. As duas colunas da reportagem estavam assinadas por Harker. Holmes comprou um exemplar dessa edição e, enquanto comíamos, leu, sorrindo de certas passagens.

— Está tudo correndo bem, Watson — comentou. — Ora escute:

Apraz-nos transmitir aos nossos leitores que as mais autorizadas opiniões sobre o crime são unânimes: sr. Lestrade, um dos mais experientes detetives da Scotland Yard, e sr. Sherlock Holmes, conhecido perito em criminologia, consideram que os incidentes culminados com tão trágico epílogo foram obra de um louco e não de um criminoso comum, já que nenhuma outra explicação pode ser dada para tão estranho comportamento.

— Como vê, Watson, a Imprensa pode se tornar num instrumento eficiente, quando sabemos usá-la. Vamos agora consultar o gerente da “Harding & Brothers”. Talvez nos preste informações igualmente úteis.

Falamos com um homem baixo e bem vestido que sabia exprimir-se claramente e com vivacidade.

— Estou ao par do caso pelos jornais da tarde. Sr. Horace Harker foi um dos nossos clientes. Dos três bustos iguais que encomendamos à “Gelder & Co.”, um foi vendido ao sr. Harker [como pode ver neste livro de registro de vendas], o outro ao sr. Josiah Brown, da “Acacias Cottage” de Labernum Vale, em Chiswick, e o terceiro, ao sr. Sandeford, da Lower Grove Road, em Reading.

— E quanto a esta fotografia?

— Nunca vi esse homem. Se o tivesse visto, com certeza, lembraria de uma fisionomia tão desagradável.

— Têm operários italianos aqui?

— Sim. São imigrantes que já vêm do seu país com essa especialidade.

— E eles têm acesso ao livro de vendas?

— Bem... Os nossos livros não estão fechados num cofre. Durante o dia, qualquer pessoa da firma pode entrar na secretaria... Mas não vejo que

interesse teria um operário em bisbilhotar a quem vendemos os nossos trabalhos. Gostaria que me informasse... quando tiverem esclarecido este mistério...

Enquanto o sr. Harding falava, Holmes ia tomando nota. Não fez qualquer comentário, mas notei que estava satisfeito.

— Se não nos apressarmos — observou —, chegaremos atrasados ao nosso encontro com Lestrade.

Efetivamente, ao chegarmos à Baker Street fomos encontrá-lo andando pela sala, de um lado para outro, impaciente.

— Então, sr. Holmes, há novidades?

— Tivemos um dia muito ativo e o nosso trabalho não foi inteiramente inútil. Falamos com o fabricante dos bustos e já podemos seguir a pista de cada um deles.

— Os bustos! Sempre os bustos!... Bem, o senhor, sr. Holmes, lá tem os seus métodos, mas creio que a minha investigação foi melhor do que a sua. Consegui descobrir a identidade do cadáver.

— Sim?

— Sem a menor dúvida... — e até determinei o motivo do crime.

— Se conseguiu, Lestrade, isso foi ótimo.

— Deixamos um inspetor, Saffron Hill, encarregado de vigiar o bairro italiano. O fato de o cadáver trazer uma medalha com um santo ao pescoço, e ter uma pele morena, levou-me a pensar num meridional. O inspetor, mal o viu, reconheceu-o como sendo um dos mais sinistros estranguladores de Londres, Pietro Venucci, natural de Nápoles... membro dessa sociedade secreta que se denomina “Máfia”.

Portanto, é fácil concluir que o assassino também pertence a essa organização de banditismo organizado. Devia ter violado qualquer lei dessa sociedade, e Pietro foi encarregado de procurá-lo. Para tal, trazia consigo a fotografia, e este, após discutirem, assassinou o seu perseguidor. Que pensa disto, sr. Holmes?

— Um belo trabalho! — aplaudiu o meu amigo. — Mas que terá isso a ver com os bustos?

— Os bustos?... O senhor não pensa noutra coisa!... Esse assunto não passa de uma série de roubos comuns, insignificantes, que não merecem mais do que uns seis meses de prisão. O nosso inquérito visa o homicídio e já tenho a ponta da meada na mão.

— O que pretende fazer agora, Lestrade?

— Ir com Hill ao bairro italiano. Logo que descobrir o homem que está na fotografia, vou prendê-lo como assassino de Pietro Venucci.

— Não creio que consiga com toda essa facilidade. Podemos concluir o caso de uma maneira muito mais simples... embora isso dependa de um fator que não posso controlar... Apesar disso, se você quiser nos acompanhar, a Watson e a mim, esta noite, tenho esperanças de lhe entregar o criminoso.

— Vamos ao bairro italiano?

— Não, mas a Chiswick. Se falharmos, então irei com você amanhã ao bairro italiano. Creio que algumas horas de sono nos farão muito bem. Não vale a pena partirmos antes das onze horas da noite e poderemos estar de volta ao amanhecer. Jante conosco, Lestrade, e deite-se nesse divã até a hora de partirmos. Agora tenho de enviar uma carta urgente por um portador.

Dito isto, Holmes ainda se entreteve a olhar os jornais velhos da sua coleção. Pareceu-me que os seus olhos brilhavam de alegria, mas não fez comentários.

Certamente que o meu amigo esperava que o assassino cometesse outro assalto, com o fim de destruir um dos dois restantes bustos de Napoleão que se encontrava em Chiswick. Deveria querer surpreendê-lo em flagrante delito, por isso não me admirei quando me aconselhou a levar o meu revólver, enquanto se munia da sua arma favorita: a bengala forrada de borracha.

O coche que nos aguardava nos conduziu para lá da ponte de Hammersmith, onde Holmes ordenou ao cocheiro que ficasse à nossa espera.

Seguimos, a pé, até uma rua isolada, ladeada de moradias elegantes, com pequenos jardins. À luz do candeeiro pudemos ler, no alto do portão, a inscrição “Acacias Cottage”.

O dono da casa devia estar deitado, porque todas as luzes se achavam apagadas, exceto a do átrio que através da vidraça da porta de entrada se espalhava vagamente numa faixa do jardim. Este estava separado da rua por uma cerca de madeira, atrás da qual nos ocultamos.

— Ainda bem que não está chovendo — comentou Holmes —, porque a nossa espera ainda pode ser demorada... e, mesmo assim, é melhor não fumarmos para não denunciarmos a nossa posição.

Porém não tivemos de esperar muito, e o que sucedeu surpreendeu-nos. Subitamente, sem ruído, a porta do jardim se abriu e um indivíduo atravessou-a em direção ao fundo da casa.

Após alguns momentos de silêncio, em que quase retivemos a respiração, ouvimos um rangido de uma janela que se abria. O indivíduo entrou na moradia. Segundos depois, a luz velada de uma lanterna iluminou um dos quartos e, pela sua trajetória, deduzimos que o assaltante procurava qualquer coisa; em seguida, este passou para outro quarto.

— Vamos para perto da janela aberta — propôs Lestrade, num sussurro.
— Poderemos caçá-lo, à saída.

Mas, antes que déssemos um passo, o homem apareceu com um objeto branco debaixo do braço. Virando-se de costas para nós, colocou-o no chão e no instante imediato, ouvimos o ruído de uma pancada seca.

O homem estava tão absorvido na sua ação, que nem sequer ouviu nossos passos. Saltando sobre ele como um tigre, Holmes prendeu-lhe os braços e logo Lestrade o algemou.

Era o sujeito retratado na fotografia, de rosto hediondo, que agora nos olhava, fazendo gestos convulsivos.

Enquanto Lestrade e eu o segurávamos, Holmes foi se sentar nos degraus da entrada da moradia, examinando, à luz do candeeiro, os fragmentos do objeto branco que o assaltante quebrara.

Como já era de esperar, tratava-se de um busto de Napoleão. Nesse momento, a porta abriu-se e surgiu um homem gordo, em mangas de camisa, com um ar jovial.

— Sr. Josiah Brown? — inquiriu Holmes.

— O próprio — respondeu o dono da casa. — É o sr. Sherlock Holmes, não é verdade? Recebi a sua carta e segui à risca as instruções que me deu, fechando à chave todas as portas exteriores. É um prazer imenso ver que prendeu o bandido. Queiram entrar e tomar uma bebida...

Porém, Lestrade estava ansioso para colocar o preso em lugar seguro e regressamos ao coche que nos reconduziu a Londres.

Durante o trajeto, o homem não disse nada. Mas, a certa altura, aproveitando-se de um momento meu de distração, curvou-se e mordeu minha mão raivosamente.

No gabinete de Lestrade, na Scotland Yard, aguardamos que o bandido fosse revistado. Em seu poder encontraram apenas alguns xelins e uma faca de lâmina comprida, em cujo cabo se viam manchas de sangue seco.

— Está tudo correndo bem — anunciou Lestrade, animadamente. — Hill conhece outros elementos do bando e vai arrancar o nome deste patife.

Como vê, sr. Holmes, está se confirmando a minha teoria de que se trata de uma represália da “Máfia”. Estou grato por ter me auxiliado a efetuar esta prisão, embora não compreenda muito bem o motivo que o levou a agir...

— É um pouco tarde para explicar, Lestrade... e ainda me falta esclarecer alguns pormenores. Mas, se quiser, venha falar comigo amanhã, à Baker Street. Verá que temos um mistério ímpar nos anais do crime.

Virando-se para mim, acrescentou:

— Já que você, Watson, tanto se empenha em narrar as nossas aventuras, aqui tem uma bastante incomum, baseada nos bustos de Napoleão.

No dia seguinte, Lestrade nos deu inúmeras indicações sobre o preso.

— Chama-se Beppo, embora não saibamos qual o seu sobrenome. Atualmente, tem péssima reputação entre a colônia italiana mas, em outros tempos, era considerado escultor de muito mérito, ganhando a vida honestamente. Depois, seguiu por mau caminho e cumpriu alguns anos de prisão, tendo sido condenado por furto e, numa outra vez, por tentativa de homicídio de um compatriota... Fala inglês corretamente, mas se recusa a explicar por que motivo andava destruindo aquelas estatuetas que a polícia averiguou terem sido moldadas por ele, quando trabalhava na “Gelder & Co.”.

Pacientemente, Holmes escutou essas informações que já eram do nosso conhecimento. Finalmente, ao ouvir tocar a campainha da porta, os seus olhos brilharam e fez um movimento brusco na cadeira.

Em seguida, ouvimos passos na escada e o nosso criado trouxe-nos um homem idoso, de rosto corado e suíças grisalhas. Ao entrar, pousou sobre o tapete uma mala de viagem.

— Sr. Sherlock Holmes? — indagou.

O meu amigo cumprimentou-o.

— É o sr. Sandeford, de Reading

— Exatamente. Receio ter chegado com um ligeiro atraso. Os comboios nunca cumprem os horários! O senhor escreveu-me sobre o busto...

— Perfeitamente.

— Tenho aqui a sua carta, em que me oferece dez libras pela reprodução do busto de Napoleão que adquiri há muito tempo...

— Tal e qual.

— A sua carta me surpreendeu muito e gostaria de saber como descobriu que eu possuía esse objeto de arte.

— Fui informado por sr. Harding, da firma “Harding & Brothers”, que lhe vendeu e me deu o seu endereço.

— Compreendo... E disseram quanto paguei por ele?

— Não.

— Pois bem, sr. Holmes, não sou um homem rico, mas sou honesto e devo confessar que o busto apenas me custou quinze xelins. Portanto, devia avisá-lo do seu verdadeiro preço, antes de aceitar a sua oferta de dez libras.

— O seu escrúpulo é digno do maior louvor, sr. Sandeford, mas fixei esse preço e estou decidido a pagar.

— É grande generosidade sua, sr. Holmes. Trouxe o busto comigo e... aqui o tem — concluiu, abrindo a mala e exibindo a estatueta cujos exemplares semelhantes, até então, só tínhamos visto em pedaços.

Tirando do bolso uma nota de dez libras, Holmes colocou-a sobre a mesa.

— Queira fazer o favor, sr. Sandeford — propôs o meu amigo, estendendo-lhe um papel —, de assinar, na presença destas testemunhas, um recibo confirmando a presente transação. Sou muito meticoloso... e nunca se sabe que rumo um negócio pode tomar.

O homem assinou o recibo, visivelmente satisfeito.

— Muito obrigado, sr. Sandeford. Aqui tem o seu dinheiro. Desejo-lhe muito boa noite.

Quando o nosso visitante saiu, depois de embolsar as dez libras, Holmes tirou de uma gaveta uma toalha e estendeu-a sobre a mesa. Em seguida, colocou sobre ela o busto que acabou de comprar e, pegando na sua bengala, deu um violento golpe na cabeça. A estatueta de Napoleão quebrou-se instantaneamente e o meu amigo debruçou-se sobre ela, contemplando os fragmentos.

De repente, com uma exclamação de triunfo, mostrou-nos um dos pedaços em que se via incrustado um pequeno objeto escuro semelhante a uma uva. Então, anunciou:

— Aqui têm, meus amigos, a famosa pérola negra dos Bórgias!

Lestrade e eu ficamos estupefatos, mas logo aplaudimos o “mágico”, como se estivéssemos num teatro.

Um fluxo de sangue avivou as faces pálidas de Holmes, que nos fez uma reverência, como um ator agradecendo à ovação de uma platéia. Deixou de ser a habitual máquina de raciocinar e mostrava-se sensível à admiração. Embora desprezasse a glória pública, Holmes apreciava sempre as homenagens de um amigo.

— Sim, meus caros... Esta é uma pérola única no mundo e tive a sorte de, após uma cadeia ininterrupta de deduções, seguir-lhe a pista desde o quarto do “Dacre Hotel”, onde o príncipe de Colonna se hospedou e onde a perdeu, até ao interior deste busto, o último dos seis moldados em Stepeny, pela “Gelder & Co.”.

Recorda-se, Lestrade, da sensação que causou o desaparecimento desta jóia... valiosíssima... e dos esforços da polícia para reencontrá-la?

Há tempos, fui consultado sobre esse desaparecimento, mas, então, não havia elementos suscetíveis de me conduzissem à solução do enigma. Na época, as suspeitas recaíram sobre uma italiana, criada de quarto da princesa. Foi averiguado que a moça tinha um irmão em Londres, mas não se conseguiu provar qualquer relação entre ambos. Porém, quando soube que o homem assassinado se chamava Pietro Venucci, lembrei-me de que ela tinha esse mesmo sobrenome: Lucrezia Venucci. Logicamente, admiti a hipótese de serem irmãos.

Ao consultar a minha coleção de jornais antigos, descobri que a pérola desapareceu do hotel dois dias antes de Beppo ser preso por tentativa de homicídio, na “Geder & Co.”, justamente quando os bustos estavam sendo moldados.

Agora, apesar da ordem inversa dos fatos, já temos elementos para podermos acompanhar os acontecimentos. Beppo estava de posse da pérola, quer porque a roubou de Pietro, quer porque tivesse sido seu cúmplice ou intermediário, quando este recebeu a jóia furtada pela irmã. Este pormenor é de importância mínima. O que interessa é que, estando de posse da jóia, viu-se perseguido pela polícia. Prestes a ser preso, correu à oficina onde se achavam os seis bustos de Napoleão sobre a mesa de secagem.

Tendo unicamente escassos segundos para ocultar a pérola, Beppo fez um furo no gesso úmido de uma das estatuetas e escondeu-a habilmente, retocando depois a base. Durante o tempo que passou na prisão, os seis bustos foram vendidos. Embora o esconderijo da pérola fosse excelente, a verdade é que não havia maneira de identificar qual daqueles a continha no seu interior. Beppo sabia que de nada adiantaria sacudir um busto pois a pérola incrustada no gesso úmido não ficaria chacoalhando. Portanto,

todos eles precisariam ser destruídos. Por meio do primo que ainda trabalhava na “Gelder”, Beppo soube dos nomes e endereços dos compradores dos seis bustos.

Conseguiu empregar-se na loja de Moisés Hudson e seguiu a pista de três estatuetas, mas a pérola não se achava em nenhuma delas. Então, consultando alguns outros empregados seus conterrâneos, descobriu quem comprou os restantes três bustos. O primeiro estava em poder do sr. Harker. Quando Beppo foi assaltar a casa deste, deve ter sido seguido por Pietro. Discutiram, lutaram e Pietro foi assassinado.

Neste ponto da narrativa, tive uma dúvida.

— Se tinham sido cúmplices, por que diabo precisava Pietro trazer no bolso uma fotografia de Beppo?

— Porque, andando à procura dele, podia ter necessidade de mostrá-la a alguém que o reconhecesse e lhe desse informações do seu paradeiro.

Após o assassinato, eu ainda não sabia que se tratava da pérola negra das Bórgias e não tinha meios de averiguar se aquilo que Beppo procurava se encontrava na estatuetas de sr. Harker. Porém, sabia que um dos restantes bustos se achava em Chiswick. Ora, era evidente que Beppo preferiria tentar em primeiro lugar se apossar desse por estar mais longe de Londres e, portanto, menos vigiado pela polícia. Portanto, avisei o dono da casa para evitarmos novo drama e podermos caçar o assaltante.

Nessa altura, eu já tinha a certeza de que Beppo procurava a pérola, porque o nome de Pietro Venucci constituiu o laço de união conclusivo. Mas o busto em poder do sr. Josiah Brown, que eu examinei à porta da sua casa, em Chiswick, também não continha a jóia.

Só restava o que se achava em Reading, pertencente ao sr. Sandeford. Apressei-me a lhe escrever, propondo-lhe um excelente negócio. Como viram, Sandeford não hesitou em me vender um busto de seis xelins por dez libras. E aqui têm, meus amigos, a pérola negra dos Bórgias!

Durante alguns segundos, nos mantivemos em silêncio. Depois, Lestrade proferiu, apreciativamente:

— Tenho testemunhado, sr. Holmes, a sua brilhante intervenção em muitos casos complexos, mas nunca assisti a uma tão maravilhosa demonstração do seu poder de raciocínio. Pode crer que, na Scotland Yard, não lhe temos inveja. Pelo contrário, sentimos orgulho da sua cooperação. Por isso, peço-lhe que vá até lá, amanhã, para que todos tenhamos o gosto de apertar-lhe a mão.

— Obrigado — rouquejou Holmes, voltando o rosto para o lado, para ocultar a comoção.

Mas logo se tornou no indivíduo prático, com o calculismo frio que sempre conheci, indicando:

— Meu caro Watson, queira guardar esta pérola no cofre e passemos a examinar o caso da falsificação de Cork-Singleton...

Virando-se para o inspetor, despediu-se:

— Até à vista, Lestrade, e não se esqueça de que, quando encontrar dificuldades em qualquer caso complexo, me achará sempre disposto a ajudá-lo.

O CÍRCULO VERMELHO

I

— **F**rancamente, sra. Warren, não compreendo como possa ter qualquer razão especial para inquietar-se dessa maneira, nem vejo por que motivo eu deva intervir nesse caso. O meu tempo é precioso e tenho outros assuntos a tratar — declarou Sherlock Holmes, voltando a olhar o enorme álbum de recortes em que incluía e classificava novo material.

Contudo, a dona da pensão possuía a persistência e também a astúcia, características do seu sexo, e não se deu por vencida.

— No ano passado, o senhor resolveu um problema grave de um dos meus hóspedes, o sr. Fairdale Hobbes — insistiu.

— Ah, sim!... Tratou-se de um caso muito simples.

— Apesar disso, o sr. Hobbs não se cansa de falar a esse respeito, elogiando a sua gentileza e a esperteza com que o senhor solucionou um assunto tão obscuro. Agora que me vi envolvida numa situação não menos estranha, lembrei-me daquelas referências... Estou certa, sr. Holmes, de que se quisesse, o senhor poderia ajudar-me.

Holmes tornava-se acessível pela lisonja e também pelo apelo à sua cortesia. Estas duas forças convergentes o fizeram pôr de lado o pincel e a cola e, com um suspiro de resignação, recostou-se na cadeira.

— Muito bem, sra. Warren, queira expor o seu caso. O fumo do cachimbo não a incomoda?... Watson, tenha a bondade de passar-me os fósforos... Se não

me engano, a senhora anda preocupada porque seu novo hóspede se fecha no quarto, sem que a senhora consiga vê-lo. Se eu fosse seu inquilino, talvez também não me visse durante semanas seguidas...

— Acredito, sr. Holmes, mas neste caso as circunstâncias são diferentes. Ando apavorada e já nem consigo dormir. Ouço-o andar constantemente de um lado para outro do quarto, desde o romper da manhã até altas horas da noite... e nunca o vejo. Tenho os nervos à flor da pele!

Meu marido está tão preocupado como eu, mas, como trabalha todo o dia, não sofre tanto, enquanto eu não tenho um instante de sossego. Por que motivo o homem vive encurralado, escondido de todo o mundo?... Embora eu tenha uma criada, a verdade é que passo todo o dia em casa e já não consigo suportar, por mais tempo, uma tal situação.

Inclinando-se para a frente, Holmes pousou os finos dedos no ombro da mulher. Sempre que desejava, possuía um poder quase hipnótico para acalmar uma pessoa. A expressão de temor desapareceu do olhar da dona da pensão e ela concordou em se sentar na cadeira que o meu amigo lhe indicava.

— Se pretende que eu me encarregue desse caso — advertiu —, terá de relatar todos os pormenores. Reflita calmamente. A mais simples minúcia poderá ser essencial. Disse-me que esse homem apareceu há dez dias e lhe pagou duas semanas adiantadas?

— Perguntou-me quais eram as condições para o aluguel de um quarto, incluindo refeições, e respondi serem cinquenta xelins semanais. No sótão, temos uma sala e um quarto mobiliados...

— E então?

— O homem propôs pagar-me cinco libras por semana pelo pequeno apartamento. Não ia recusar uma tal oferta, já que vivemos com certas dificuldades. O dinheiro que meu marido ganha não é suficiente.

O sujeito mostrou-me uma nota de dez libras e prometeu:

— Darei outro tanto, de quinze em quinze dias e durante muito tempo, se atender às minhas condições... Se não quiser, paciência!

— Quais eram essas condições?

— Pretendia ter uma chave da casa, o que não era extraordinário, pois os outros hóspedes também a têm. Mas exigiu que o deixássemos só, sem nunca o perturbarmos, sob qualquer pretexto.

— Não acho que essas condições sejam extravagantes.

— Pois, sr. Holmes... aparentemente... mas excede todos os limites do bom senso! Há dez dias que está ali e nunca mais ninguém o viu... nem de

relance! Só o ouvimos andar de um lado para outro incessantemente, nervoso, noite e dia.

— Disse-me que ele lhe pediu uma chave?... Tem a certeza, sra. Warren, de que o seu hóspede nunca saiu do apartamento?

— Só na primeira noite. Depois disso, passou a viver completamente enclausurado.

— Ah! Saiu na primeira noite...

— Exatamente. Voltou muito tarde, depois de já estarmos deitados. Quando alugou o sótão, avisou-me de que sairia nessa noite, para que não trancássemos a porta da rua. Já passava muito da meia-noite quando o ouvimos subir as escadas.

— E quanto às refeições?

— Recomendou-me expressamente que lhe servíssemos quando tocasse a campainha... mas deveríamos colocá-las sobre uma cadeira do lado de fora da porta. Depois de ter comido, tornaria a tocar e nós iríamos buscar os pratos... na cadeira! Imagine!

— Nunca pede outra coisa, além das refeições?

— Bem... Quando precisa de mais alguma coisa, escreve-nos um bilhete, em maiúsculas e coloca-o identicamente sobre a cadeira.

— Em maiúsculas?

— Precisamente, como se mal soubesse escrever. São palavras simples, como as que aqui estão, nestes pedaços de papel que trouxe comigo, sr. Holmes.

Veja: SABÃO. Eis aqui outro: FÓSFORO. Olhe o que ele me deixou, logo na primeira manhã: DAILY GAZETTE. Entrego-lhe esse jornal, todos os dias, juntamente com o café.

— Diabos, Watson — exclamou Holmes, examinando os pedaços de papel. — Isto parece realmente estranho. O seu desejo de reclusão é fácil de compreender, mas por que raio só escreve em maiúsculas que dão mais trabalho a desenhar. Por que não utiliza uma grafia normal?

— Provavelmente não quer revelar a sua própria letra — sugeri.

— Por que motivo? Que importância pode ele dar a que a sua hospedeira leia uma só palavra redigida com a própria grafia? E qual a razão dessas mensagens tão sucintas?

— Não compreendo — confessei.

— É um pormenor que nos oferece uma interessante matéria para raciocínio especulativo. Repare que o papel foi rasgado neste ponto... e só

depois de a palavra SABÃO ter sido redigida. Note que o “S” ficou cortado ao meio... Isto não lhe parece sugestivo, meu caro Watson?

— Talvez houvesse, no papel, qualquer marca que pudesse trair-lhe a identidade...

Holmes pareceu não concordar com a minha hipótese e sondou:

— Creio, sra. Warren, que me disse que esse seu hóspede é de estatura mediana, moreno... e usa barba... Quantos anos acha que ele tem?

— É ainda novo... Não deve ter mais de trinta anos.

— Pode dar outras indicações?

— Embora fale inglês corretamente, pareceu ter uma pronúncia estrangeira.

— Anda bem vestido?

— Até com elegância... É um perfeito cavalheiro. Vinha de terno escuro... Nada que chamasse atenção.

— Não lhe disse como se chamava?

— Não.

— Nunca recebeu visitas... ou cartas?

— Absolutamente nada.

— Mas, para procederem à limpeza, a senhora ou a sua criada entram no apartamento, de manhã... não é assim?

— Nunca. Ele próprio trata do arranjo do apartamento.

— Isso é realmente extraordinário... E quanto à bagagem?

— Só trazia consigo uma grande mala castanha... Nada mais.

— Bem... são elementos muito escassos... Tem certeza de que nada saiu do sótão... Absolutamente nada?

Sra. Warren extraiu da bolsa de mão um sobrescrito que virou sobre a mesa, fazendo cair dois fósforos queimados e uma ponta de cigarro.

— Encontrei isto na bandeja do café hoje de manhã — elucidou. — Trouxe-lhe isto, porque consta que o senhor, sr. Holmes, é capaz de solucionar um mistério, mesmo a partir de meras ninharias...

Holmes encolheu os ombros.

— Nada vejo de especial nesses restos — confessou. — Evidentemente, os fósforos foram usados para acender cigarros, o que se depreende facilmente pela curta porção de madeira queimada. Para acender um

cachimbo ou mesmo um charuto, consome-se pelo menos metade de um fósforo...

Subitamente, o meu amigo acrescentou:

— Olha! Este cigarro já tem mais interesse. Não me disse que o seu hóspede usa barba e bigode?

— Sim.

— É estranho! Iria jurar que este cigarro só poderia ter sido fumado por alguém de rosto barbeado. Repare, Watson. O filtro é minúsculo. Até o seu curto bigode, meu amigo, teria ficado chamuscado!

— Talvez use boquilha — sugeri.

— Não usa porque a extremidade do cigarro indica ter sido introduzida entre os lábios. É possível, sra. Warren, estarem vivendo duas pessoas no mesmo quarto?

— Não, sr. Holmes. O homem come tão pouco que nem entendo como consegue manter-se de pé.

— Muito bem, sra. Warren. Teremos de aguardar até possuírmos mais alguns elementos. No fundo, a senhora não tem motivo para se queixar, já que o aluguel do apartamento foi pago antecipadamente e não pode acusar o hóspede de ser incômodo, embora o seu comportamento desperte certa estranheza.

Se o homem lhe paga generosamente e apenas deseja manter-se oculto, não me parece que tenhamos o direito de interferir no seu sigilo... a menos que advenha uma ação criminosa. Aceito a investigação deste caso, sra. Warren, e pode ficar descansada, pois farei o possível por solucioná-lo. Se algo de novo acontecer, não deixe de comunicar.

Depois de a mulher se retirar, Holmes observou:

— É incontestável, Watson, que este caso apresenta certos aspectos interessantes. Pode se tratar, simplesmente, de um comportamento menos banal... mas talvez estejamos perante um fenômeno muito mais complexo. A primeira hipótese que me ocorre é a de o apartamento ter sido alugado a uma pessoa diferente daquela que atualmente o ocupa.

— Por que supõe isso?

— Mesmo abstando-nos da ponta de cigarro, não lhe parece estranho que o hospede tenha saído logo após ter alugado o quarto? Regressou... ou uma outra pessoa, em vez dele... quando já todos estavam deitados. Nada nos prova que seja a mesma pessoa, ainda mais que, no momento do aluguel,

falava inglês corretamente e, agora quem lá está escreve “fósforo” no singular em vez de “fósforos”, como seria normal. Isto me leva a supor que a palavra foi copiada de um dicionário, onde todos os termos se apresentam no singular. Além disso, as mensagens indicam que o seu autor não deve dominar a língua inglesa. Creio realmente, Watson, que houve uma substituição de hóspedes.

— Mas com que intenção?

— É aí que está o problema. Mas o rumo da investigação não parece muito tortuoso.

Retirando da estante o álbum onde compilava os recortes jornalísticos referentes a pessoas desaparecidas, Holmes começou a folheá-lo.

— Santo Deus! — exclamou. — Que coro de lamentações! Que amontoado de acontecimentos dramáticos! Mas constitui um manancial para quem se dedica ao estudo de fatos extraordinários.

O hóspede em questão encontra-se só, sem poder receber cartas em virtude do segredo que as circunstâncias lhe impõem. Sendo assim, como poderá chegar ao seu conhecimento qualquer notícia do exterior? Só por meio de um anúncio publicado no jornal. Felizmente, sabemos de que jornal se trata. Aqui estão os recortes do Daily Gazette da última quinzena. Ora vejamos: “Senhora que esteve, com uma estola negra, no Princes Skating Club”,... Bem, não estamos interessados em patinadoras... Passemos adiante: “Certamente que Jimmy não querará despedaçar o coração de sua mãe”... Não nos interessa... “Todo o dia o meu coração anseia”... Não!... “Se dama que desmaiou no ônibus de Brixton”... ...Também não vem ao caso. Que monte de “abobrinhas” encontramos aqui...

Aqui está ele: Ando tomando providências. Paciência e cautela. G.

Olha! Eis uma notícia com provável interesse. Ora escute: “Tenha paciência. Encontrarei um meio mais seguro de comunicação. Por enquanto continuarei utilizando esta mesma coluna. G.” Este anúncio foi publicado dois dias depois de o hóspede da sra. Warren se instalar no sótão. Talvez o enclausurado conheça inglês, embora só saiba escrevê-lo em maiúsculas! Vejamos se conseguimos encontrar mais algum artigo semelhante.

Aqui está ele: “Ando tomando providências. Paciência e cautela. G”.

Nada... nada... nada... Uma semana sem qualquer comunicação... Mas eis aqui algo mais definido: “O curso dos acontecimentos melhorou. Se me for possível escrever em código, lembre-se de que 1 corresponde a A;

2 a B, e assim sucessivamente. Em breve darei notícias. G.”. Este anúncio veio no jornal de ontem e parece se enquadrar no mistério do hóspede de sra. Warren. Creio que o caso começa a se tornar inteligível.

Assim aconteceu porque, na manhã seguinte, encontrei o meu amigo junto da lareira, com as costas viradas para o lume e um sorriso de regozijo iluminando seu rosto.

Pegando o jornal que estava em cima da mesa, exultou:

— O que me diz disto, Watson?

E leu:

— Casa alta, de tijolos vermelhos, revestida de pedra branca. Terceiro piso. Segunda janela à esquerda. Depois do pôr-do-sol.

Bastante claro, hem? Depois do almoço, vamos fazer um breve reconhecimento, nos arredores da pensão da sra. Warren.

Mal acabou de dizer essas palavras, esta entrou apressadamente pela sala, com uma atitude tão explosiva que indicava ter havido uma nova ocorrência.

— Que notícias nos traz, sra. Warren?

— Agora, sr. Holmes, já um caso de polícia! O homem tem de sair lá de casa, imediatamente, com a bagagem e tudo! Ainda pensei expulsá-lo pessoalmente, mas preferi ouvir primeiro o seu conselho, sr. Holmes. Minha paciência se esgotou!... Imagine que chegaram a bater no meu marido!

— Bateram no sr. Warren?

— Exatamente. Atacaram-no pelas costas.

— Quem o atacou?

— Bem... Isso não sabemos. Foi hoje muito cedo. O meu marido é o encarregado do livro de ponto da “Martan & Waylight”, da Tottenham Court Road, por isso tem de chegar à firma um pouco antes das sete. Pois bem, mal deu dois passos na nossa rua, dois homens se aproximaram dele pelas costas e, envolvendo-lhe a cabeça com um pano, meteram-no num coche que se achava encostado na calçada. Depois de o levarem com eles por uma hora, abriram a porta e empurraram-no para a calçada.

Ficou tão atordoado com a queda que nem viu para onde o coche seguiu. Ao voltar a si, viu que se achava em Mapsted Heath. Então, tomou um ônibus e, ao chegar em casa, deitou-se num canapé onde o deixei quando vim correndo para cá, sr. Holmes, a fim de contar-lhe o sucedido.

— Isso é muito interessante! Sabe se o seu marido notou como eram esses homens?... Chegou a ouvi-los falar?

— Não reparou em nada, pois ficou completamente aturdido. Só sabe que se sentiu levantado do chão como que por magia e acabou por ser devolvido à terra. Eram dois... ou talvez três.

— Por que motivo, sra. Warren, relaciona essa agressão com o seu hóspede?

— Porque, em quinze anos que ali moramos, nunca aconteceram tais coisas. Estou farta daquele sujeito! O dinheiro não é tudo na vida! Quero que ele saia de nossa casa, antes que anoiteça.

— Um momento, sra. Warren. Não deve agir precipitadamente. Suspeito de que este caso seja mais importante do que pareceu, à primeira vista. Agora, torna-se evidente que o seu hóspede está ameaçado por qualquer perigo e que os seus inimigos lhe fizeram armadilha junto da casa. Devido ao nevoeiro desta manhã, devem ter confundido o seu marido com ele. Apenas podemos pensar o que esses indivíduos teriam feito ao seu hóspede, se não se tivessem enganado.

— Que devo então fazer, sr. Holmes?

— Bem... Convinha que eu visse esse indivíduo.

— Não sei como, a menos que arrombe a porta, porque ele só a abre depois de ouvir-me descer a escada, quando já lhe deixei a bandeja sobre a cadeira.

— Podemos esconder-nos na escada e vê-lo, no momento em que recolhe a bandeja. Será possível?

A mulher, depois de refletir, sugeriu:

— Na escada não, mas há um pequeno cubículo de arrumação, bem em frente ao quarto. Se o senhor tivesse a porta do quatinho entreaberta, talvez fosse possível espia-lo por meio de um espelho, colocado de maneira apropriada...

— Perfeito! A que horas ele costuma almoçar?

— Por volta da uma hora.

— Nesse caso, o dr. Watson e eu estaremos lá a tempo de espia-lo.

Ao meio-dia e meia hora, subimos a escada da pensão da sra. Warren. Era um edifício de tijolos amarelos, alto e esguio, da Great Ormè Street, rua estreita, a noroeste do “British Museum”.

Como se tratava de um prédio de esquina, tinha um bom ângulo de visão para a Howe Street, de casas mais requintadas. Apontando para uma

destas, que se destacava por ser mais alta, entre os restantes edifícios de apartamentos, Holmes observou, sorrindo:

— Repare, Watson: “Casa alta, de tijolos vermelhos, revestida de pedra branca”. Eis o local que nos foi sinalizado pelo código que já conhecemos. Lá está, na segunda janela da esquerda do terceiro piso, um cartaz em que se lê: “Aluga-se”. É, sem dúvida, ali, que o cúmplice do hóspede se instala, aproveitando-se do fato de o quarto estar vazio.

— Então, sra. Warren, como estão as coisas?

— Já tenho tudo pronto. Se quiserem subir... Talvez seja melhor descalçarem os sapatos...

O esconderijo no cubículo de arrumações era excelente e o espelho foi colocado de maneira que, agachados no escuro, podíamos ver nitidamente a porta da frente.

Após a sra. Warren ter se retirado, estando nós instalados no nosso posto de observação, ouvimos ao longe a campainha de chamada do nosso misterioso vizinho.

A sra. Warren trouxe a bandeja com o almoço e, mal o ruído dos seus passos se extinguiu ao fundo da escada, ouvimos o rodar de uma chave na fechadura e vimos, pela fresta da porta entreaberta, duas mãos finas levantarem a bandeja da cadeira. Porém, largaram-na precipitadamente. Por um brevíssimo instante, um belo rosto moreno refletiu-se no nosso espelho, horrorizado. Em seguida, a porta do quarto fechou-se bruscamente e a chave tornou a rodar na fechadura.

Tudo ficou em silêncio e Holmes puxou-me pela manga, esgueirando-nos ambos pela escada.

Sra. Warren aguardava-nos ansiosamente. Enquanto calçávamos os sapatos, Holmes prometeu:

— Voltaremos logo à noite, sra. Warren. Esteja descansada... Será melhor, Watson, discutirmos a situação em nossa casa.

Enterrado comodamente na sua poltrona, Holmes observou:

— Como pôde verificar, Watson, a minha hipótese estava certa. Houve, efetivamente, uma substituição de hóspedes. Só não previ que fôssemos encontrar uma senhora, por sinal nada comum.

— Ela nos viu pelo espelho.

— Acho que não, porque estávamos na escuridão mas, decerto, notou de relance algo que a alarmou, talvez a porta entreaberta, ou talvez um reflexo de luz no espelho.

Agora, já nos é fácil estabelecer a seqüência dos fatos: trata-se de um casal que veio para Londres e se esconde de um perigo iminente, já que toma as maiores precauções.

O homem tem de realizar um trabalho qualquer, durante o qual procura manter a mulher em segurança, quase em cativeiro. Tem conseguido com tanta eficiência que nem a dona da pensão, nem a criada conseguiram ver a jovem enclausurada do sótão. O terror, que esta manifestou no rosto, prova-nos que corre um grande risco, assim como o comprova a agressão de que o sr. Warren foi vítima, ao ser confundido com nosso misterioso homem. Contudo, este ataque significa que os inimigos do casal ainda não sabem da substituição do hóspede, por uma mulher. Julgam, portanto, que ele ainda mora ali. Não há dúvida, Watson, de que o caso é muito complexo.

— Por que motivo, Holmes, quer levar adiante a investigação? Que ganha você com isso?

— Nada, mas prossigo nela por amor à arte. Suponho que você, Watson, quando se formou em Medicina, também examinou pacientes e estudou vários casos, sem ganhar nada.

— Estava enriquecendo os meus conhecimentos, a minha cultura médica.

— Não há limites para a cultura, meu caro Watson. O campo da nossa experiência é um constante manancial de lições, das quais a maior é sempre a última. Este caso, meu amigo, constitui uma experiência instrutiva. Ainda que não me proporcione dinheiro ou fama, vale a pena solucioná-lo... e talvez o consigamos, ao cair da noite.

Quando regressamos a casa da sra. Warren, uma cortina de nevoeiro aumentou a tristeza dessa noite londrina, tudo envolvendo na monotonia do seu manto, apenas rasgado, aqui e além, pelas luzes amarelas das janelas iluminadas e pela pouca claridade dos lampiões de gás.

Ao espiarmos pela janela da sombria sala de estar da pensão, vimos uma luz mais tênue tremeluzir na silhueta do prédio alto da Howe Sreet, recortada na escuridão da noite.

Encostando o rosto magro à vidraça, Holmes observou:

— Alguém está se movendo naquele quarto. Vejo agora a sombra. Tem uma vela na mão e está olhando na nossa direção. O homem pretende se

certificar de que a mulher está alerta. Repare, Watson: começou a fazer sinais com a luz. Tome também nota da mensagem para reciprocamente verificarmos a sua exatidão. Um sinal simples significa A; agora, são sinais repetidos, vinte vezes: é um T. Também contou vinte, Watson? Repare... Uma nova série de vinte relampejos: outro T. Não faz sentido... Deve ser o início de outra palavra: AT. T. Cinco sinais representam um E... e agora foram catorze: é um N. Temos, portanto AT TEN ⁽³⁾. Novamente vinte: um outro T, sem dúvida de uma nova palavra. Repare: um só sinal. Por conseguinte ATTENTA... É estranho! O homem parou. Que diabo terá sucedido, para interromper a mensagem. “TA” não significa coisa alguma! Às dez... Ta...!” TA, quê? É realmente confuso, Watson!

Olha! Recomeçou os seus sinais: A...T...T... E...N...T...A. Raios! Repetiu a mensagem anterior! ...E volta ao princípio! Quantas vezes mais irá repeti-la? O que pensa disto, meu amigo?

— Deve se tratar de um outro código obscuro — sugeri.

Subitamente, o meu companheiro soltou uma gargalhada.

— Nada tem de obscuro, meu caro Watson. Não eram várias palavras, mas uma única. Repare: repete-a pela terceira vez. O A final indica um termo feminino, numa língua itálica ou hispânica. “Attenta”, em italiano, significa “toma atenção” ou “tem cuidado”! A mensagem dirigida a uma mulher repetida três vezes é uma advertência de grande perigo: Alerta! Alerta! Alerta! Que lhe parece, meu amigo?

— Creio que acertou.

— Não pode haver outra hipótese... Mas, “tem cuidado”... com quê? Veja... Aproximou-se da janela e fez novos sinais, mais apressados.

Estes eram tão rápidos que tivemos dificuldade em contá-los, mas logo Holmes decifrou, em voz alta:

— PERICOLO... Que quer isto dizer. Watson? É perigo, não é assim? Nesse caso a situação se agravou. Lá estão a repetir... P...E...R...I. Olha! Diabos!

A luz se apagou repentinamente. O retângulo amarelo do terceiro piso confundia-se com a mancha escura de todo o prédio, onde as restantes janelas tinham cortinas fechadas. Aquela última mensagem de alarme foi interrompida de maneira imprevista. Como e por quem?

⁽³⁾ Em inglês: “Às dez (horas).” (N. do T.)

No mesmo instante, ocorreu-nos o mesmo pensamento e Holmes ergueu-se de salto, como que impulsionado por uma mola.

— O momento é grave, Watson. Cumpria-me avisar a Scotland Yard, mas não temos tempo a perder.

— Não quer que eu vá chamar a polícia?

— Convém-nos avaliar melhor a situação. Talvez a nossa interpretação seja dramática demais... e não quero cair no ridículo... Vamos até lá e tentaremos averiguar o caso, sozinhos.

II

Enquanto nos apressávamos, ao longo da Howe Street, atravessando para a calçada oposta, olhei para trás por cima do ombro e avistei na janela do sótão da casa de que acabávamos de sair, a silhueta de uma cabeça de mulher, numa atitude rígida, certamente tensa, procurando na escuridão da noite adivinhar a causa da interrupção da mensagem.

À porta do edifício de apartamentos da Howe Street, estava parado um homem, envergando um grosso sobretudo. Quando a luz do átrio nos iluminou os rostos, o homem exclamou:

— Sr. Holmes!

— Você aqui, Gregson? — admirou-se o meu companheiro, apertando a mão do detetive da Scotland Yard.

— Quem tem a mesma paixão acaba sempre por se encontrar. Que motivos o trouxeram aqui?

— Acho que sejam os mesmos que o trouxeram — replicou Gregson —, embora não compreenda por que anda seguindo a mesma pista.

— Pontas diferentes que nos conduziram à mesma meada. Estive interpretando sinais.

— Que sinais?

— Daquela janela do terceiro piso. Alguém estava transmitindo qualquer mensagem e interrompeu no meio, apagando a luz tão de repente que decidimos averiguar a causa... Mas visto que o caso já está nas suas mãos, não há razão para que eu continue esta pesquisa.

— Espere um momento, sr. Holmes — pediu Gregson, com certa ansiedade. — Faço-lhe a justiça de reconhecer que sempre me senti mais confiante num inquérito quando o tive ao meu lado. Como esta casa só tem uma saída, o tipo não pode nos escapar.

— Que tipo?

— Ah! Pelo visto, desta vez, estamos mais adiantados do que o senhor! E já temos algumas vantagens sobre ele.

Bateu com a bengala no chão e, no mesmo instante, um cocheiro segurando um chicote saltou de um coche que estava estacionado do lado oposto da rua e se aproximou de nós.

Dirigindo-se ao cocheiro, Gregson apresentou:

— Eis aqui sr. Sherlock Holmes, de quem já lhe falei. Este é sr. Leverton da empresa norte-americana de investigações particulares, “Pinkerton Agency”.

— O herói do mistério da caverna de Long Island? — indagou Holmes, apreciativamente, apertando a mão do detetive. — Tenho muito prazer em conhecê-lo pessoalmente.

O americano, jovem e tranqüilo, de rosto anguloso e bem delineado, corou com a saudação elogiosa.

— Estou empenhado no caso mais importante da minha carreira, sr. Holmes. Se conseguir prender Gorgiano...

— O quê? Refere-se a Gorgiano do “Círculo Vermelho”?

— Oh! Vejo que a fama deste tipo já chegou à Europa! Temos investigado toda a sua ação nos Estados Unidos e temos também a máxima certeza de que é responsável por mais de cinquenta homicídios, mas ainda não obtivemos a mínima prova que nos permita prendê-lo. Venho o seguindo desde Nova York e aqui em Londres ainda o não perdi de vista, de maneira que aguardo o menor pretexto para capturá-lo. Desde que entrou, já saíram três pessoas, mas estou certo de que nenhuma delas era Gorgiano.

— Sr. Holmes referiu-se a uns sinais... — interveio Gregson. — É natural que esteja a par de muita coisa que ainda ignoramos.

Holmes explicou sucintamente a situação e o americano não escondeu o seu desapontamento, batendo com um punho fechado na palma da outra mão.

— Nesse caso, Gorgiano já percebeu a nossa presença. Tem vários cúmplices aqui em Londres... Se estava enviando uma mensagem a algum deles e se a interrompeu quando o avisava de um perigo, isso só pode significar que nos viu na rua e resolveu agir imediatamente para evitar ser preso. Na sua opinião, sr. Holmes, que devemos fazer?

— Subir imediatamente ao terceiro andar para averiguarmos o que aconteceu.

— Mas não temos qualquer mandado de prisão contra ele!

Gregson alvitrou:

— O tipo se encontra num apartamento desocupado e em circunstâncias suspeitas... Isso basta. Depois de capturá-lo, a polícia de Nova York poderá arranjar uma acusação qualquer que nos permita manter o “pássaro” na “gaiola” até o julgamento.

Talvez, algumas vezes os nossos policiais careçam de inteligência, mas nunca lhes falta coragem. Gregson subiu a escada para prender o temível assassino com a mesma calma e naturalidade com que teria subido a escadaria principal da Scotland Yard. O detetive da “Pinkerton” ainda tentou ultrapassá-lo, mas Gregson manteve-o com firmeza atrás de si. Na realidade, os perigos de Londres eram privilégio da polícia londrina.

A porta do apartamento da ala esquerda do terceiro piso estava entreaberta e Gregson escancarou-a. Lá dentro, tudo era silêncio e treva.

Risquei um fósforo e acendi a lanterna portátil do nosso companheiro da Yard. No momento em que o clarão trêmulo se transformou numa boa chama, soltamos uma exclamação de surpresa. Sobre as tábuas do sobrado destacavam-se pegadas de sangue fresco que iam até a sala ao lado.

A porta de comunicação estava fechada, mas Gregson arrombou-a com um violento empurrão e ergueu o lanternim para melhor iluminar o aposento, também desprovido de mobília. Com certa ansiedade, espiamos por cima dos seus ombros.

No meio da sala, jazia o corpo contorcido de um homem de grande estatura, cujo rosto moreno se contraía num rito medonho. Tinha a cabeça pousada numa larga poça de sangue que se alastrava nas tábuas de madeira clara, formando um círculo vermelho, viscoso. Tinha os joelhos dobrados e as mãos espalmadas, numa atitude de agonia e, do meio do seu pescoço musculoso e escuro, emergia o cabo de um punhal, profundamente cravado na carne.

Apesar da sua gigantesca constituição, ao receber um tal golpe, o indivíduo devia ter caído fulminado como um boi no matadouro. Junto à sua mão direita, encontrava-se uma espécie de adaga de dois gumes e, ao lado desta, uma luva de pelica preta.

— Diabos! — exclamou a detetive americano. — É Gorgiano, o “Negro”!... Alguém o pegou antes de nós!

— Ali está a vela, sr. Holmes — apontou Gregson.

O meu amigo atravessou o quarto, pegou a vela e acendeu-a. Um instante depois, começou a agitá-la insistentemente de um lado para o outro, junto à vidraça da janela.

— Que diabo está o senhor fazendo? — espantou-se Gregson.

— Tentando ser útil — respondeu Holmes, sem interromper a gesticulação. Quando terminou, voltou para perto de nós mas permaneceu absorto nos seus pensamentos, enquanto os dois profissionais examinavam o cadáver. Finalmente, inquiriu:

— Você, Gregson, viu três pessoas saírem do prédio enquanto estive lá embaixo?

— Sim.

— Mas não saíram juntas?

— Não. Primeiro saíram dois homens de meia-idade. O outro só bastante tempo depois passou por mim.

— Teria cerca de trinta anos, de estatura mediana, com uma pele morena e barba preta?

— Sim. Esse foi o último a sair.

— Deve ser o nosso homem. Posso dar-lhe uma melhor indicação a seu respeito. Além disso já temos as suas pegadas, uma delas, pelo menos, excelente. Isso é o bastante.

— Parece-me bem pouco, sr. Holmes, entre os milhões de habitantes de Londres!

— Por esse motivo, julguei conveniente chamar esta senhora que acaba de chegar.

Vimos admirados e vimos no limiar da entrada uma mulher alta e bela: a misteriosa hóspede da Great Orme Street.

Lentamente, com o rosto agora pálido e angustiado, penetrou no quarto sem tirar os olhos do vulto escuro caído sem vida. Então, balbuciou:

— Mataram-no! Vocês o mataram! — e acrescentou, num gemido: — Dio mio!

Mas, subitamente, inspirou fundo e teve um gesto de alegria que quase se transformou numa dança, soltando uma torrente de graciosas exclamações de regozijo, em italiano. Então, deteve-se para perguntar:

— Afinal, os senhores... quem são? São da polícia... e mataram Giuseppe Gorgiano. Não foi isso?

— Somos realmente da polícia.

— Mas, então, onde está Gennaro?... O meu marido, Gennaro Lucca. Eu sou Emilia Lucca... Somos de Nova York... Gennaro, aonde foi?... Ainda há pouco me chamou por sinais, daquela janela. Vim logo correndo...

— Fui eu quem a chamou — explicou Holmes.

— O senhor? Como conseguiu?

— O seu código era fácil de interpretar. Como a sua presença, minha senhora, se tornava necessária, decidi transmitir os sinais correspondentes a “vieni” para trazê-la aqui, imediatamente.

A bela italiana estava estupefacta.

— Como conseguiu descobrir tudo isso? Nesse caso, não foram os senhores que mataram Giuseppe Gorgiano...

Imobilizou-se um instante e o seu rosto iluminou-se de orgulho.

— Agora, compreendo! Meu Gennaro! Meu incomparável, meu querido Gennaro que sempre me protegeu de todos os perigos! Foi ele quem matou este monstro! O meu Gennaro foi maravilhoso!

— Escute, sra. Lucca — interveio o prosaico Gregson, segurando a jovem pela manga com a mesma falta de consideração com que o teria feito a um vagabundo de Notting Hill. — Ainda não percebi bem o que veio aqui fazer, mas já compreendi que a sua presença se torna necessária na Scotland Yard.

— Um momento, Gregson — interpôs-se Holmes. — Esta senhora deve estar tão ansiosa por prestar declarações, como nós em ouvi-la.

Virando-se para Emilia Lucca, acrescentou:

— Já percebeu que seu marido terá de ser preso e processado pela morte deste homem? Advirto-a de que tudo quanto disser poderá ser utilizado como testemunho contra ele. Contudo, se está certa de que seu marido foi forçado a agir, não com intenção criminosa, mas em vossa defesa, o melhor que tem a fazer é contar todos os fatos, minuciosamente.

— Agora que Gorgiano está morto, nada temos a temer. Era um verdadeiro demônio! Nenhum juiz será capaz de condenar meu marido por ter liquidado este monstro.

Dirigindo-se a Gregson, Holmes sugeriu:

— Nesse caso, parece aconselhável fechar este quarto à chave, deixando tudo tal como encontramos e acompanharmos esta senhora ao seu apartamento, para que nos conte o que sabe e possamos assim tirar as devidas conclusões.

Pouco depois, sentados na saleta de sra. Lucca, ouvimos o relato da história, cujo epílogo tínhamos acabado de presenciar. A jovem ítalo-americana falava rapidamente, com fluência, mas de sintaxe muito incorreta, de maneira que para maior clareza me permito aqui reproduzir corrigindo as formas gramaticais.

— Nasci em Posilippo, perto de Nápoles — começou ela —, e sou filha de Augusto Barelli, que foi decano dos advogados napolitanos e também deputado. Gennaro era empregado de meu pai. Não era rico, nem possuía

uma posição social elevada, mas me apaixonei por ele, como teria acontecido a qualquer outra mulher, em virtude da beleza, força e energia que sempre o caracterizaram. Meu pai opôs-se ao nosso casamento e decidimos fugir. Vendi as minhas jóias, que herdei de minha mãe, casamos em Bari e partimos para os Estados Unidos. Isso foi há quatro anos e, desde então, temos vivido em Nova York.

A princípio tudo nos correu bem, pois Gennaro teve a oportunidade de salvar da morte um rico comerciante italiano que, em Bower, foi atacado por uns assaltantes. Esse homem, Tito Castelotte, é o sócio principal da firma “Castelatte & Zamba”. O sr. Zamba é um homem doente, de maneira que sr. Castelotte tem plenos poderes nessa empresa, que é a maior importadora de frutas de Nova York e conta ao seu serviço mais de trezentos empregados.

O sr. Castelotte nomeou meu marido chefe de seção nos seus escritórios e sempre se mostrou seu amigo, considerando-o como um filho, tal como nós o consideramos um segundo pai. Pudemos alugar uma casinha mobilada, no Brooklyn, e julgávamos ter o futuro assegurado, quando a desgraça se prenunciou.

Certa noite, ao regressar do emprego, Gennaro trouxe um nosso compatriota que também veio de Posilippo. Era esse Gorgiano, homem agigantado... como viram, pelo seu cadáver. Tinha uma voz de trovão e falava com gestos largos, exprimindo as mais violentas paixões. O seu aspecto era assustador!

Passou a nos visitar com frequência e, a certa altura, compreendi que Gennaro não sentia por ele apenas aversão, mas uma espécie de medo. Então, pedi-lhe que cortasse relações com aquele indivíduo e o impedisse de voltar a nossa casa. Foi então que Gennaro me contou uma dramática ocorrência na sua vida. Nos primeiros tempos da sua juventude, quando se sentia profundamente infeliz e revoltado contra a sociedade que o rodeava, filiou-se treloucadamente a uma organização secreta denominada “O Círculo Vermelho”, braço armado da loja carbonária que era um ramo clandestino da Maçonaria napolitana. O sigilo e as obrigações dos filiados dessa “confraria” eram tremendos; uma vez admitidos e juramentados, jamais poderiam se desligar dela.

Quando fomos para Nova York, Gennaro pensou que, finalmente, se libertara do “Círculo Vermelho”. Qual não foi o seu horror, ao encontrar, certa noite na rua, o próprio homem que o iniciou na organização: Gorgiano, que, tanto em Nápoles, como em todo o Sul da Itália, era conhecido pelo

cognome de *Morte*. Perseguido pela polícia italiana, emigrara para os Estados Unidos e estabelecera uma filial da terrível sociedade secreta, em Nova York.

O meu marido mostrou a carta que recebeu nesse mesmo dia encabeçada por um círculo vermelho, impondo-lhe o comparecimento numa reunião.

Pouco tempo depois, Gorgiano apareceu em casa, numa hora em que meu marido estava ausente, e declarou ter se apaixonado por mim. Apertou-me brutalmente nos seus braços de gorila, beijou-me violentamente e propôs-me que eu fugisse com ele. Enquanto me debatia e gritava, apareceu Gennaro, que se atirou ao monstro, mas este com um soco deixou-o prostrado sem sentidos; depois fugiu.

Nunca mais voltou lá, mas compreendemos que tínhamos arranjado um inimigo mortal. Poucos dias depois, aconteceu a reunião da sociedade secreta e, ao regressar, meu marido vinha desesperado. Os fundos da organização provinham do dinheiro extorquido dos italianos ricos, estabelecidos em Nova York. Aqueles que se recusassem a pagar ao “Círculo Vermelho” eram imediatamente alvo das mais violentas represálias, incluindo o assassinato.

Castelotte foi um dos visados mas, em vez de pagar, contou a ameaça à polícia. Então, a organização condenou-o à morte e, durante a reunião, foi escolhido, por sorteio, aquele que deveria executá-lo.

No momento em que Gennaro enfiava a mão no saco negro, pressentiu, ao olhar para Gorgiano, que tudo já havia sido preparado. Ao abri-la, viu que retirou a bola que tinha impresso um círculo vermelho. Como fora o primeiro a tirar à sorte e lhe competia a missão de assassinato, nenhum dos restantes teve de utilizar o saco negro que Gorgiano se apressou em guardar.

Cumpria-lhe agora matar o seu amigo e protetor. Se se recusasse, seria igualmente abatido. O assassinato fora marcado para a noite seguinte.

No dia seguinte, meu marido e eu fomos avisar Castelotte da ameaça que pairava sobre a sua cabeça e partimos para Londres. O resto os senhores já sabem. Gorgiano tinha motivos particulares para querer liquidar meu marido e era um homem vingativo e sem o menor sentimento de piedade. Tanto a Itália como os Estados Unidos conheciam o terrível poder da sua maléfica organização, e Gennaro e eu sabíamos que a perseguição não tardaria.

Gennaro me arranjou um esconderijo temporário nesta casa, enquanto procurava um refúgio mais seguro. Então, necessitando estar livre para poder contatar com a polícia italiana e americana, afastou-se daqui e... nem sequer sei como e onde tem vivido, durante estes dias.

Num dia destes vi dois indivíduos espiando esta casa e percebi que deviam ser italianos. Logo pressenti que Gorgiano havia descoberto o nosso paradeiro. Gennaro, que se comunicava comigo por meio de anúncios num jornal, combinou passar a fazer sinais, à noite, daquela outra janela... Já sabia que estava sendo perseguido por Gorgiano e, felizmente, Deus o ajudou...

Agora, meus senhores, desejo saber se há motivo para recearmos a justiça e se haverá algum juiz capaz de condenar o meu Gennaro pela ação que cometeu em nossa própria defesa.

— Bem, sr. Gregson — interveio o agente da Pinkerton, dirigindo-se ao detetive da Scotland Yard —, não sei qual será o critério britânico sobre este caso, mas estou certo de que, em Nova York, o marido desta senhora seria unanimemente louvado.

— Talvez... — replicou Gregson — mas aqui, não posso deixar de levá-la comigo para a “Yard”. Se as suas declarações forem confirmadas, não creio que nem ela nem o marido tenham muito a temer.

Virando-se para o meu amigo, acrescentou:

— Só não entendo, sr. Holmes, é como diabo o senhor apareceu envolvido neste caso.

— Pura e simplesmente para aumentar os meus conhecimentos nesta universidade do crime...

Aqui tem, meu caro Watson, mais um exemplo do trágico e do grotesco, para juntar à sua coleção... A propósito, que me diz de passarmos uns momentos agradáveis ouvindo Wagner, no Convent Garden? Ainda não são oito horas e, se nos apressarmos, decerto chegaremos a tempo de assistir ao segundo ato.

A MORTE DO CHANTAGISTA

É sempre com certo constrangimento que me refiro aos fatos que vou narrar e que, durante muito tempo, me foi impossível tornar públicos. Contudo, a principal personagem já se encontra fora do alcance da justiça dos homens e, com a conveniente reserva, a sua história já pode ser relatada, sem prejuízo para quem quer que seja.

Na nossa vida, de Sherlock Holmes e minha, foi uma experiência ímpar, de incontestável interesse, mas o leitor terá de perdoar-me a ocultação de datas e de certos fatos e lugares para evitar a identificação de algumas pessoas intervenientes.

Tínhamos, Holmes e eu, saído para o nosso passeio habitual. No regresso, por volta das seis horas de uma tarde fria, quando o meu amigo acendeu a luz do candeeiro, encontrou um cartão sobre a mesa. Depois de dar uma olhada, Holmes atirou-o para o chão, com um gesto de repulsa.

Apanhei-o e li:

CHARLES AUGUSTUS MILVERTON

Appledore Towers

Hempstead

Consultor Financeiro

— Quem é o tipo? — indaguei.

— O maior patife de Londres — respondeu Holmes, sentando-se na sua poltrona favorita e estendendo as pernas diante da lareira... Esse cartão tem alguma coisa escrita, no verso?

“Estarei aí às seis e meia. C. A. M.”

— Hum! — resmungou o meu amigo. — Deve estar chegando. Você, Watson, não sente repugnância quando no Jardim Zoológico olha para as serpentes, para esses animais viscosos e venenosos que deslizam com olhos maléficos, assassinos, nas cabeças chatas, triangulares? Pois bem, esse Milverton causa-me a mesma sensação de nojo.

Ao longo da minha carreira, já lidei com mais de cinquenta assassinos, mas nem o pior deles me inspirou maior repugnância do que esse canalha.

— Vai correr com ele daqui?

— Não, pois, no caso, não posso deixar de entrar em negociações com um tal biltre! Para ser franco, Watson, ele vem aqui a meu pedido.

— Mas quem diabo é ele? — inquiri, com a curiosidade espreitada.

— É o rei dos chantagistas. Deus proteja o homem... e, sobretudo, a mulher... que tiverem um segredo a ocultar e a desgraça de vir a cair nas mãos daquele infame sujeito! Com a sua expressão sorridente, mascarando um coração de pedra, vai sugá-los impiedosamente até deixá-los exangues... Evidentemente, estou falando em sentido figurado. Referia-me às bolsas. Milverton é um verdadeiro vampiro no que diz respeito a chantagem. À sua maneira, é um gênio que não deixaria de alcançar grande êxito em qualquer negócio menos sórdido.

Quer saber o seu método? Começa por alertar as vítimas, escolhidas entre pessoas de alta posição e fortuna, de que possui cartas ou documentos comprometedores e exige pagamentos exorbitantes, sucessivos e incessantes, até esgotar todos os seus bens. Para obter as provas comprometedoras, serve-se de criadas e lacaios desleais, ou de “amantes” desprezíveis que tenham conseguido conquistar a afeição de mulheres confiantes.

Quando paga a esses torpes intermediários, nada tem de mesquinho. De uma das vezes, sei que entregou a um deles setecentas libras por um breve bilhete de duas linhas... e o resultado foi arruinar uma família nobre.

Tudo quanto existe nesse torpe mercado vai parar nas mãos dele, de maneira que nesta cidade centenas de pessoas empalidecem ao ouvir mencionar a nome de Milverton.

Ninguém pode antever quem será a próxima vítima, já que, sendo rico e astuto, nunca age precipitadamente. Por vezes, chega a guardar uma mensagem íntima, durante anos, até que surja o momento oportuno para sangrar a sua presa.

Pode crer que é o maior pulha de Londres. Não se trata de um bandido que mata outro na fúria de uma briga, mas um miserável que metodicamente vai dilacerando os nervos e torturando a alma das criaturas que mantém à sua mercê, com o intuito de aumentar a já muito considerável fortuna que tem acumulado.

Nunca, até então, ouvi o meu amigo falar com tanta exaltação.

— Mas um indivíduo dessa natureza — objetei — tem forçosamente de estar ao alcance da lei!

— Sim, tecnicamente, mas não na prática. Que adiantaria a uma mulher sabê-lo preso, por uns meses, se essa breve punição de um bandido causasse a desgraça total da sua vítima?

As vítimas de Milverton não ousam reagir. Só poderíamos caçá-lo, se algum dia cometer o erro de exercer chantagem sobre uma pessoa incorrupta, sem motivo para temê-lo... Mas o canalha é esperto como o diabo, de maneira que unicamente nos resta tentar arranjar outros meios de lutar com ele.

A apresentação foi feita, mas o presente enigma subsistia e indaguei:

— Por que motivo vem ele aqui em casa?

— Porque uma ilustre cliente me contou o seu lastimável caso. Trata-se de Lady Eva Brackwell, a mais bela debutante ⁽⁴⁾ do ano passado. Dentro de

(4) Adolescente, cuja introdução na alta sociedade se efetua, geralmente, por ocasião de um baile organizado com essa intenção. Esses bailes de “iniciadas” realizam-se anualmente, no âmbito da classe privilegiada das principais cidades européias e, norte-americanas.

quinze dias, deve casar com o Conde de Dovercourt. Ora, aquele canalha tem em seu poder algumas cartas levianas da nossa cliente... Note, Watson, que mais não são do que meras declarações amorosas de leviandade teórica, dirigidas a um rapaz nobre da província e sem fortuna. Contudo, na sociedade a que os noivos pertencem, essas missivas são mais do que bastantes para desfazer o noivado, caso lhes fosse dada uma infamante publicidade.

Milverton começará por enviá-las ao conde, a menos que lhe seja paga uma enorme quantia. Pois bem, Watson, recebi procuração para estabelecer com ele o melhor acordo possível.

Neste momento, ouvimos no exterior o ruído de patas de cavalo. Espreitando pela janela, vi uma carruagem imponente, com dois soberbos animais de tiro. Um trintanário desceu da almofada ao lado do cocheiro e veio abrir a porta da carruagem a um indivíduo baixo e gordo que envergava um sobretudo de astracã. Instantes depois, este sujeito estava na nossa sala.

Milverton era um homem de uns cinqüenta anos, com uma cabeça volumosa, testa alta e ar de intelectual. Estava cuidadosamente vestido e ostentava, nos lábios, um sorriso perene, o que não correspondia à frieza dos olhos cinzentos, perspicazes, cintilando por detrás das lentes dos seus óculos de aros de ouro.

A sua expressão, aparentemente benévola, era apenas prejudicada pela hipocrisia do sorriso fixo e pela dureza do olhar.

A sua voz era branda. Com a mão papuda estendida, avançou para nós, declarando lamentar não nos ter encontrado em casa, quando da sua primeira visita.

Holmes ignorou a mão estendida e olhou para Milverton com uma expressão gelada, mas o sorriso do visitante acentuou-se e, encolhendo os ombros, despiu o sobretudo, dobrou-o deliberadamente sobre as costas de uma cadeira e sentou-se.

Depois, apontando na minha direção, sondou:

— Este cavalheiro... é discreto?... Está certo disso, sr. Holmes?

— O dr. Watson — apresentou Holmes — é meu amigo e meu colaborador. Não tenho segredos para ele.

— Muito bem. Falei unicamente no interesse da sua cliente. O assunto é tão delicado...

— O dr. Watson está a par da situação.

— Nesse caso, podemos entrar diretamente na discussão do negócio. O senhor representa Lady Eva?... Ela atribuiu-lhe poderes para aceitar as minhas condições?

— Que condições?

— Sete mil libras.

— Qual é a alternativa?

— É penoso, meu caro senhor, discutir qualquer alternativa. A única que me parece pertinente é a seguinte: se, até o dia catorze do corrente, não me for entregue a quantia que mencionei, não se efetuará o casamento marcado para o dia dezoito.

Mais do que nunca, o sorriso de Milverton evidenciou complacência e, por alguns segundos, Holmes refletiu. Finalmente, observou:

— Parece estar muito seguro de si... Como deve supor, conheço o teor das cartas. Sem dúvida que a minha cliente procederá de acordo com o que eu lhe recomendar e a minha intenção é aconselhá-la a contar tudo ao conde e a sujeitar-se à nobreza de caráter e generosidade do seu noivo.

Com uma risadinha irônica, Milverton objetou:

— Vê-se, sr. Holmes, que não conhece a índole do conde.

Pela expressão do meu amigo, compreendi que ele conhecia bem o caráter de Dovercourt.

— Que mal há nessas cartas? — inquiriu Holmes.

— São muito expressivas — respondeu Milverton. — A jovem foi uma correspondente muita explícita quanto aos seus anseios eróticos, mas posso garantir, sr. Holmes, que o Conde de Dovercourt não vai apreciar tal qualidade... Enfim, já que a sua opinião difere da minha, deixemos as coisas no ponto em que estão. Se o senhor considera que Lady Eva não sofrerá qualquer prejuízo com a entrega das cartas ao conde, seria realmente estupidez pagar por elas uma tão elevada quantia.

Milverton ergueu-se da cadeira e pegou no sobretudo. Pálido de cólera e humilhação, Holmes deteve-o.

— Espere... Não tenha pressa... Claro que tudo faríamos para evitar o escândalo.

Milverton tornou a sentar-se. Sorrindo, observou:

— Tinha a certeza de que o senhor compreenderia tal situação.

— Contudo — prosseguiu Holmes —, Lady Eva não é rica. Posso garantir que duas mil libras já constituiriam um desastroso rombo nos seus recursos financeiros, mas estaria disposta a se desfazer dessa soma. Quanto às sete mil libras... essa quantia está absolutamente fora de discussão. Portanto, peço que modere as suas exigências e devolva as cartas pelo preço que acabei de estipular que é, definitivamente, o mais alto que poderá obter.

O sorriso de Milverton alastrou-se no rosto e o seu olhar era o de um homem divertido.

— Sei perfeitamente que o que me diz, em relação aos recursos dessa nobre dama, é bem verdade... Mas o casamento de uma jovem é um acontecimento que torna propícia a ocasião para os parentes e amigos se esforçarem por mostrar-se generosos. Talvez até hesitem na escolha de um presente... Ora, sr. Holmes, posso garantir-lhe que aquele maço de cartas daria mais prazer à noiva do que todos os candelabros e manteigueiras de Londres.

— É impraticável! — proferiu o meu amigo, indignado.

— Ora, ora! — exclamou Milverton, tirando a carteira do bolso. — Há de convir, sr. Holmes, que as mulheres agem desmioladamente, não procurando se esforçar por sanar situações melindrosas. Queira ver isto...

Exibiu um envelope onde sobressaía um brasão e continuou:

— Isto pertence... Bem, não considero pertinente mencionar o nome até amanhã de manhã... Mas, nessa altura, já estará nas mãos do marido... só porque uma ilustre dama não conseguiu reunir a miserável quantia que, afinal de contas, numa só hora, poderia realizar se se dispusesse a trocar os seus brilhantes verdadeiros por outros de imitação perfeita. É realmente lamentável...

Lembra-se do súbito rompimento do noivado da *Honourable* ⁽⁵⁾ srta. Miles e do coronel Dorking? Só faltavam dois dias para o casamento, quando na *Morning Post* foi publicado um breve parágrafo, anunciando esse rompimento. E por quê? Pois bem, embora pareça incrível, a mísera quantia de mil e duzentas libras teria resolvido a absurda questão!

E eis agora que o senhor, que é um homem sensato, ousa regatear... permite-se mesmo pechinchar... quando o futuro e a honra da sua cliente se encontram em jogo! O senhor surpreende-me, sr. Holmes!

⁽⁵⁾ Título concedido pela Coroa britânica aos filhos de alguns membros da Câmara dos Lordes, abaixo do grau de marquês.

— Limitei-me a expor-lhe a realidade. É impossível arranjar-lhe essa soma. Portanto, para o senhor será preferível aceitar a quantia substancial que lhe ofereço a arruinar a vida dessa mulher... desastre que nenhum proveito lhe traria.

— Nesse ponto, sr. Holmes, está inteiramente enganado. O escândalo concederia, embora indiretamente, grandes vantagens. Tenho, neste momento, mais de oito casos em fase de amadurecimento. Se os interessados souberem que não poupei Lady Eva, hão de procurar mostrar-se mais razoáveis, quando apertar seriamente com eles. Compreende o meu ponto de vista?

Num salto, Holmes levantou-se, indicando-me;

— Ponha-se atrás dele, Watson. Não o deixe sair daqui! Agora, Milverton, vamos ver o conteúdo dessa sua carteira.

O patife, ágil como um rato, esgueirou-se para um canto da sala, onde ficou encostado à parede.

— Pare, sr. Holmes! — intimou, abrindo o casaco e sacando de um revólver. — Esteja quieto! Já esperava que o senhor tentasse qualquer golpe desse gênero. Já muitas vezes tentaram isso, sem a mínima vantagem. Asseguro-lhe que estou armado até aos dentes e que não hesitarei em fazer uso das armas, já que a lei está do meu lado. Além disso, se pensa que eu cometeria a imprudência de trazer as cartas comigo, está completamente enganado. Nunca faria tal loucura.

Agora, meus senhores, tenho outras duas entrevistas a efetuar esta noite, pelo que não me demorarei mais. Daqui até Hampstead, a viagem é longa...?

Sempre de revólver em punho, prestes a disparar, Milverton avançou para a cadeira, pegou o sobretudo e, com uma ligeira vênia de zombaria, saiu da sala.

Momentos depois, ouvimos o ruído da carruagem que se afastava.

Durante meia hora, Holmes permaneceu diante da lareira, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, o queixo sobre o peito e olhar fixo nas cinzas. Por fim, com um gesto de quem acaba de tomar uma resolução, levantou-se e dirigiu-se para o quarto.

Momentos depois, vi aparecer pela mesma porta um operário de atitude insolente, barbicha à rufia e andar gingão, acendendo um cachimbo de barro, antes de sair para a rua.

— Não sei a que horas estarei de volta, Watson — comunicou, e logo sumiu na noite.

Compreendi que o meu amigo iniciara uma grande ofensiva contra Charles Augustus Milverton, embora nada soubesse sobre o rumo que os acontecimentos tomariam.

Durante alguns dias, Holmes, sempre vestido daquela maneira bizarra, saía e entrava a qualquer hora, sem mencionar o que andava fazendo, a não ser que o seu centro de ação era Hampstead.

Finalmente, numa noite tempestuosa, regressou, declarando ter terminado as expedições. Depois de tirar o disfarce, sentou-se diante da lareira e riu da sua maneira característica, silenciosa, interior.

— Você, meu caro Watson, nunca me julgou com índole casamenteira, não?

— Claro que não!

— Pois talvez lhe agrade saber que estou noivo.

Fiquei atônito e balbuciei:

— Ah!... Meu amigo!... Parabéns!

— Estou noivo da criada de Milverton.

— Santo Deus, Holmes!

— Não tinha outro remédio, Watson. Precisava obter informações.

— Mas... não acha que foi longe demais?

— Foi necessário utilizar este expediente. Imagine que sou encanador e tenho um negócio tentadoramente próspero. Chamo-me Scott. Tenho saído com ela todas as noites e nem pode calcular quanto temos conversado. Que diabos! Que raio de conversa fiada tenho aturado!

Em todo o caso, o sacrifício tem sido oportuno, pois alcancei o meu objetivo: já conheço a casa de Milverton tão bem como os meus dedos.

— Mas, Holmes, que vai fazer com a moça?

O meu amigo encolheu os ombros.

— Não tive outra alternativa. Fui forçado a lutar com as armas que tinha ao meu alcance... Mas não se preocupe com a moça. Garanto, Watson, que a criada nada tem a perder. Um rival meu anda rondando minha porta e não deixará de substituir-me, mal eu vire as costas... Que bela noite, hem?

— Que diz? Gosta deste tempo?

— Serve perfeitamente para os meus desígnios, Watson. Esta noite vou fazer uma visita à casa de Milverton.

Senti um arrepio na espinha, ao ouvi-lo pronunciar estas palavras, calmamente, com firme resolução.

Da mesma maneira que, numa noite escura, um relâmpago ilumina de relance todos os pormenores de uma paisagem, vi num súbito instante as terríveis conseqüências de tal aventura: a prisão de Sherlock Holmes e a sua honrada carreira irremediavelmente arruinada, à mercê do infame Milverton.

— Pelo amor de Deus, meu caro amigo, pense bem no que vai fazer!

— Já está pensado, Watson, e você bem sabe que não sou precipitado. Se houvesse outra alternativa, não iria realizar uma ação tão perigosa. Analisando os fatos a sangue-frio, você tem de reconhecer que, embora o ato seja tecnicamente ilegítimo, não deixa de ser moralmente justificável.

— Mas... trata-se de um assalto, Holmes!

— Ora, meu amigo! Invadir a casa desse patife não é pior do que roubar-lhe a carteira... e, quando isso aconteceu, você estava disposto a me ajudar.

Durante alguns segundos, ponderei aquele argumento e admiti:

— Bem... o ato poderá ser considerado moralmente justificável, desde que o nosso objetivo se limite a retirar os documentos que Milverton tenciona utilizar para fins ilegais.

— Exatamente. E já que é moralmente justificável, só nos resta considerar o risco pessoal. Mas, será próprio de um cavalheiro pensar nisso, quando uma dama precisa desesperadamente do seu auxílio?

— Vai ficar numa posição muito falsa — adverti.

— Faz parte do risco. A jovem não tem dinheiro, nem pode confidenciar a sua situação à família. O prazo para pagamento da chantagem acaba esta noite. Se não conseguirmos recuperar as cartas, aquele miserável não deixará de cumprir a sua ameaça, destruindo a felicidade da Lady Eva.

Cá para nós, Watson, trata-se de uma espécie de duelo, de um combate desportivo, entre este seu amigo e o patife do Milverton. Apesar de o chantagista ter levado vantagem no primeiro encontro, não posso esmorecer nesta luta em que o meu amor-próprio e a minha reputação estão em jogo.

— Não gosto nada disto, Holmes, mas, se não há outra solução... A que horas vamos?

— Você não vai — contrariou o meu amigo.

— Nesse caso, você também não vai — decidi. — Dou-lhe a minha palavra e nunca faltei a ela em toda a minha vida que irei denunciá-lo à polícia... a menos que consinta em que eu o acompanhe nessa tresloucada investigação noturna.

— Mas, Watson — protestou Holmes —, você não poderá me ajudar em coisa alguma...

— Como pode estar tão certo disso? Ninguém pode prever o que vai acontecer. Seja como for, a minha resolução está tomada. Há alguém que tenha, além de você, mais reputação e amor-próprio a defender?

A expressão preocupada de Holmes desanuviou-se e deu-me uma palmada amigável no ombro.

— Está bem, meu caro. Temos compartilhado, durante anos, do mesmo lar, e agora seria interessante que compartilhássemos da mesma cela de prisão.

Fique sabendo, Watson, que sempre me considerei potencialmente eficiente como criminoso. Confesso-lhe que, neste campo, esta é a minha primeira oportunidade de provar as minhas capacidades.

Tirou de uma gaveta uma pequena pasta de cabedal e, abrindo-a, exibiu uma porção de instrumentos metálicos, reluzentes.

— Eis um estojo com utensílios de arrombamento, de primeira classe, com as mais modernas ferramentas... e um lanternim portátil. Você tem, porventura, sapatos que não façam ruído?

— Tenho os meus “tênis”.

— Servem perfeitamente... E tem alguma máscara?

— Posso fazer uma, com seda preta.

— Vejo que também tem vocação para o crime! Sendo assim, as máscaras ficam por sua conta. Comeremos qualquer coisa leve, antes de partirmos. São nove e meia. Às onze, iremos até Church Row. Daí, até Appledore Towers, não é mais do que meia hora de caminho. À meia-noite já estaremos em ação.

Fui informado de que Milverton tem um sono pesado e deita-se, pontualmente, às dez e meia. Se tivermos sorte, às duas da manhã já estaremos de volta com as cartas de Lady Eva.

Holmes e eu tínhamos nos vestido de maneira a parecermos dois sujeitos elegantes, no seu regresso de uma sessão de teatro. Apanhamos um trem na Oxford Street e, ao chegarmos a Hampstead, pagamos ao cocheiro e caminhamos ao longo da margem do rio Heath.

Holmes advertiu:

— Teremos de mover-nos com sutileza. Milverton tem os documentos das suas chantagens guardados num cofre de escritório e este constitui uma antecâmara do seu quarto de dormir.

Agatha... que é a minha “noiva”... assegurou-me de que o patrão tem um sono de pedra e que toda a criadação zomba do fato de quase ser impossível acordá-lo depois de ter pegado no sono.

Durante o dia, o secretário de Milverton... que lhe é caninamente devotado... não se afasta do escritório. Por isso, só nos resta esta incursão noturna... Contudo, temos de contar com outro cão... um autêntico, com um “feito” terrível... que ronda o jardim durante toda a noite.

Nos meus últimos encontros com Agatha, para podermos ficar falando até muito tarde, ela passou a prender o animal no canil. Hoje, fará o mesmo, como já planeamos.

A moradia é aquela que ali está, no meio do jardim. Depois de atravessarmos o portão, viramos à direita, por entre os arbustos. Chegou o momento de pormos as máscaras. Como vê, não se enxerga uma réstia de luz em qualquer das janelas.

Com as máscaras de seda negra, como dois assaltantes, avançamos para a casa silenciosa. Uma varanda lateral tinha várias janelas e duas portas de acesso ao interior do edifício.

— O quarto dele é aquele — murmurou Holmes. — Esta porta dá diretamente para o escritório, mas está trancada e não nos convém fazer ruído ao abri-la. Portanto, vamos por aqui... por esta estufa que se comunica com o salão.

A porta da estufa estava fechada, mas Holmes, com um corta-vidros, riscou um quadrilátero na vidraça e, com um pouco de massa de vidraceiro, evitou que aquele caísse e se quebrasse. Depois, enfiando a mão pela abertura, rodou a chave e logo nos achamos no interior, fechando a porta atrás de nós... agora transformados em infratores da Lei.

O ar quente da estufa e o odor de plantas exóticas infiltraram nas minhas narinas. Pegando-me na mão, nas trevas, Holmes guiou-me rapidamente por entre as plantas cujas folhas nos roçavam pelo rosto.

O meu amigo cultivava o dom de ver na escuridão e, pouco depois, penetrávamos num salão onde, recentemente, alguém estivera fumando charuto. Orientando-se, entre os móveis, abriu uma outra porta e apontou-me um corredor com cabides de que pendiam várias fotos.

Mais adiante, à direita, uma nova porta dava acesso a um compartimento cuja lareira se achava acesa e onde, ainda mais intensamente, imperava o cheiro de tabaco de charuto.

Então, algo passou por nós, roçando-me uma perna. Senti um aperto no coração, mas logo compreendi que se tratava de um gato. Silenciosamente, Holmes fechou a porta. Estávamos, finalmente, no escritório de Milverton. Um pesado reposteiro indicava-nos a entrada do seu dormitório.

O lume da lareira iluminava o escritório, pelo que se tornava desnecessário acendermos qualquer outra luz. Outros reposteiros cobriam a janela e a porta que davam para a varanda. Vimos uma estante encimada por um busto da deusa Atena e, entre a estante e a parede, um grande cofre verde, com duas maçanetas de bronze dourado que refulgiam à luz das achas.

Holmes, depois de examinar o cofre, dirigiu-se à porta do quarto de dormir, afastou o reposteiro e escutou. Então, pensando em assegurar uma retirada de emergência, fui experimentar o fecho da porta de acesso à varanda. Para meu espanto, esta não se achava fechada como momentos antes tinha-se suposto ao vê-la do exterior. Alertei Holmes que também se mostrou surpreso, sussurrando:

— Não estou gostando disto... mas não temos tempo a perder.

— Quer que eu faça alguma coisa? — indaguei.

— Mantenha-se junto da porta e, se ouvir alguém aproximar-se por esse lado, feche-a por dentro, de maneira a termos tempo de sair por onde entramos. Se vierem do interior da casa, depois da nossa missão cumprida, poderemos fugir pela varanda. Caso contrário, teremos de nos esconder atrás do reposteiro da janela e aguardar nova oportunidade.

Foquei perto da porta e confesso que senti maior excitação, naquele papel de assaltante, do que quando desempenhava qualquer função em defesa da Lei. Perante o vil caráter do nosso adversário, éramos dois cavaleiros-andantes numa nobre missão a que se acrescentava o interesse desportivo da aventura.

Então, plenamente tranqüilo e com a perícia de um cirurgião, Holmes abriu o estojo e escolheu uma ferramenta. Eu já lhe conhecia a habilidade para abrir cofres e adivinhei o prazer que deveria sentir ao defrontar-se com aquele monstro verde e dourado que, tal como um dragão, encerrava, nas faces vorazes, a reputação de numerosas damas em perigo.

Enquanto o meu amigo despiu o casaco e arregaçava as mangas, fiquei atento à entrada. Depois, durante meia hora, vi-o trabalhar ativamente manejando os utensílios de arrombamento com energia e ao mesmo tempo a delicadeza de um perito.

Por fim, ouviu-se um estalido metálico e a porta do cofre escancarou-se, mostrando vários maços de papéis, cada qual atado e selado, ostentando uma inscrição. Como a luz da lareira era insuficiente para examiná-los, Holmes riscou um fósforo e acendeu o lanternim portátil. Subitamente parou para escutar. Rapidamente, fechou o cofre, meteu a ferramenta no estojo e escondeu-se atrás do reposteiro, fazendo-me sinal para que o imitasse.

Só então percebi aquilo que os seus sentidos aguçados já haviam pressentido. Um distante batimento de uma porta, um crescente ruído de passos que se aproximavam. A porta se abriu e a luz inundou o escritório, assim como o odor forte de um charuto. O recém-chegado deslocou-se no aposento, fechou a porta e, então, ouviu-se o arrastar de uma cadeira.

Espiei por uma brecha do reposteiro e senti a pressão de Holmes, sobre o meu ombro, para identicamente se inteirar do que se passava.

Diante de nós, quase ao nosso alcance, viam-se as costas largas de Milverton, que se sentou num sofá vermelho, reclinado para trás, com as pernas estendidas e um longo charuto negro num canto da boca.

Envergava um casaco caseiro, com gola de veludo. Enquanto fumava, lia calmamente um documento, nada indicando estar na iminência de sair dali.

Os cálculos de Holmes tinham saído errados, pois o chantagista não se achava dormindo no seu quarto. Agora, se ele fosse abrir o cofre, verificaria que este, embora fechado, não ficou completamente trancado como ele deixou. Se isso acontecesse, eu saltaria em cima, deixando o resto da ação por conta de Holmes.

Mas Milverton não erguia os olhos do documento, analisando-o como um advogado que estuda as premissas de um processo. Esperei que não tardasse a acabar essa leitura e o seu charuto. Contudo, por várias vezes, olhou para o relógio e chegou a erguer-se do sofá, com um gesto impaciente. Sem dúvida esperava alguém, apesar da hora ser imprópria para qualquer entrevista. Então, ouviu-se um ligeiro ruído na varanda.

Milverton ficou estático e pousou os papéis diante de si. Depois, ouviu-se uma ligeira batida na porta. Levantando-se, foi abri-la:

— Até que enfim! Veio com meia hora de atraso!

Estava explicada a vigília de Milverton e o fato de a porta da varanda não ter sido fechada. Soou um roçar de saias e voltei a espreitar pela entreabertura do reposteiro.

O chantagista tornou a se sentar numa atitude insolente, com o charuto na boca. Diante dele, com a luz iluminando-lhe o busto, estava uma mulher alta, magra, de cabelo escuro, com um véu caindo do chapéu sobre o rosto, e uma capa pelos ombros, cuja gola se fechava sob o queixo.

— Fez-me perder horas de precioso descanso — censurou Milverton, cinicamente. — Conto com que a espera tenha valido a pena. Não pôde vir mais cedo, hem?

A mulher limitou-se a abanar a cabeça.

— Paciência. Se a condessa se tem mostrado austera com você, terá agora oportunidade de se vingar dela. O que foi? Por que está tremendo tanto?... Contenha-se... e vamos ao que interessa.

Abriu a gaveta da escrivaninha, extraiu um bilhete e prosseguiu:

— Anunciou-me ter em seu poder cinco cartas da condessa D'Albert muito comprometedoras. Quer vendê-las? Muito bem... Estou interessado em comprá-las. Basta combinarmos o preço... mas terei, previamente, de examinar o teor dessas cartas, para avaliar-lhes o valor... Se forem boas... Santo Deus!... A senhora é...

A mulher ergueu o véu, mostrando um belo rosto moreno, de nariz ligeiramente aquilino, aristocrático, e lábios finos em que pairava um sorriso quase ameaçador.

— Sim... Sou a mulher cuja vida você desgraçou.

Milverton soltou uma breve risada... que era um riso de medo.

— Não devia ter sido teimosa comigo. Por que me forçou àquele extremo? Não sou um homem mau, propositamente... mas cada qual tem o seu negócio. O preço que exigi estava ao seu alcance. A senhora recusou-se a pagar...

— E você enviou as minhas cartas a meu marido... o homem mais nobre que jamais existiu... Ficou desesperado e morreu. Lembra-se da última noite em que aqui vim, suplicar-lhe piedade... e em que você se riu na minha cara... Como está tentando fazer agora? Porém, o seu coração covarde não consegue impedir que os seus lábios tremam.

Nunca pensou que eu voltasse a esta casa, mas a minha vinda aqui naquela noite me ensinou como poderia tornar a encará-lo, frente a frente... e a sós. Então, Charles Milverton, que tem a me dizer?

— Não pense que me assusta — retrucou ele, levantando-se. — Bastaria erguer um pouco mais a voz para que os meus criados aparecessem... e a senhora não deseja ser presa, não é verdade? Pois bem, vou dar o devido desconto ao seu rancor e autorizá-la a retirar-se. Saia imediatamente e a questão fica como está.

A mulher manteve o sorriso ameaçador.

— Está enganado, Milverton. Não o deixarei arruinar outras vidas, como o fez à minha. Neste momento, vou livrar o mundo de um ser abjeto e venenoso. Aqui tem, seu canalha!

Sacando de um pequeno revólver que trazia oculto sob a capa, disparou-o a uma distância de três palmos, contra o peito do chantagista, Milverton recuou e logo caiu sobre a escrivaninha, tossindo e agarrando-se aos documentos que estivera a ler. Levantou-se cambaleando e, ao receber novo tiro, caiu no chão. Aí, ainda rouquejou, lastimosamente:

— A senhora me matou!

Então ficou imóvel.

A mulher fitou-o demoradamente. Em seguida, aproximando-se dele esmagou-lhe o rosto com o salto da sapato.

Tendo desaparecido da minha área de visão, só pude ouvir o sopro do ar noturno a penetrar no escritório... e compreendi que a dama vingadora já havia partido.

Nenhuma interferência nossa teria podido salvar Milverton. Contudo, ao ver a mulher disparar a arma, tiro a tiro, ainda esbocei um movimento, mas Holmes segurou-me o braço, como a significar que aquele assunto não nos dizia respeito; que um miserável fora justificado e que ainda nos restava uma missão a cumprir.

Sáímos de trás do reposteiro e Holmes foi fechar a porta interior; à chave. No mesmo instante, ouvimos sons de vozes e passos precipitados. Os tiros tinham acordado a criadagem.

Perfeitamente calmo, Holmes dirigiu-se ao cofre e começou a atirar com os maços de documentos às chamas da lareira, até que aquele ficou vazio.

Alguém rodava a maçaneta da porta interior; depois, bateu insistentemente na almofada de madeira. Sobre a escrivaninha, via-se uma carta manchada

de sangue e o bilhete que anunciara a visita da vingadora. Holmes lançou-os sobre as labaredas dos restantes papéis já inflamados. Em seguida, tirando a chave da porta de acesso à varanda, impeliu-me para o exterior e fechou-a, por fora.

— Por aqui, Watson. Vamos saltar o muro do jardim. Nunca pensei que o alarme se difundisse tão depressa — olhando para trás, vi toda a moradia completamente iluminada. Pela porta da frente, surgiram vultos que logo corriam pela alameda. O jardim encheu-se de gente e, ao sairmos da varanda, um criado berrou, correndo no nosso encalço. Chegamos a um muro de dois metros de altura, Holmes escalou-o e passou agilmente para o outro lado. Porém, quando tentava imitá-lo, o nosso perseguidor agarrou meu tornozelo. Libertei-me com um pontapé e pulei o muro, mas fui cair de bruços sobre um arbusto. Logo o meu amigo me ajudou a levantar e, juntos, partimos correndo pela vastidão de Hampstead Heath.

Após termos corrido cerca de dois quilômetros, Holmes parou à escuta. Agora, o silêncio era total, provando que tínhamos conseguido nos livrar da perseguição.

No dia seguinte a esta memorável aventura, após a refeição matinal, estávamos fumando na nossa sala da Baker Street, quando o inspetor Lestrade, da Scotland Yard, entrou com um ar solene e circunspecto.

— Bom dia, sr. Holmes — saudou. — Bom dia... Não estão muito ocupados, neste momento?

— Não, para o senhor, caro amigo — respondeu Holmes amavelmente.

— Bem... Pensei que, se nada tem de especial a fazer, nesta altura, talvez queira me ajudar no caso mais extraordinário da minha carreira, ocorrido ontem, em Hampstead.

— Sim? — interessou-se Holmes.

— Um caso de assassinato... o mais dramático, o mais estranho... Sei que o senhor se interessa por estas coisas e gostaria que quisesse me acompanhar ao local do crime, para dar a sua valiosa opinião... Não se trata de um homicídio comum... De resto, já há muito tempo que eu trazia esse canalha... um tal Milverton... debaixo de olho. Vivia de chantagem. Os seus documentos foram completamente queimados pelos assassinos... e como não desapareceu qualquer objeto de valor, presumimos que estes sejam pessoas de boa posição social, com a única finalidade de evitar um escândalo.

— Assassinos? — estranhou Holmes. — Fala no plural?

— Sim. Eram dois e quase foram surpreendidos em flagrante. Detectamos as suas pegadas e obtivemos a descrição. O primeiro fugitivo foi ágil, mas o segundo esteve prestes a ser preso pelo jardineiro e só dificilmente conseguiu escapar. Este era um sujeito de estatura mediana, forte, de queixo quadrado, pescoço musculoso, bigode e... bem, tanto um como o outro usavam máscaras que lhes ocultavam parte do nariz, as maçãs do rosto. Quanto aos olhos, os criados não conseguiram ver-lhes, devido à falta de luz.

— Bastante vago — comentou Holmes. — Só com essas indicações, o segundo meliante podia muito bem ter sido o nosso amigo Watson, não acha?

— É verdade — reconheceu o inspetor, divertido. — Podia ser o doutor!

— Pois bem, meu caro Lestrade, devo comunicar-lhe que, infelizmente, não me encontro em condições de auxiliá-lo nessa investigação. Confesso-lhe ter conhecido esse Milverton que sempre considerei um dos mais perigosos biltres de Londres. Por outro lado, sei que os seus crimes dificilmente poderiam ser provados e, quando a Lei não é observada, justifica-se a vingança privada.

— Tem razão, sr. Holmes. Contudo...

— Não precisa insistir, meu caro Lestrade. Afirmo, desde já, que toda a minha simpatia converge para esses “criminosos”, como você lhes chamou, e não para a vítima. Por isso me repugnaria colaborar nesse inquérito. Não adianta insistir... Não aceito o caso.

Desde a noite anterior que Holmes não proferira uma palavra, sobre a tragédia que havíamos presenciado, mas notei que durante toda a manhã se mantivera pensativo, dando-me pelo seu ar vago a impressão de que procurava recordar-se de qualquer coisa. Íamos no meio do almoço quando, subitamente, se ergueu da mesa, exclamando:

— Diabos, Watson! Pegue o chapéu e venha comigo.

Corremos pela Baker Street e pela Oxford Street, até ao Regent Circús, onde na vitrine de uma loja se achavam expostas fotografias de altas personagens e de várias celebridades.

O olhar do meu amigo fixou-se numa dessas imagens: uma senhora imponente, em traje de gala, com uma magnífica tiara de diamantes na cabeça. Notei-lhe o nariz aristocrático, ligeiramente aquilino, as finas

sobrancelhas, bem arqueadas, a boca firme, os cabelos escuros e quase fiquei sem fôlego ao ler o nome do cavalheiro da mais alta nobreza de quem aquela mulher foi esposa.

Os meus olhos encontraram, de relance, os de Holmes, e este pondo um dedo nos lábios recomendou-me mudamente silêncio. Então, voltamos para casa.

O ARISTOCRATA SOLTEIRÃO

O casamento de Lorde St. Simon, com o seu curioso fim, perdeu há muito o interesse pelo círculo da alta sociedade, que o infeliz noivo freqüentava. Outros escândalos o afastaram durante estes quatro anos que se passaram depois do drama. Julgo que tenho razão quando digo que todos os fatos nem chegarão a ser publicados, mas como o meu amigo Sherlock Holmes auxiliou muito no esclarecimento do caso, acho que nenhuma das suas memórias seria completa sem um pequeno esboço desse episódio admirável.

Faltavam algumas semanas para o meu casamento e ainda estava alojado com Holmes na Baker Street, quando certa tarde depois de um passeio, ele chegou e encontrou uma carta em cima da mesa, à sua espera. Eu não saí de casa durante todo o dia porque o tempo mudou de repente, chovia e fazia um vento forte de Outono; e a bala de chumbo que trazia comigo numa das pernas, como relíquia da campanha do Afeganistão, latejava com persistência. Sentado numa poltrona com as pernas estendidas uma sobre a outra, rodeei-me de pilhas de jornais até que, finalmente, cansado das notícias do dia, desanimado, fiquei olhando o brasão e o monograma impressos no envelope e imaginando, preguiçosamente, quem seria esse nobre correspondente do meu amigo.

— Aqui está uma carta da alta-roda — observei quando entrou. — As suas cartas desta manhã, se bem me lembro, foram de um peixeiro e de um farol marítimo.

— Pelo menos a minha correspondência tem variedade — ironizou, sorrindo —, e as mais humildes são geralmente as mais interessantes. Esta parece ser um daqueles desagradáveis convites sociais que nos obrigam a agüentar uma estopada, ou então a mentir.

Quebrou o lacre e passou a vista pelo conteúdo.

— Oh! Afinal de contas, talvez tenha algum interesse!

— Não é um convite?

— Não. Um assunto profissional.

— E de um cliente nobre?

— Um dos mais nobres da Inglaterra.

— Meu caro amigo, congratulo-me por você.

— Asseguro-lhe, Watson, que a posição do meu cliente tem menos interesse para mim do que o caso que me pede que solucione. Mas é possível que nas investigações a sua posição não deixe de ter interesse. Você tem lido os jornais destes dias, não é assim?

— Sim — confirmei tristemente —, já que não posso fazer outra coisa.

— Foi bom, porque talvez possa me dar informações. Pessoalmente, não tenho lido nada, senão os crimes. Mas, se você acompanhou os últimos acontecimentos, deve ter lido a notícia do casamento de Lorde St. Simon.

— Certamente.

— Esta carta é de Lorde St. Simon. Vou lê-la. Depois você me dará os jornais que façam referência ao caso. Ora ouça, Watson:

Caro sr. Sherlock Holmes:

Lorde Backwater disse-me que podia confiar francamente o meu caso ao seu julgamento e discrição. Resolvi, portanto, fazer-lhe uma visita, a fim de consultá-lo com referência à dolorosa ocorrência relacionada com o meu casamento. O sr. Lestrade, da Scotland Yard, já está tratando do caso, mas assegura-me que não faz objeção alguma à sua cooperação e, pelo contrário, considera-o de grande auxílio. Irei a sua casa, hoje, às 16 horas; se tiver qualquer outro compromisso, desejaria que o adiasse, pois este assunto é da máxima importância.

Sinceramente,

Robert St. Simon.

— A carta trazia o endereço de Grosvenor Mansions, foi escrita com pena de pata e o lorde teve a infelicidade de sujar de tinta o rebordo exterior do seu dedo direito, observou Holmes, ao dobrar a carta.

— Na carta, indica 16 horas. Deve chegar daqui a uma hora.

— Então, tenho tempo para, com o seu auxílio, obter esclarecimento sobre o caso. Dê uma olhada naqueles jornais e ponha os recortes por ordem de datas, enquanto procuro referências sobre o meu cliente.

Tirou da estante um volume de capa vermelha,

— Aqui está: Lorde Robert Walsingham de Vere St. Simon, 2º filho do Duque de Balmoral. Hum! Brasão Azul, 3 ramos sobre uma faixa negra. Nasceu em 1846. Portanto, tem 41 anos, idade madura para se casar. Foi vice-secretário das colônias num dos últimos governos.

O duque, seu pai, foi há tempos secretário do exterior. São de sangue Plantageneta, por descendência direta, e de sangue Tudor, por descendência indireta. Agora, conto com você, Watson.

— Não me dá muito trabalho encontrar o que é preciso, pois os fatos são recentes e o caso chamou a minha atenção. Não quis falar no assunto, porque você estava fazendo investigações importantes sobre outro caso e não gosta de intromissões.

— Refere-se ao pequeno problema do caminhão da Grosvenar Square? Já estava tudo esclarecido. Desde o começo não havia grandes dúvidas. Dê-me o resultado dos recortes dos jornais.

— Aqui está o primeiro que encontrei. Está na coluna social do Morning Post, de algumas semanas atrás.

No caso de serem verídicos certos rumores, realizar-se-á em breve o casamento de Lorde Robert St. Simon, 2º filho do Duque de Balmoral, com srta. Hatty Doran, filha única de Alaysius Doran, de São Francisco, Califórnia, U.S.A.

— É tudo.

— Curto, mas preciso — observou Holmes, estendendo as pernas compridas e magras diante do fogo.

— Há um parágrafo desenvolvendo o caso, num dos jornais sociais da semana. Ah! aqui está ele.

Em breve será necessário tomarem medidas de proteção no mercado dos casamentos, porque o atual sistema de intercâmbio matrimonial parece prejudicar o nosso patrimônio. Um a um, o governo das casas nobres da Grã-Bretanha começa a passar para as mãos dos nossos primos bonitos do outro lado do Atlântico. Um aumento importante foi feito durante a semana passada à lista de prêmios que têm sido levados por estas invasoras. Lorde St. Simon,

que durante estes vinte anos se tem mostrado irredutível contra as flechas amorosas de Cupido, anunciou agora o seu próximo casamento com srta. Hatty Doran, atraente filha de um milionário da Califórnia. De srta. Doran, cujo belo rosto reto e figura esbelta atraíram as atenções nas festividades da Westbury House, diz-se que o seu dote como filha única ultrapassa seis algarismos com esperanças de acréscimo para o futuro. Como toda a gente sabe, o Duque de Balmoral, nestes últimos anos, tem tido necessidade de vender os seus quadros, e como Lorde St. Simon não possui propriedades; exceto a pequena propriedade de Birchmoor, é óbvio que não será apenas a rica herdeira da Califórnia a beneficiar da aliança que a habilitará a se transformar, de republicana, em fidalga britânica.

— Que mais? — perguntou Holmes, bocejando.

— No Morning Post vem outra notícia que diz que o casamento será muito simples e que o assistirão apenas pessoas da família de ambos. Será realizado na igreja de St. George, na Hanover Square, indo todos em seguida para casa na Lancaster Gate, alugada e mobilada por sr. Aloysius Doran. Dois dias depois, ou seja, na quarta-feira passada, vem uma pequena notícia de que o casamento se realizou e que a lua-de-mel foi na propriedade de Lorde Backwater, perto de Petersfield. Só estas notícias foram publicadas, antes do desaparecimento da noiva.

— Antes do quê? — perguntou Holmes, sobressaltando-se.

— Antes de a jovem ter desaparecido.

— Quando foi isso?

— Na ocasião do almoço de casamento.

— Esse é um caso muito interessante, mais do que parecia ser, dramático até.

— Sim, parece ser fora do comum.

— Geralmente, desaparecem antes da cerimônia e às vezes durante a lua-de-mel; mas não me recordo de coisa tão rápida como esta: conte os pormenores.

— Os textos são muito incompletos.

— Talvez consigamos completá-los.

— Os que há, encontram-se num artigo de um jornal matutino de ontem; vou lê-lo. O cabeçalho é este:

“SINGULAR OCORRÊNCIA DURANTE UM CASAMENTO ELEGANTE”

A família de Lorde Robert St. Simon ficou profundamente consternada com os estranhos episódios que ocorreram em relação ao seu casamento. A cerimônia, como foi anunciado nos jornais de ontem, realizara-se na véspera na manhã do dia anterior, mas só agora nos foi possível confirmar os rumores que correm com tanta persistência. Apesar dos esforços de amigos e parentes para encobrir o incidente, a atenção pública está de tal forma interessada que não adianta abafar o que se tornou conhecido de todos.

A cerimônia, que se realizou na igreja de St. George, na Hanover Square, foi de caráter íntimo; assistiram-na apenas o pai da noiva, sr. Aloysius Doran, a Duquesa de Balmoral, Lorde Backwater, Lorde Eustace e Lady Clara St. Simon (os irmãos mais novos do noivo), e Lady Alice Whittington. Todos foram para a casa de sr. Aloysius Doran, na Lancaster Gate, onde o almoço estava pronto. Ocorreu um pequeno incidente pela manhã, causado por uma mulher, cujo nome se ignora, que se esforçou por entrar na casa logo após os participantes do casamento, alegando ter uma reclamação a fazer contra Lorde St. Simon. Só depois de longa discussão, o copeiro e um criado conseguiram pô-la na rua.

A noiva, que felizmente já havia entrado antes da desagradável interrupção, tinha ido se sentar à mesa, mas começou a queixar-se de uma forte dor de cabeça e retirou-se para o quarto. Como a sua prolongada ausência começava a provocar comentários, o pai foi procurá-la. Soube, então, pela aia que a noiva fugira. Um dos criados declarou que tinha visto sair uma senhora com uma capa e um embrulho, mas não quis acreditar que fosse a patroa, julgando que ela estava ao lado dos convidados.

Ao saber que a filha tinha desaparecido, sr. Aloysius Doran e o noivo chamaram a polícia e estão fazendo apuradas investigações que provavelmente conduzirão ao esclarecimento do caso. Corre o rumor de que houve um rapto e se diz que a polícia prendeu a mulher que causou o escândalo, na suspeita de que por ciúme ou qualquer outro motivo pudesse estar relacionada com a fuga da noiva.

— É só isso?

— Só mais um pequeno pormenor noutra jornal matutino, que é bastante sugestivo.

— Qual?

— Srta. Flora Millar, a jovem que provocou o escândalo, já foi presa. Era corista no Allegro Club, e parece que manteve relações com o noivo durante anos.

— É um caso interessante e não o deixarei escapar. Mas alguém está tocando à campainha, Watson, e como já passa das quatro, deve ser o nosso cliente. Não se retire, Watson. Prefiro que seja testemunha desta entrevista.

— Lorde Robert St. Simon — anunciou o nosso criado, abrindo a porta.

Entrou um cavalheiro de fisionomia agradável, apesar de muito pálido e com uma boca um pouco petulante. Os seus movimentos eram rápidos, embora desse a impressão de já ter bastante idade, porque já estava um pouco curvado e dobrava os joelhos ao andar. Quando tirou o chapéu, notamos que o cabelo começava a embranquecer. Trazia colarinho alto, colete branco, luvas amarelas, sapatos de pelica com polainas claras. Entrou na sala vagarosamente, olhando de um lado para o outro e agitando na mão direita uma corrente a que estavam fixas umas lunetas de ouro.

— Bom dia, Lorde St. Simon — saudou Holmes, levantando-se e fazendo uma vênia. — Queira sentar-se na cadeira de verga. Este é o meu amigo e colega dr. Watson. Chegue-se mais para o lume.

— Trata-se de um assunto penoso, sr. Holmes. Fiquei profundamente magoado. Compreendo que o senhor já tenha tratado de diversos casos desta natureza, embora não do meio a que pertença.

— Não. Começa a descer.

— Perdão! Que foi que disse?

— Disse que o meu último cliente foi um rei.

— Oh, verdade? Não fazia idéia. E que rei?

— O rei da Escandinávia.

— Quem perdeu ele?

— O senhor compreende — observou Holmes, suavemente — que guardo sempre segredo a respeito dos problemas dos meus clientes.

— Naturalmente! Peço perdão. Quanto ao meu caso, estou pronto a lhe dar qualquer informação que possa ser útil.

— Obrigado. Sei tudo quanto foi publicado e nada mais. Presumo que posso considerar exato este artigo acerca do desaparecimento da noiva.

Lorde St. Simon passou a vista pelo recorte e confirmou:

— Sim, está correto.

— Mas necessito de mais informações para chegar a uma conclusão.

— Queira interrogar-me...

— Quando foi que o senhor encontrou srta. Hatty Doran pela primeira vez?

— Em São Francisco, há um ano.

— O senhor estava de visita nos Estados Unidos?

— Sim.

— Ficaram noivos naquela ocasião?

— Não. Achei-a interessante e ela percebeu que eu apreciava estar a seu lado.

— O pai dela é muito rico?

— Dizem que é o homem mais rico daquele lado do Pacífico.

— Como foi que ganhou o dinheiro?

— Em minas. Até há poucos anos, não tinha um centavo, mas descobriu ouro, empregou o capital de modo lucrativo e enriqueceu subitamente.

— Qual é a sua impressão pessoal quanto ao caráter da sua jovem esposa?

O homem agitava as lunetas e olhava para as chamas.

— Olhe, sr. Holmes. Minha mulher já tinha feito 20 anos quando o pai se tornou milionário. Até essa altura, passava a vida nos campos de minas, vagueava pelas florestas e montanhas, de modo que a sua educação proveio apenas do seu encontro com a natureza e não de um professor: É impetuosa, vulcânica mesmo, sabe logo o que deve fazer, sendo destemida nas suas resoluções. De outra forma não consentiria que usasse o nome honroso que possuo. Creio que é capaz de sacrificar-se heroicamente e qualquer ato desonroso seria repugnante.

— Tem uma fotografia dela?

— Trouxe esta comigo.

Abriu um medalhão e mostrou-nos o rosto de frente de uma jovem muito linda. Não era uma fotografia, mas uma medalha de madrepérola, e o artista soube salientar o cabelo preto lustroso, os olhos escuros, a boca perfeita. Holmes olhou por longo tempo, depois fechou o medalhão e entregou-o a Lorde St. Simon.

- Então a jovem veio para Londres e o senhor reatou amizade com ela?
- Sim, o pai trouxe-a para passar este inverno em Londres. Encontrei-a diversas vezes, ficamos noivos e agora casamos.
- Ela trouxe, suponho, um grande dote.
- Uma boa herança. Mas não é mais do que o habitual na minha família.
- E essa herança, certamente, vai para o senhor, desde que o casamento seja um *fait accompli*?
- Francamente, não me informei de nada a esse respeito.
- Naturalmente! O senhor viu srta. Doran no dia anterior ao casamento?
- Sim.
- Estava de bom humor?
- Nunca estive melhor. Falava continuamente sobre o que iríamos fazer no futuro.
- Isso é muito interessante. E na manhã do casamento?
- Estava muito alegre antes da cerimônia.
- Observou alguma mudança?
- Bem, para dizer a verdade, só então notei os primeiros sinais de um temperamento ríspido. Contudo, o incidente era trivial e não pode ter relação com o que sucedeu.
- Mesmo assim, é favor que nos conte esse incidente.
- Uma mera criancice. Ela deixou cair o raminho quando fomos para a sacristia. Passávamos em frente do primeiro banco da igreja, o ramo caiu por cima do banco e ficou na chão. Apenas demorou um instante. O cavaleiro que estava na banco apanhou-o e entregou-lhe. Nada mais aconteceu; mas, quando lhe falei no caso, respondeu-me abruptamente e já no carro de regresso a casa parecia agitada com esse incidente tão comum.
- O senhor disse que estava um rapaz no banco? Portanto, também lá estavam pessoas estranhas?
- Certamente. É impossível excluí-las quando as portas da igreja estão abertas.
- Esse senhor não era conhecido de sua mulher?
- Não. Chamei-lhe cavaleiro, por cortesia, mas era uma pessoa de condição modesta. Mal reparei nele. Mas creio que estamos desviando do assunto.
- Lady St. Simon, então, voltou do casamento menos alegre do que na ida. Que fez ela ao chegar à casa do pai?

- Conversava com a aia.
- Quem é essa aia?
- Chama-se Alice. É americana e veio com ela da Califórnia.
- É moça de confiança?
- Total. Pareceu-me que a patroa lhe dava muita liberdade. Mas, na América, olham estas coisas de outro modo.
- Por quanto tempo ficou falando com essa Alice?
- Poucos minutos. Estava pensando noutras coisas.
- Então o senhor não ouviu o que disseram?
- Lady St. Simon falou a respeito de fazer uma “reivindicação”. Estava habituada a usar gírias. Não faço idéia do que queria dizer.
- A gíria americana é, por vezes, muito expressiva. Que fez Lady St. Simon, depois de conversar com a aia?
- Entrou na sala para o almoço.
- Pelo seu braço?
- Não, sozinha. É de espírito muito independente quanto a protocolo. Depois de estarmos sentados, cerca de dez minutos, levantou-se e disse algumas palavras para pedir desculpa, saiu da sala e não voltou mais.
- Mas essa aia, Alice, segundo creio, disse que a patroa subiu ao quarto antes de sair de casa.
- Exatamente, e foi vista mais tarde passeando no Hyde Park em companhia de Flora Millar, a mulher que agora está presa e que já provocou um distúrbio pela manhã na casa do sr. Doran.
- Ah! sim. Gostaria de saber algumas particularidades a respeito dessa moça e das suas relações com ela.
- Lorde St. Simon encolheu os ombros e ergueu as sobrancelhas.
- Conheço-a há alguns anos e, posso afirmar, fomos muito íntimos. Ela ia ao Allegro Club. Tratava-a generosamente e não podia queixar-se de mim, mas o sr. Holmes sabe o que são as mulheres. Flora era boazinha, mas desmiolada, e gostava muito de mim. Escreveu-me cartas horríveis, quando soube que me ia casar e, para dizer a verdade, a razão por que desejei que tudo fosse feito sem convites foi pressentir que poderia surgir um escândalo na igreja. Flora foi a casa do sr. Doran, logo após o nosso regresso, e esforçou-se por entrar, falando numa linguagem ofensiva a respeito de minha mulher

e até ameaçando-a; porém, como eu previa a possibilidade de alguma coisa desse gênero, dei instruções aos meus criados, que imediatamente a expulsaram, de modo que ela, quando percebeu que não adiantava fazer barulho, acalmou-se e foi-se embora.

— Sua esposa ouviu tudo isso?

— Não. Graças a Deus, não ouviu.

— Mas, depois, ambas foram vistas a passear juntas?

— Sim. Isto é de fato o que sr. Lestrade, da Scotland Yard, acha uma circunstância muito séria. Pensa que Flora atraiu minha mulher e lhe preparou qualquer armadilha.

— É uma suposição possível.

— O senhor também pensa assim?

— Não disse que fosse provável, mas possível. E que pensa?

— Acho que Flora não faria mal a uma mosca.

— Mas o ciúme é um grande transformador do caráter. Diga-me qual é a sua teoria a respeito do que aconteceu.

— Para falar a verdade, vim aqui à procura de uma teoria e não para sugeri-la. Dei-lhe todos os fatos, mas, já que o pergunta, digo-lhe que me ocorreu que a excitação desse caso e a idéia de ter subido tanto na escala social causaram a minha mulher uma perturbação mental.

— Ficou louca, de repente?

— Bem. Quando vejo que repudiou tudo quanto tantas outras têm desejado possuir sem conseguirem obter, não posso explicar de outro modo a sua atitude.

— Certamente, também é uma hipótese possível — comentou Holmes, sorrindo. — Agora, Lorde St. Simon, julgo que tenho todos os dados de que preciso. Posso perguntar se, quando o senhor estava sentado à mesa, podia ver para fora da janela?

— Podia ver o outro lado da rua e o parque.

— Muito bem. Creio que não preciso detê-lo por mais tempo. Comunicarei, mais tarde, os resultados.

— Se conseguir resolver este problema... — ia dizendo o nosso cliente, levantando-se.

— Já está resolvido.

— Que foi que disse?

— Que já resolvi o problema.

— Onde está minha mulher?

— Esse é um pormenor que depressa esclarecerei.

Lorde St. Simon abanou a cabeça.

— Receio precisar de cabeças mais sábias do que a sua e a minha — observou e, curvando-se de maneira pomposa, foi embora.

— Foi muita bondade da parte de Lorde St. Simon honrar a minha cabeça, colocando no mesmo nível da sua — satirizou Sherlock Holmes, rindo. — Parece-me que será bom tomarmos um whisky com soda, depois de tantas perguntas. Já tinha tirado as minhas conclusões do caso, antes de o nosso cliente ter entrado.

— Francamente, Holmes! — exclamei, duvidoso.

— Tenho anotações de diversos casos semelhantes, como já lhe disse. A entrevista apenas serviu para transformar a minha hipótese em certeza. A evidência circunstancial é às vezes muito convincente, como seja encontrar uma truta dentro do leite, para citar o exemplo Thoreau.

— Mas eu ouvi tudo o que você ouviu.

— Sem ter o conhecimento dos casos preexistentes que, como sempre, tanto me ajudam. Houve um idêntico em Aberdeen há alguns anos e outro parecido, em Munique, no ano seguinte ao da guerra franco-prussiana. É um daqueles casos... mas, aqui está Lestrade. Boa tarde, Lestrade! Há outro copo, em cima do balcão, e há charutos na caixa.

O detetive da Scotland Yard envergava uma jaqueta e uma gravata que lhe davam uma aparência decididamente náutica, e trazia uma pasta na mão.

Cumprimentando-nos laconicamente, sentou-se e acendeu o charuto que lhe havia sido oferecido.

— O que há então? — perguntou Holmes, piscando-me o olho. — Você parece não estar muito satisfeito.

— Não me sinto nada satisfeito com este caso infernal do casamento de St. Simon. Não tem pé nem cabeça.

— Você me surpreende.

— Onde é que já se viu coisa tão confusa? Todas as pistas nos escapam. Tenho trabalhado nele o dia inteiro.

— E bem molhado parece que ficou — observou Holmes, pondo a mão sobre a manga da jaqueta do amigo.

— Sim, estive dragando o Serpentine.

— Céus, para quê?

— Procurando o cadáver de Lady St. Simon.

Sherlock Holmes encostou-se para trás na poltrona e soltou uma gargalhada.

— E dragou também o tanque de Trafalgar Square? — perguntou.

— Por quê? Que quer dizer com isso?

— Porque, tanto pode encontrar essa senhora num lugar, como noutro. Lestrade fitou, zangado, o meu companheiro.

— Bem, acabei agora de ouvir os fatos, mas já tenho a minha opinião.

— E pensa que o Serpentine nada tem a ver com o caso?

— Não é provável.

— Então queira me explicar por que encontramos isto, no rio.

Abriu a pasta e caiu desta um vestido de noiva em seda bordada, um par de sapatos de cetim branco e o véu com a grinalda, tudo molhado e descorado pela água.

— Aí está — apontou, colocando uma aliança nova em cima das outras peças. — Eis uma “pílula” para você engolir Mestre Holmes.

— Oh! — exclamou o meu amigo, lançando voltas de fumaça para o ar. — Tirou-as do Serpentine?

— Não. Foram descobertas boiando perto da margem por um dos guardas do parque. Foram identificadas como pertencendo a Lady St. Simon e pareceu-me que, se a roupa estava ali, o corpo não podia estar longe.

— De acordo com esse brilhante raciocínio, então, o corpo de cada homem deve estar sempre perto do seu guarda-roupa? E, diga-me, que conclusão esperava tirar destes achados?

— Qualquer pista implicando Flora Millar no desaparecimento de Lady St. Simon.

— Creio que será difícil.

— Realmente agora é — reconheceu Lestrade com amargura. — Estou apreensivo, Holmes. Acho que você não foi eficiente nas suas deduções e conclusões. Cometeu dois erros, em poucos minutos: Este vestido compromete srta. Flora Millar.

— Como?

— O vestido tem um bolso. No bolso encontrei um cartão de visita. No cartão há uma anotação. Aqui o tem.

E colocou-o na mesa à sua frente, lendo em voz alta:

“Ver-me-á, quando estiver tudo em ordem. Venha quanto antes.
F. H. M.”

— Ora, a minha teoria é de que Lady St. Simon foi atraída por Flora Millar e que esta sem dúvida com o auxílio de outros é responsável pelo seu desaparecimento. Aqui, assinado com as suas iniciais, está o próprio bilhete que a atraiu para junto deles.

— Muito bem, Lestrade — aplaudiu Holmes, rindo. — Você é maravilhoso. Deixe-me ver o bilhete.

Pegou no papel negligentemente, mas a sua atenção foi despertada e logo deu um grito de satisfação.

— Isto é importante — considerou.

— Acha que é?

— Muitíssimo. Dou-lhe os parabéns.

Lestrade levantou-se triunfante e baixou a cabeça para o bilhete.

— Mas você está lendo do lado do verso! — exclamou.

— Pelo contrário, este é que é o lado direito.

— O lado direito? Você está louco? Aqui está o recado escrito a lápis, mas deste lado.

— E do outro há o que parece ser parte de uma conta de hotel, que me interessa profundamente.

— Não vale nada. Já a vi. Diz apenas: “Outubro 4, quarto 8 xelins; pequeno-almoço 2 xelins e seis pence; cocktail 1 xelim; lanche 2 xelins e 6 pence; 1 copo de vinho do Porto 8 pence.” Não vejo nada de interessante nisso — concluiu Lestrade.

— Talvez não. Mesmo assim, é da maior importância. Quanto ao bilhete, também é importante, pelo menos as iniciais; por isso, dou-lhe outra vez parabéns.

— Já perdi muito tempo com isso — resmungou Lestrade, levantando-se. — Gosto de trabalhar a valer e não de ficar sentado à lareira tecendo teorias. Até logo, sr. Holmes. Veremos quem descobre isto primeiro.

Juntou a roupa, pôs tudo na pasta e aproximava-se já da porta quando Holmes recomendou:

— Tome esta sugestão a sério, Lestrade, pois é a verdadeira solução do caso, Lady St. Simon é um mito! Nunca existiu.

Lestrade olhou tristemente para o meu companheiro. Depois olhou para mim, bateu com a mão na testa três vezes, meneou a cabeça solenemente e foi-se embora.

Mal saiu, Holmes levantou-se e vestiu o sobretudo.

— Há uma certa verdade no que aquele sujeito disse a respeito do trabalho fora de casa; por isso, Watson, vou deixá-lo com os seus jornais durante algum tempo.

Já passava das cinco da tarde quando Sherlock Holmes me deixou; não tive tempo para sentir-me solitário, pois não passou uma hora, quando chegou um empregado da confeitaria com uma enorme caixa. Desembrulhou-a e abriu-a e, imediatamente, para minha surpresa, uma magnífica ceia começou a encher a nossa mesa de mogno. Havia duas perdizes, um faisão, um patê de folgaras e diversas garrafas. Tenda acabado de pôr tudo sobre a mesa, o criado sumiu-se, como um gênio das “Mil e Uma Noites”, sem uma explicação, a não ser que estava pago e fora mandado para aquele endereço.

Pouco antes das nove horas da noite, Sherlock Holmes entrou, apressado. A sua fisionomia estava grave, mas havia um brilho nos seus olhos que indicava não ter ficado desapontado com as suas conclusões.

— Puseram a mesa, hem? — observou, esfregando as mãos.

— Parece que espera visitas! Jantar para cinco pessoas!

— Sim, é possível que venha alguém e estou surpreso por Lorde St. Simon ainda não ter chegado. Ah! Deve ser ele que vem subindo as escadas.

Era o nosso visitante da manhã, que entrou apressadamente agitando as lunetas com um ar perturbado.

Pelo visto, o meu mensageiro conseguiu falar-lhe — concluiu Holmes.

— Sim, e confesso que o seu recado me surpreendeu imensamente. O senhor tem a certeza daquilo que afirma?

— Absoluta.

Lorde St. Simon caiu numa cadeira e passou a mão pela fronte.

— Que dirá o duque — murmurou —, quando souber que um membro da família foi sujeito a uma tão grande humilhação?

— Trata-se do mais puro acidente. Não vejo aqui nenhuma humilhação.

— Está vendo as coisas por um outro prisma!

— Falta-me saber se alguém tem culpa. Não vejo que outra coisa a jovem pudesse fazer, embora usasse um meio rude, mas não tendo mãe não podia recorrer a quem a aconselhasse numa crise destas.

— Foi uma desfeita, um insulta pública — protestou Lorde St. Simon, batendo com as pontas das dedos na mesa.

— Mas precisa ser complacente com essa pobre moça, colocada numa situação tão insólita.

— Não perdôo coisa alguma. Estou furioso e sinto que fui humilhado.

— Estão tocando — interrompi.

— Sim, ouço passos no vestíbulo; uma vez que não consigo persuadi-lo a ser menos severo, Lorde St. Simon, trouxe um advogado que talvez seja mais bem-sucedido do que eu — anunciou Holmes.

Abriu a porta e deu entrada a uma senhora e a um cavalheiro.

— Lorde St. Simon — continuou —, permita-me que lhe apresente Sr. E Sra. Francis Hay Moulton. A senhora já é sua conhecida.

À vista desses novos visitantes, o nosso cliente sobressaltou-se e ficou ereto na cadeira, mas cabisbaixo com a mão enfiada no peito do casaco, numa atitude de dignidade ofendida.

A senhora deu um passo à frente e estendeu a mão a Lorde St. Simon, que se recusou a levantar os olhos. Talvez fosse melhor, porque a expressão dela era de quem pedia que não fizesse mau juízo a seu respeito e parecia difícil repudiá-lo.

— Está zangado, Robert — e acho que tem razão.

— Não me peça desculpas — replicou Lorde St. Simon, amargamente.

— Oh! Sei que o maltratei e devia ter-lhe falado antes de ir embora, mas fiquei atordoada quando vi Frank, novamente. Não sabia que fazer! Não sei como não desmaiei perante o altar.

— Talvez sra. Moulton gostasse que o meu amigo e eu saíssemos da sala enquanto se explicam?

— Se me permitem, darei a minha opinião — interveio o cavalheiro.— Fez-se grande segredo à volta de todo este caso. Por fim, gostaria que toda a Europa e América conhecessem os fatos.

Era um homem forte, queimado pelo Sol e com olhar vivo.

— Vou contar toda a história — decidiu a senhora.

— Frank e eu nos conhecemos em 1881, no acampamento de McGuire, perto das Montanhas Rochosas, onde meu pai possuía uma propriedade. Ficamos noivos, mas meu pai, certo dia, encontrou um rico veio de ouro e ganhou bastante dinheiro, enquanto o infeliz Frank perdeu a sua propriedade. Enquanto meu pai enriquecia, Frank empobrecia; finalmente, meu pai opôs-se ao nosso casamento e levou-me para São Francisco: Frank não desistiu e seguiu-me até lá, vendo-me sem que meu pai soubesse, pois este se enfurecia facilmente. Ficaria como louco e, portanto, resolvemos agir em segredo. Frank disse que voltaria para fazer fortuna e não viria me buscar antes de ser tão rico como meu pai. Assim, prometi não me casar com outro e esperar quanto tempo fosse preciso.

— Por que não nos casamos agora mesmo? — propôs. — Dessa forma me sentiria seguro; mas não a levo comigo.

Consideramos o caso e ele planejou tudo; até o próprio padre estava à nossa espera; casamos ali mesmo naquele momento. Então Frank foi embora para fazer fortuna e eu voltei para junto de meu pai.

A primeira coisa que ouvi a seu respeito foi que estava em Montana; em seguida foi explorar minas no Arizona e, depois, no Novo México. Mais tarde li uma longa notícia num jornal, sobre um acampamento de mineiros que tinha sido atacado pelos índios Apaches e o nome de Frank estava na lista dos mortos. Desmaiei e fiquei doente durante alguns meses. Meu pai julgou que eu tivesse contraído a tuberculose e levou-me a consultar os melhores médicos de São Francisco.

Durante mais de um ano, não soube nada de Frank. Por isso não duvidei de que estivesse realmente morto.

Foi então que apareceu Lorde St. Simon, em São Francisco. Viemos para Londres e combinou-se o casamento, ficando meu pai satisfeito; mas, durante esse tempo, senti que nenhum outro homem tomaria, no meu coração, o lugar que eu destinei a Frank. Contudo, se tivesse casado com Lorde St. Simon, teria cumprido o meu dever. Não se pode forçar o amor. Só podemos guiar-nos pelas nossas ações. Fui para o altar com a intenção de ser boa esposa. Mas devem calcular os meus sentimentos, quando ao chegar à grade do altar me voltei e vi Frank, no primeiro banco. Pensei que fosse um fantasma, mas olhando de novo, lá estava ele ainda como que perguntando se eu estava alegre ou triste por vê-lo ali. Não sei como não caí. Sei que tive uma tontura e as palavras que o padre pronunciava pareciam o zumbido de uma abelha nos meus ouvidos. Não sabia o que fazer. Devia suspender a cerimônia e fazer um escândalo na igreja? Olhei-o novamente

e ele pareceu adivinhar o que estava pensando, pois ergueu a mão e colocou o dedo nos lábios, indicando que me calasse. Vi que rabiscou qualquer coisa num papel e sabia que era um bilhete. Quando passei perto do banco onde estava, ao sairmos, deixei cair o ramo e ele pôs o bilhete nas minhas mãos, quando me entregou as flores. Era somente uma linha, pedindo-me para ir ter com ele, logo que me fizesse um sinal. Reconheci que o meu primeiro dever era para com ele e resolvi fazer o que me sugerisse.

Ao chegar a casa contei tudo à minha criada particular, que o conhecia da Califórnia. Ordenei-lhe que não dissesse nada, mas que preparasse um embrulho de roupa e tivesse a minha capa à mão. Sei que devia ter falado com Lorde St. Simon, mas era muito difícil perante a mãe dele e toda aquela gente importante. Resolvi fugir e contar tudo depois. Não havia ainda dez minutos que estava à mesa, quando vi Frank pela janela, do outro lado da rua, acenando-me para que fosse ter com ele.

Saí da sala, vesti a capa e parti. Uma mulher que eu não conheço veio dizer-me qualquer coisa a respeito de Lorde St. Simon. Pelo pouco que ouvi, pareceu-me que também ele teve um segredo, quando solteiro. Consegui fugir dela e seguir Frank. Tomamos um trem e fomos para a casa que ele alugara na Gordon Square. Aquele foi o meu verdadeiro casamento, depois de tantos anos de espera.

Frank ficou prisioneiro dos Apaches, mas escapou. Foi a São Francisco, soube que eu o julgava morto e tinha ido para Inglaterra. Seguiu-me e acabou por encontrar-me na hora do meu segundo casamento.

— Li o anúncio no jornal — explicou o americano. — Indicava o nome da igreja, mas não o endereço da noiva.

— Conversamos muito sobre o que se devia fazer e Frank desejava que tudo se esclarecesse, mas eu sentia-me tão envergonhada, que desejava desaparecer e nunca mais ver nenhum deles. Talvez escrevesse umas linhas, dando explicações a meu pai, para que ele soubesse que estava viva. Era horrível lembrar-me de todos aqueles fidalgos ao redor da mesa, à espera do meu regresso. Por isso Frank pegou a minha roupa de casamento, fez um embrulho e atirou-o ao rio. Talvez seguíssemos amanhã para Paris, se não fosse este cavalheiro, sr. Holmes, que foi ter conosco esta tarde. Não sei como nos descobriu. Fez-nos ver que eu estava errada e Frank tinha razão; que sofreríamos alguns vexames, se guardássemos segredo sobre a minha fuga. Depois, ofereceu-se para arranjar um encontro com Lorde St. Simon a sós. Por isso viemos diretamente para o seu apartamento. Agora,

Robert, que já ouviu tudo, lamento sinceramente tê-lo afligido e espero que não pense mal de mim.

Lorde St. Simon manteve a atitude rígida, com a testa franzida e os lábios apertados durante toda a narrativa.

— Desculpe-me — disse —, mas não é meu costume discutir publicamente os meus assuntos particulares.

— Então não me perdoa nem me dá a mão antes de eu partir?

— Oh! Certamente, se isso lhe dá prazer. Estendeu a mão e pegou friamente na da sra. Moulton.

— Esperava que nos desse o prazer de cear amigavelmente conosco — sugeriu Holmes.

— Creio que o senhor está pedindo demais — respondeu Lorde St. Simon. — Suponho que sou obrigado a aceitar os recentes acontecimentos, mas não devem esperar que me alegre com eles. Desejo-lhes, a todos, boa noite.

Inclinou-se também a nós e, com uma reverência, saiu pomposamente.

— Então, espero, pelo menos, que o senhor me honre com a sua companhia — sugeriu Holmes. — É sempre um prazer para mim, sr. Moulton, encontrar um americano, porque sou daqueles que crêem que a tolice de um monarca e os erros de um ministro ⁽⁶⁾, do passado, não impedirão que os nossos filhos se tornem cidadãos de uma mesma Nação sob uma bandeira que será dividida entre a Union Jack da Inglaterra e as Stars and Stripes da América.

— Este caso foi realmente interessante — observou Holmes, depois da partida dos nossos visitantes. — Serve para demonstrar claramente como pode ser simples a explicação de uma coisa que antes parecia inexplicável. Nada poderia ser mais natural do que a seqüência dos acontecimentos narrados por esta jovem e nada mais estranho do que o resultado, quando visto, por exemplo, pelo sr. Lestrade da Scotland Yard.

— Então, você não se enganou?

— Desde o princípio que dois fatos eram óbvios: primeiro, que a jovem havia consentido na cerimônia do casamento e que se arrependeu poucos minutos depois de chegar a casa. Era evidente que qualquer coisa

⁽⁶⁾ Referência ao imposto sobre o chá, que provocou a rebelião e seqüente independência da colônia inglesa da América do Norte, dando origem assim aos Estados Unidos.

aconteceu naquela manhã para fazê-la mudar de opinião. Que poderia ser? Não falou com ninguém quando saiu da igreja, porque estava junto do noivo. Teria visto alguém da América? Estivera tão pouco tempo no nosso país que aqui não poderia haver quem tivesse tão grande influência sobre ela, ao ponto de induzi-la a mudar os planos completamente. Chegamos, como vê, pelo processo da exclusão, à idéia de que poderia ter visto um americano. Quem seria esse americano e por que exercia tanta influência sobre ela? Podia ser um namorado; podia ser um marido. Eu já sabia que ela passou a infância em lugares meio selvagens, sob condições estranhas e vendo cenas inconvenientes. Estes cálculos eu já havia feito antes de ouvir a narrativa de Lorde St. Simon. Mas quando ele nos falou do homem no banco da igreja e do procedimento estranho da noiva, após ter deixado cair o ramo (para receber um bilhete), a situação tornou-se clara. Ela fugiu com outro homem, namorado ou marido, e era mais provável que fosse este último caso.

— E como conseguiu descobrir o homem?

— Podia ter sido mais difícil, mas o amigo Lestrade tinha nas mãos, sem saber, uma informação de grande valor. As iniciais eram da maior relevância, mas mais importante ainda era saber que o jovem, esta semana, tinha pago a conta num dos hotéis mais seletos de Londres.

— Como deduziu que era seletos?

— Pelos preços! Oito xelins por uma cama e oito pence por um copo de vinho do Porto provavam tratar-se de um dos hotéis mais caros. Poucos têm esse preço. No segundo que visitei, Northumberland Avenue, fiquei ciente de que um tal sr. Francis H. Moulton, americano, tinha deixado o hotel no dia anterior e, ao ver seu registro, deparei justamente com as despesas que lera naquela conta; as suas cartas deveriam ser remetidas para o nº 226 da Gordon Square. Fui até lá e tive sorte, porque encontrei o casazinho em casa. Aconselhei-os paternalmente e disse-lhes que, de todas as maneiras, seria melhor esclarecer os acontecimentos, tanto para o público como para Lorde St. Simon. Convidei-os a virem encontrá-lo aqui e, como viu, também consegui que ele viesse.

— E com resultados excelentes — observei. — Contudo, a conduta dele não foi delicada.

— Ah! Watson — concluiu Holmes, sorrindo. — Talvez você também não fosse muito delicado se, depois de tanto esforço em cortejar e se casar, se visse, em tão curto espaço de tempo, despojado tanto da mulher como

da sua fortuna. Penso que devemos desculpar Lorde St. Simon e pedir a Deus para nunca nos colocar em semelhante situação. Chegue a cadeira mais para perto do lume e passe-me o meu violino, porque, agora, o nosso único problema é descobrir qual a melhor maneira de passar estas frias noites outonais.

FIM

ÍNDICE

A MORTE DO CHANTAGISTA

OS CINCO CAROÇOS DE LARANJA	7
A PONTE DE THOR	23
OS SEIS NAPOLEÕES	45
O CÍRCULO VERMELHO	63
A MORTE DO CHANTAGISTA	82
O ARISTOCRATA SOLTEIRÃO	99

